



ANAIS DO I CONGRESSO INTERMUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO GRANDE ABCMRR

25 E 26 DE JUNHO DE 2018

Resumos expandidos

**Consórcio Intermunicipal Grande ABC
Grupo de Trabalho Educação
2018**



Ficha catalográfica

C749a Congresso Intermunicipal de Educação do Grande ABCMRR.
Anais do I Congresso Intermunicipal de Educação do
Grande ABCMRR : resumos expandidos. – Santo André :
CIGABC, 2018.
XX p.; 30 cm.

1. Educação – Congressos -- ABCD Paulista. 2. Educação --
Inovações tecnológicas -- ABCD Paulista. I. Título. II. Consórcio
Intermunicipal Grande ABC. Grupo de Trabalho Educação.

CDU 37:005.745(815.6)ABC



SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Apresentação..... | 004 |
| Programação..... | 008 |
| Eixo Temático 1: Inovação, Educação e Inclusão..... | 015 |
| Eixo Temático 2: Inovação, Educação e Boas Práticas na Educação Infantil..... | 024 |
| Eixo Temático 3: Inovação, Educação e Boas Práticas no Ensino Fundamental..... | 047 |
| Eixo Temático 4: Inovação, Educação e Boas Práticas no Ensino Médio e Educação Profissional..... | 066 |
| Eixo Temático 5: Inovação, Educação e Boas Práticas na EJA..... | 092 |
| Eixo Temático 6: Inovação, Educação e Boas Práticas na Formação de Professores... | 106 |
| Eixo Temático 7: Inovação, Educação e Boas Práticas Integrando Tecnologia..... | 119 |
| Eixo Temático 8: Inovação, Educação e Boas Práticas de Gestão..... | 141 |

APRESENTAÇÃO

Histórico

Proposto pelo Grupo de Trabalho Educação do Consórcio Intermunicipal Grande ABC na reunião ordinária de 26 de janeiro de 2018 e realizado nos dias 25 e 26 de junho de 2018, o 1º Congresso Intermunicipal de Educação do Grande ABCMRR teve o intuito de dar visibilidade às boas práticas desenvolvidas nas redes públicas de educação.

O evento, uma iniciativa inédita na região, surgiu a partir do desejo de discutir a Educação e aproximar suas práticas numa grande oportunidade para unir acadêmicos e educadores. Com o apoio dos gestores educacionais atuantes no Consórcio Intermunicipal Grande ABC, o evento possibilitou a integração entre os municípios em um processo de reflexão e atualização sobre temas e desafios contemporâneos.

O Congresso teve o intuito de refletir sobre as Políticas Públicas Educacionais e suas implicações na região do Grande ABCMRR; dar visibilidade às boas práticas desenvolvidas nas redes públicas de educação; reconhecer e valorizar a autoria intelectual docente; analisar as problemáticas, desafios e oportunidades que determinam os cenários da Educação da Infância e Juventude, tendo em vista uma educação mais qualificada aos novos tempos; debater os desafios contemporâneos na educação e compartilhar boas práticas pedagógicas desenvolvidas nas redes municipais de ensino com professores, gestores, educadores, supervisores e coordenadores pedagógicos.

Para tanto, procurou reunir relatos, experiências e pesquisas desenvolvidas por educadores das redes públicas de ensino, propor novas intervenções e indicar necessidades de novos estudos em cada área de abrangência da educação, por meio da submissão dos respectivos trabalhos.

O processo de planejamento e de organização do evento foi construído coletivamente pelo Grupo de Trabalho Educação e pelas Comissões Organizadora e Científica e pelas equipes municipais de educação.

Sua realização foi possível graças à participação das redes de ensino municipais, à parceria e ao apoio técnico das Escolas Técnicas Estaduais (ETECs)/ Centro Paula Souza, do Centro Universitário FEI, da Faculdade de Mauá – FAMA, da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), do Centro Universitário Fundação Santo André (FSA) e da Undime - União dos Dirigentes Municipais de Educação de São Paulo, além de outros apoiadores.

O logotipo do evento foi desenvolvido por alunos do curso de *design* de interiores da ETEC Júlio de Mesquita.



Os números do Congresso

As redes de ensino envolvidas na organização do Congresso possuem 12.051 professores.

| Municípios | Redes Municipais | ETECS | TOTAL | % |
|-----------------------|------------------|-------|--------|-------|
| Santo André | 1.988 | 198 | 2.186 | 18,1% |
| São Bernardo do Campo | 5.000 | 208 | 5.208 | 43,2% |
| São Caetano do Sul | 1.800 | 150 | 1.950 | 16,2% |
| Mauá | 1.500 | 45 | 1.545 | 12,8% |
| Ribeirão Pires | 1.002 | 50 | 1.052 | 8,7% |
| Rio Grande da Serra | 80 | 30 | 110 | 0,9% |
| TOTAL | 11.370 | 681 | 12.051 | 100% |

O Congresso reuniu:

- 372 trabalhos inscritos;

| Município | Quantidade de trabalhos inscritos |
|-----------------------|-----------------------------------|
| Santo André | 111 |
| São Bernardo do Campo | 111 |
| São Caetano do Sul | 79 |
| Mauá | 38 |
| Ribeirão Pires | 9 |
| Rio Grande da Serra | 0 |
| ETEC | 24 |
| Outros Municípios | 0 |
| Total | 372 |

- 152 trabalhos selecionados na primeira etapa de seleção municipal;

| Eixos | Quantidade | | | Responsável pela análise |
|--|------------|-------|-------|--------------------------|
| | Manhã | Tarde | Total | |
| EIXO 1: Inovação, Educação e Inclusão | 6 | 6 | 12 | Mauá |
| EIXO 2: Inovação, Educação e boas práticas na Educação Infantil | 23 | 16 | 39 | Mauá |
| EIXO 3: Inovação, Educação e boas práticas no Ensino Fundamental | 19 | 17 | 36 | São Bernardo do Campo |
| EIXO 4: Inovação, Educação e boas práticas no Ensino Médio e Educação Profissional | 17 | 8 | 25 | ETEC |
| EIXO 5: Inovação, Educação e boas práticas na EJA | 3 | 5 | 8 | Santo André |
| EIXO 6: Inovação, Educação e boas práticas na formação de professores | 6 | 5 | 11 | São Caetano do Sul |
| EIXO 7: Inovação, Educação e boas práticas integrando tecnologia | 4 | 3 | 7 | São Bernardo do Campo |
| EIXO 8: Inovação, Educação e boas práticas de Gestão | 9 | 5 | 14 | São Caetano do Sul |
| Total | 87 | 65 | 152 | |

- **98** trabalhos selecionados na segunda etapa de seleção municipal e apresentados no Congresso;

| Eixos | Quantidade | | |
|--|------------|-------|-------|
| | Manhã | Tarde | Total |
| EIXO 1: Inovação, Educação e Inclusão | 6 | 6 | 12 |
| EIXO 2: Inovação, Educação e boas práticas na Educação Infantil | 9 | 6 | 15 |
| EIXO 3: Inovação, Educação e boas práticas no Ensino Fundamental | 9 | 6 | 15 |
| EIXO 4: Inovação, Educação e boas práticas no Ensino Médio e Educação Profissional | 6 | 6 | 12 |
| EIXO 5: Inovação, Educação e boas práticas na EJA | 3 | 6 | 9 |
| EIXO 6: Inovação, Educação e boas práticas na formação de professores | 6 | 5 | 11 |
| EIXO 7: Inovação, Educação e boas práticas integrando tecnologia | 6 | 6 | 12 |
| EIXO 8: Inovação, Educação e boas práticas de Gestão | 6 | 6 | 12 |
| Total | 51 | 47 | 98 |

- mais de 100 pessoas envolvidas direta e indiretamente na organização;
- **19** reuniões das Comissões Organizadora e Científica;
- **619** participantes presentes na abertura do evento, além dos membros das Comissões Organizadora e Científica e da equipe de apoio de São Caetano do Sul;
- **6** universidades envolvidas na organização, nas palestras e/ ou nas mediações (UMESP, FEI, USCS, FAMA, FSA, UFABC), além as ETECs/ Centro Paula Souza de todas as cidades da região e de outros apoiadores;
- **782** participantes no segundo dia, além dos membros das Comissões Organizadora e Científica e da equipe de apoio de São Bernardo do Campo;
- **146** expositores entre autores e coautores;
- **12** palestrantes (primeiro e segundo dias);
- **26** mediadores (primeiro e segundo dias);
- **10** oficinas realizadas no segundo dia;
- **66** trabalhos cujos autores inscreveram seus resumos expandidos para constar nos Anais do Congresso.

Programação

Dia 25/06/2018 - Abertura em São Caetano do Sul - Teatro Paulo Machado de Carvalho

Alameda Conde de Porto Alegre, 840 - Santa Maria, São Caetano do Sul - SP

Público-alvo: diretores, coordenadores e supervisores pedagógicos, gestores da educação

13h - Credenciamento

13h30min - Abertura

14h - Tema: Diálogo BNCC – Base Nacional Comum Curricular

Palestrantes:

- ALMÉRIO MELQUÍADES DE ARAÚJO - Coordenador do Ensino Médio e Técnico - Centro Paula Souza – BNCC no ensino médio
- LUÍS CARLOS DE MENEZES – Membro do Conselho Estadual de Educação em São Paulo e consultor Unesco para propostas curriculares
- MOZART RAMOS - Diretor de Articulação e Inovação Instituto Ayrton Senna
- SILVIA DONNINI – Secretária de Educação de São Bernardo do Campo – construção da BNCC

Mediador:

- PAULO SÉRGIO GARCIA – Diretor do CECAPE - Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação de São Caetano do Sul

Dia 26/06/2018 - em São Bernardo do Campo – CENFORPE (Centro de Formação de Profissionais da Educação)

Av. Dom Jaime de Barros Câmara, 201 - Planalto, São Bernardo do Campo - SP, 09891-420

Público-alvo: educadores das redes de ensino

Apresentação dos 96 trabalhos selecionados dos 372 inscritos para os eixos temáticos:

- EIXO 1: Inovação, Educação e Inclusão
- EIXO 2: Inovação, Educação e boas práticas na Educação Infantil
- EIXO 3: Inovação, Educação e boas práticas no Ensino Fundamental
- EIXO 4: Inovação, Educação e boas práticas no Ensino Médio e Educação Profissional
- EIXO 5: Inovação, Educação e boas práticas na EJA
- EIXO 6: Inovação, Educação e boas práticas na formação de professores
- EIXO 7: Inovação, Educação e boas práticas integrando tecnologia
- EIXO 8: Inovação, Educação e boas práticas de Gestão



Realização de oficinas

| SALA | HORÁRIOS | OFICINAS | Eixo | Responsável |
|-------------------|--------------|--|------|-----------------------|
| 26 | 9h às 10h30 | Jogos na alfabetização para alunos com TEA | 1 | Santo André |
| | 10h30 às 12h | Robótica e conexão com o mundo | 7 | Rio Grande da Serra |
| | 14h às 15h30 | Musicalização infantil, brincar, sentir, tocar | 2 | Santo André |
| | 15h30 às 17h | Robótica e conexão com o mundo | 7 | Rio Grande da Serra |
| MEDIATECA | 9h às 10h30 | O brincar heurístico e os cestos dos tesouros | 2 | São Caetano do Sul |
| | 10h30 às 12h | Desenvolvimento da competência leitora | 3 | São Caetano do Sul |
| | 14h às 15h30 | O brincar heurístico e os cestos dos tesouros | 2 | São Caetano do Sul |
| | 15h30 às 17h | Desenvolvimento da competência leitora | 3 | São Caetano do Sul |
| 25 | 9h às 10h30 | Iniciação a Língua Brasileira de Sinais | 1 | Ribeirão Pires |
| | 10h30 às 12h | Jogos matemáticos: aprender brincando | 1 | Mauá |
| | 14h às 15h30 | De olho no Braile | 1 | Ribeirão Pires |
| | 15h30 às 17h | Libras para todas as idades | 1 | Mauá |
| Espaço Tecnologia | 9h às 10h30 | Aprendizagem Criativa | 7 | São Bernardo do Campo |
| | 10h30 às 12h | | | |
| | 14h às 15h30 | Aprendizagem Criativa | 7 | São Bernardo do Campo |
| | 15h30 às 17h | | | |

Colóquio com as universidades

Tema: O papel das universidades na formação dos professores que atuam nas redes de ensino da região do Grande ABC

Horário: 10h30min às 12h

Palestrantes confirmados:

- USCS - Nonato Assis de Miranda
- FEI - Fábio Gerab
- FAMA - Msc. Eliana Vileide Guardabassio
- UMESP – Marcelo Furlin

Mediadora:

- Centro Paula Souza – Sabrina R. Ferreira Gomes

Mesa redonda

Tema: Inovação e tecnologia

Horário: 14h às 17h

Palestrantes confirmados:

- UMESP - Bruno H. Galasse
- UMESP – Patrícia Coelho
- USP – Daniela Bogolenta
- UFABC – Nelson Studart

Mediadora: Analúcia de Oliveira Morales Vilha

Abertura

Ocorreu em São Caetano do Sul, no Teatro Paulo Machado de Carvalho. Com a mediação do Professor PAULO SÉRGIO GARCIA, Diretor do CECAPE - Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação, os palestrantes convidados discutiram a Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

O primeiro palestrante a falar foi o Professor ALMÉRIO MELQUÍADES DE ARAÚJO, Coordenador do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Ele relatou como as ETECs estão incorporando a BNCC nos currículos dos seus cursos.

Falou sobre o impacto das reformas na rede de ensino médio e sobre o monopólio da oferta pública de ensino técnico pelo Centro Paula Souza - CPS, parceiro da Secretaria de Educação do Estado.

Comentou sobre o perfil do jovem paulista que, em geral, faz o ensino técnico tardiamente e que tem dificuldade de inserção no mundo do trabalho. Disse que apenas 8% dos alunos do ensino médio têm acesso ao ensino técnico.

Relatou a experiência das ETECs com turmas de ensino médio regular dividida em 3 grandes áreas: ciências exatas e engenharia; ciências biológicas, agrárias e saúde; ciências humanas e sociais.

O segundo palestrante foi o Professor MOZART RAMOS, Diretor de Articulação e Inovação Instituto Ayrton Senna. Defendeu que o caminho rápido e seguro para implantar a base é pela via terrestre, tendo em vista que o Brasil é um país desigual e não há equidade ao longo dos anos de estudo. Em geral, os que têm perfil sócio-econômico mais elevado levam vantagem sobre os mais pobres.

Falou que a educação passa pelo desenvolvimento da pessoa e trabalha os conceitos de qualidade e de equidade.

Explicou que, com a revolução 4.0, exige-se que o aluno esteja preparado para ter um pensamento crítico, para resolver problemas, para trabalhar em equipe entre outros.

Salientou que para o país crescer economicamente será preciso espelhar-se nas boas práticas, preparar os alunos para esse novo cenário, repensar a formação inicial e continuada do professor nas universidades.

Mencionou os estudos que mostram que os alunos com habilidades sócio-emocionais desenvolvidas aprendem mais. Falou sobre o trabalho do Instituto Ayrton Senna de educação integral que trabalha essas habilidades simultaneamente com as cognitivas em regime de cooperação com o poder público.

Acenou a possibilidade de uma parceria com o Consórcio Intermunicipal Grande ABC para um trabalho conjunto na região.

A terceira palestrante, Professora SILVIA DONNINI, Secretária de Educação de São Bernardo do Campo, destacou o papel do Consórcio Intermunicipal Grande ABC para a realização do evento e trouxe o histórico de construção da BNCC.

Explicou como foi o processo de construção da BNCC que, pela primeira vez no país, determinou um conjunto de aprendizagem.

Disse que o país ao longo dos anos gerou desigualdades e não deu conta das crianças mais vulneráveis.

Nesse sentido, a BNCC veio como uma política de enfrentamento à desigualdade, superando os limites da política, contando em seu texto com mais de 12 milhões de contribuições.

Após as audiências públicas, a última versão foi finalizada com 1.400 páginas em 9 volumes.

Destacou a importância da consulta pública para garantir a representatividade dos professores.

Ressaltou a necessidade do regime de colaboração para superar as desigualdades, a importância do Consórcio Intermunicipal Grande ABC e da existência do Grupo de Trabalho Educação.

Explicou que a base é um instrumento de melhoria das aprendizagens, mas a especificidade das regiões será contemplada nos currículos e nos projetos pedagógicos.

Professor LUÍS CARLOS DE MENEZES, Membro do Conselho Estadual de Educação em São Paulo e consultor Unesco para propostas curriculares, falou dos problemas encontrados na BNCC, que exige um professor polivalente nos anos iniciais. Ele deve ser capaz de preparar o aluno para a passagem do ensino básico para o ensino médio. Disse que a alfabetização no Brasil é uma das piores do mundo. Falou também da necessidade de haver uma boa retaguarda de coordenadores e de supervisores pedagógicos para dar suporte ao professor, de modernizar o ensino médio e de se respeitar a especificidade das escolas.

No debate, destacaram-se os seguintes pontos: maior autonomia das ETECs em relação às outras redes públicas de ensino, pois o diretor da escola seleciona o professor e o aluno tem autonomia para fazer projetos; necessidade de profissionalização da gestão da educação no Brasil e da integração do ensino médio com o fundamental.

Os palestrantes de forma geral salientaram que a implantação da BNCC depende da conjugação dos esforços entre os municípios e que, neste sentido, os consórcios públicos podem ser grandes aliados na realização desse processo.

Segundo dia

Dos 372 trabalhos inscritos, foram apresentados 96 trabalhos por 146 expositores (entre autores e coautores), em 8 eixos temáticos (Inclusão, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Formação de Professores, Tecnologia e Gestão), no Centro de Formação de Profissionais de Educação de São Bernardo do Campo - Cenforpe.

Das palestras e das mediações participaram 6 universidades da região (UMESP, FEI, USCS, FAMA, FSA, UFABC), além das ETECs/ Centro Paula Souza, da USP e de outros apoiadores.

Também foram desenvolvidas 10 oficinas pelas redes municipais das cidades consorciadas: Jogos na alfabetização para alunos com TEA; Robótica e conexão com o mundo; Musicalização infantil, brincar, sentir, tocar; O brincar heurístico e os cestos dos tesouros; Desenvolvimento da competência leitora; Iniciação à Língua Brasileira de Sinais; Jogos Matemáticos: aprender brincando; Libras para todas as idades; Aprendizagem Criativa.

Colóquio entre universidades

Na parte da manhã, em paralelo às apresentações dos trabalhos, houve o Colóquio entre as universidades com o tema “O papel das universidades na formação dos professores que atuam nas redes de ensino da região do Grande ABC”.

Com a mediação da Professora Sabrina R. Ferreira Gomes (Centro Paula Souza), debateram: Professor Nonato Assis de Miranda (USCS) – papel e dificuldades das universidades na formação do professor, Professor Marcelo Furlin (UMESP) – como conceito de complexidade pode auxiliar a enfrentar os desafios da educação, Professora Eliana Vileide Guardabassio (FAMA) – educação ambiental e Professor Fábio Gerab (FEI) – transição do aluno de ensino médio para o ensino superior e dificuldades enfrentadas pelas universidades para preparar esse aluno para um ambiente de alta complexidade.

Tecnologia e inovação contribuições para a inovação

Professora Analúcia de Oliveira Morales Vilha mediu os palestrantes.

Professora DANIELA BOGOLENTA (USP) falou sobre a relação das crianças com a tecnologia dentro e fora da escola, pesquisa que vem realizando no município de São Bernardo do Campo.

Professor BRUNO GALASSE (UMESP) discorreu sobre as características dos estudantes do século XXI e de como deveriam ser formados os professores para lidar com o contexto atual.

Professor NELSON STUDART (UFABC) trouxe exemplo de experiência de disseminação e de apropriação social das tecnologias digitais numa escola pública.

Professora PATRÍCIA COELHO (UMESP) explanou sobre os nativos digitais e a lógica não linear do pensamento deles. Trouxe o conceito de ubiquidade (capacidade de estar aqui e no virtual ao mesmo tempo).

EIXO TEMÁTICO 1: INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

ATIVIDADES RECREATIVAS COMO INCLUSÃO DAS CRIANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO 1º E 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Amanda Pinto MATIAS

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA NOS ESPAÇOS ESCOLARES: O USO DE PLACAS DE IDENTIFICAÇÃO

Amanda Cavalcante de OLIVEIRA

DESAFIOS E SURPRESAS NA INCLUSÃO E ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA CEGA

Valquiria Bertuzzi VERONESI

PROJETO "DIVERSIDADE"

Renata Viviane Montagneri CRESPO

ATIVIDADES RECREATIVAS COMO INCLUSÃO DAS CRIANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO 1º E 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Amanda Pinto MATIAS
Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Pires
E.M. Lavínia de Figueiredo Arnon

RESUMO:

O presente trabalho vem relatar e apresentar as atividades recreativas como aspecto de inclusão dos alunos do 1º e 2º ciclo do ensino fundamental (de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais) nas aulas de Educação Física Escolar, pois sabemos que no ambiente escolar existem várias formas de exclusão, que na maioria das vezes são geradas pelo preconceito e discriminação dos colegas de sala, desferindo chacotas aos companheiros que julgam serem “diferentes”, por não terem habilidades ou até mesmo por não estarem nas condições físicas ditas “normais”. Diante desta situação alguns alunos deixam de participar das aulas, pois sentem-se inúteis perante o professor e perante aos seus colegas, e até mesmo os que participam podem sair com o sentimento de constrangimento, sentindo-se menosprezados perante ao considerados “bons”. Com isso, viemos propor algumas formas de trabalho apropriando-se da riqueza e da diversidade das atividades a serem trabalhadas na Educação Física Escolar. Trazemos neste trabalho a recreação como principal aliado no pleno desenvolvimento da inclusão das crianças de 1º e 2º ciclo do ensino fundamental e os temas transversais como auxílio no desenvolvimento destas atividades. Trazendo nas atividades o “brincar” de forma prazerosa para as crianças, o que gera uma melhor aceitação de um para com o outro. Não tendo assim uma disputa por habilidades físicas, mas sim a inclusão de qualquer indivíduo ao grupo.

Palavras-chave: Educação física. Ensino fundamental. Inclusão escolar. Recreação.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA NOS ESPAÇOS ESCOLARES: O USO DE PLACAS DE IDENTIFICAÇÃO

Amanda Cavalcante de OLIVEIRA
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Neusa Basseto

RESUMO:

A inclusão de crianças com deficiência nas escolas regulares vem crescendo significativamente nos últimos anos. Neste cenário, há escolas organizadas para atender crianças com surdez, afim de promover a imersão destes alunos em sua cultura e língua de instrução – a Libras. Faz-se necessário, portanto, ampliar e aprofundar as discussões já existentes a este respeito. Com isso, este estudo justificou-se pela necessidade de compreender como se dá a construção da identidade surda dentro de um contexto educacional onde a maioria linguística é ouvinte. Frente a isso, será apresentado uma ação interventiva realizada em uma escola da rede pública de ensino.

A atual legislação brasileira visa transformar a sociedade em um espaço integral e inclusivo a todos. Com o intuito de atender as mudanças legais, o ambiente educacional sofre diariamente alterações e adaptações afim de atender as especificidades das crianças matriculadas na unidade escolar.

Com isso, o presente trabalho busca relatar uma experiência em uma escola de educação infantil, da rede pública, caracterizada como Escola Polo para crianças surdas. Neste contexto emerge um questionamento: como se dá a construção da identidade surda nos espaços escolares no contexto da Educação Infantil?

Com objetivo a promoção do acesso, participação e aprendizagem no ensino regular, assim como a garantia do atendimento especializado de acordo com as necessidades específicas do aluno (BRASIL, 2011) esta escola oferta uma sala, no contra turno do ensino regular, para o AEE de LIBRAS. Este trabalho acontece diariamente com o intuito de proporcionar as crianças a imersão à Língua Brasileira de Sinais, com a presença de um educador surdo e da mediação de um professor e de um auxiliar de educação, ambos fluentes na língua.

Porém, observamos que o espaço educacional, não estava preparado para as crianças. Tampouco proporcionava um espaço inclusivo para um diálogo entre os surdos e os ouvintes.

Observávamos a dificuldade dos alunos surdos em se localizarem na unidade escolar, bem como explicar um fato que estivesse diretamente relacionado a um espaço.

Frente a isso, buscamos nos estudos do Skliar (1998, p. 27-28) que explica que “a surdez é uma experiência visual” e assim sendo, “não é possível aceitar, de forma alguma, o visual da língua de sinais e disciplinar a mente e o corpo das crianças surdas como sujeitos que vivem uma experiência auditiva”.

Com isso, procuramos identificar os espaços, de modo que os surdos pudessem, autonomamente, reconhecer os espaços e se deslocar entre eles.

Entretanto, se colocássemos apenas a placa com o sinal do espaço em LIBRAS, não estaríamos realizando a adequação necessária à implementação da perspectiva bilíngue, proposta pelas políticas nacionais. Estaríamos apenas comunicando à um grupo específico, os surdos, o qual também já tivesse se apropriado do sinal do espaço.

Precisaríamos proporcionar algo a mais, para que pudesse atingir a todas as crianças, surdas e ouvintes, levando em consideração o fato de ser sujeitos em processo de aquisição de língua; e de apropriação do código de escrita.

Perlin (1998) explica que ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre espaços culturais.

Para isso, iniciamos um trabalho de conhecimento dos espaços escolares, buscando estabelecer com o grupo, aquilo que mais se destacava e fosse representativo no espaço.

Com isso, realizamos um trabalho com as crianças de registro fotográfico e depois, fizemos a seleção das fotos e elegemos uma imagem que representaria o local. Juntamente, estudávamos os sinais da Libras que mais comunicavam aquilo que o espaço proporcionava. Selecionamos os sinais e criamos as placas que identificariam os espaços.

Porém, ao finalizar esse trabalho, e pensando que a escola de educação infantil é um ambiente que deva promover a alfabetização, propusemos ao grupo a inserção da palavra escrita em português, para que assim, fosse acessível a todos, de forma a auxiliar no processo de aquisição do código de escrita. Com o material pronto, realizamos a fixação das placas com as crianças, em uma altura compatível a elas.

Ao término deste processo de identificação, percebemos que as placas auxiliavam as crianças surdas a se localizarem nos espaços, bem como as ajudava na apropriação do sinal.

No coletivo, observamos que as turmas do ensino regular, ficaram curiosas com aquelas placas fixadas nos espaços. Aproveitando o próprio interesse das crianças, realizamos a apresentação dos sinais dos espaços, onde pudemos explicar a função social da placa de identificação, bem como proporíamos a utilização os sinais para auxiliar na comunicação entre eles.

A partir do desenvolvimento desta pesquisa, foi possível compreender como se dá este trabalho, através do embasamento teórico que sustenta este estudo e da pesquisa de campo na escola.

Com a realização desta investigação constatou-se que são várias as formas de promoção da cultura surda em espaços educacionais.

Consequentemente, foi possível entender a relevância da presença de placas identificadoras nos espaços escolares, pois estas auxiliam as crianças surdas a se localizarem nos espaços, bem como as ajuda na apropriação do sinal.

Por outro lado, despertou também a vontade das crianças ouvintes em aprenderem mais sinais da Libras para assim, poder se comunicar com os colegas surdo, uma vez que estes interagem dentro da rotina escolar.

Portanto, é possível concluir que a inserção dessas intervenções com o intuito de promover a identidade surda, em um ambiente ouvinte, afim de valorizar a cultura dos alunos surdos, presentes neste espaço escolar é positiva.

Através destas práticas é possível trabalhar na perspectiva da diversidade cultural presente nas escolas, bem como realizar um trabalho de respeito as diferenças.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Educação infantil. Comunicação visual na escola.
Crianças surdas.

DESAFIOS E SURPRESAS NA INCLUSÃO E ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA CEGA

Valquiria Bertuzzi VERONESI
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
EMEIEF Carlos Drummond de Andrade

RESUMO:

O presente relato aborda o trabalho desenvolvido durante a alfabetização de uma criança cega, cuja vontade de aprender tem superado percalços em sua trajetória escolar e familiar. Tem como objetivos discutir possibilidades de aprendizagem durante o processo de alfabetização e os desafios encontrados, bem como o acolhimento, a socialização e o desenvolvimento integral da criança. Esta criança é estudante de uma Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental, na cidade de Santo André. Considerando que as pessoas cegas, diante das oportunidades ou escolhas que fazem, podem aumentar ou minimizar suas diferenças em relação aos videntes, a criança observada traz em seu perfil a segunda opção. A inserção da criança cega nas práticas de leitura e escrita aconteceu por meio da alfabetização e letramento não apenas das palavras, principalmente por meio da exploração do ambiente, do entorno e de objetos diversos de forma intensa e lúdica. Os sentidos aguçados contribuíram para agregar conhecimentos com significado e em seguida foi introduzido o sistema Braille. A metodologia esteve sustentada por uma perspectiva dialógica e observação participativa. Para o diálogo entre a teoria e a prática, foram escolhidos autores como Freire (1996), Morin (2000, 2004) e Vigotsky (2007).

Para aprender, quer seja vidente ou não, todas as crianças precisam ser encantadas e convidadas a diferentes descobertas e vivências. As práticas devem pautar-se na leitura de mundo antes da leitura das palavras, de acordo com nosso mestre Freire (1996, p.139) “A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo”.

Considerando que somos seres históricos, de direitos e constituídos pelos aspectos físico, emocional, criativo/imaginativo, cognitivo, social e cultural, há que se proporcionar experiências que perpassam todas essas interfaces e assim, possam efetivar a aprendizagem em toda a complexidade humana. Deparar-me com uma criança cega e o trabalho com a alfabetização de todos os alunos provocou momentos de dúvidas e inseguranças, foi buscando em Morin (2000, p.86) que encontrei a reflexão para minhas angústias: “Temos, às vezes, a impressão de que a ação simplifica, pois em uma alternativa decide-se, escolhe-se. Entretanto, a ação é decisão, escolha, mas é também uma aposta. E na noção de aposta há a consciência do risco e da incerteza”.

Inicialmente, para acolher e envolver o grupo, utilizamos “a caixa surpresa” visando minimizar algumas diferenças, incitar a curiosidade e integrar as crianças, momento em que todos puderam participar de forma equânime: ninguém enxergava o objeto de conhecimento que estava na caixa. Essa prática tornou-se regular e possibilitou maior responsabilidade das crianças, sentimento de grupo, além de muita aprendizagem e ludicidade. Santos (2008, p.24 e

25) nos faz pensar quando questiona: Como propor uma educação mais solidária e participativa? No sentido de toda a comunidade escolar estar envolvida e interligada em um sentimento único, que é do “eu estou fazendo parte”, ou melhor, “eu faço parte deste processo” [...], dessa maneira, com uma proposta singela conseguimos interagir e aprender com o outro, respeitando ritmos e sabedorias de cada um.

Além de acolher e integrar, era preciso investir na ampliação da aprendizagem para efetivar a inclusão, outro grande desafio era criar conceitos diversos no imaginário do aluno cego. Como poderia construir conceitos sobre cores e outros ainda mais abstratos? Conforme nos ensina Vigotsky (2007, p.18), “quanto mais [...] ouça, experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais disponham em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será a atividade e sua imaginação”.

Continuamos trazendo “o mundo” para as mãos, o olfato e a audição do aluno, assim elaborando uma possível “visão do todo” teria a oportunidade de conhecer e construir memórias e conceitos utilizando-se de elementos da natureza e diferentes objetos com seus cheiros, sabores, formas e texturas únicas e variadas. Essa proposta de trabalho é sustentada por Morin (2004, p.54) quando ele diz, “a diversidade é uma pluralidade de possibilidades. Igualmente não significa igualdade entre os mesmos”.

Esse trabalho alternativo, acolhedor com o que é diferente, tanto pessoas quanto possibilidades, nos conduziu ao convívio com o outro e com sua diversidade, tornando-nos seres humanos melhores, visto que segundo Morin (2000, p. 55), “A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem”, conseqüentemente, a inclusão de todos no ambiente escolar nos faz conhecer o outro para nos entendermos melhor, aceitarmos e superarmos nossas dificuldades, bem como proporcionarmos um convívio mais solidário, harmônico e produtivo para todos.

Os resultados positivos foram colhidos por toda equipe escolar, sobretudo pelos adultos mais próximos, devido ao vínculo estabelecido e ao incentivo diário permeado por desafios e surpresas que contribuíram para o encantamento e aprendizagens. Nesse ambiente de inclusão, todos aprendem diante da riqueza de possibilidades alavancadas pelos desafios que potencializam nosso olhar, fazendo-nos perceber outras maneiras, ampliando assim o conhecimento de cada um. Com pequenas atitudes e parcerias podemos perceber que é possível fazer grande diferença na vida das crianças.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Educação infantil. Alfabetização. Crianças cegas. Letramento.

PROJETO "DIVERSIDADE"

Renata Viviane Montagneri CRESPO
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEF Anacleto Campanella

RESUMO:

“O convívio escolar será um fator determinante para a aprendizagem dos valores e atitudes. Considerando a escola como um dos ambientes mais imediatos do aluno, relação a elas se darão a partir do próprio cotidiano da vida escolar do aluno.” (PCN’s 2.001)

Com esse olhar, a Orientadora Educacional em conjunto com a equipe gestora e do Programa de Inclusão, elaborou ações mediadoras e reflexivas através de um projeto de Sensibilização para a Diversidade.

A intenção do Projeto é propiciar aos alunos um ambiente que estimule o respeito à diversidade, ajudando a formar cidadãos mais empáticos e respeitosos, que se preocupem com os outros e principalmente que consigam conviver em harmonia no ambiente escolar.

O Projeto foi realizado em aproximadamente 3 meses, em uma aula semanal, com uma hora de duração e na sala do 5º ano.

O lançamento do projeto deu-se através da chegada inesperada de uma caixa de presente sem identificação. Os alunos aguardaram alguns dias para que pudessem criar uma expectativa quanto ao conteúdo da caixa, que era o livro “Ernesto”. Realizamos a leitura dele, buscando sensibilizar o grupo para a questão da diversidade, fazendo reflexões sobre empatia, respeito e colaboração.

Após discussão solicitamos aos alunos que escrevessem uma palavra de incentivo ao personagem “Ernesto” e depositassem no envelope da árvore da Diversidade para compartilharmos no próximo encontro.

Na primeira etapa desenvolvemos uma dinâmica, com objetivo de propiciar um momento de reflexão sobre a importância de estar incluído no grupo e estar acessível ao convívio com as diferenças.

Na segunda etapa projetamos vídeos relacionados à temática e realizamos discussões com o grupo, relacionando o que assistimos as situações cotidianas, onde se faz necessário uma postura acolhedora, paciente e afetiva com os colegas para que consigam se relacionar de forma harmoniosa.

Na terceira e quarta etapa a proposta foi de criação de um jogo com convidados de outra sala, com e sem necessidades especiais, para que os alunos voltassem seus olhares para a importância do auxílio, das adaptações e de colaboração para com o outro, sendo estes quesitos indispensáveis para o sucesso no convívio escolar.

Na quinta etapa realizamos a leitura dos bilhetinhos de incentivo aos colegas e retomamos nossa reflexão sobre o projeto e sobre diversidades.

Como fechamento do projeto os alunos realizaram uma produção textual como lição de casa, podendo assim compartilhar com as famílias um pouco do trabalho realizado.

O projeto contribuiu na sensibilização do grupo quanto à diversidade, oportunizando momentos de reflexão para que pudessem reconhecer o direito do cidadão à diversidade, igualdade e a igualdade de oportunidade a todos, bem como desenvolver habilidades e atitudes favoráveis à inclusão da pessoa com deficiência.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Ensino fundamental. Diversidade na escola. Igualdade na educação.



EIXO TEMÁTICO 2: INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E BOAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A LUDICIDADE NO ESTÍMULO DO MOVIMENTO CORPORAL E NAS DIVERSAS SENSações NO PRIMEIRO CICLO INICIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Angelina BADÔ

Monalisa Aparecida CAETANO

AS CRIANÇAS COMO PROTAGONISTAS DAS ATIVIDADES DO PERÍODO INTEGRAL

Débora FURLANETTO

DANÇAS DAQUI E DALI

Patrícia Gomes MARIN

DENTRO DA SALA, NÓS E AS PAREDES. FORA DA SALA, NÓS E MUNDO TODO

Viviane Graciele de Araújo VALÉRIO

Valquiria CRIVELARO

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRÉ-ESCOLA: UMA SEQUÊNCIA DE AULAS SOBRE MANIPULAÇÃO

Caroline Carreiro do CARMO

ÉTICA E CIDADANIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Solange Maciel de Andrade PENACHIO

Matilde Bento VICENTE

PROJETO: “XÔ DENGUE NA CRECHE HERBERT”

Rosane Prado Tavares ARIOZA

Camila FERNANDES



SENTIR... UM MUNDO DE POSSIBILIDADES

Lorayne Cristina do VALE

UM PASSEIO PELO UNIVERSO ESCOLAR - REUNIÃO DE PAIS ITINERANTE. EXTRAPOLANDO A SALA DE AULA E COMPREENDENDO OS ESPAÇOS DA ESCOLA

Juliana Pizi Galassi de OLIVEIRA

Maria José Marinheiro SILVA

VOANDO NAS ASAS DA LEITURA

Fernanda Aparecida de SOUZA

A LUDICIDADE NO ESTÍMULO DO MOVIMENTO CORPORAL E NAS DIVERSAS SENSações NO PRIMEIRO CICLO INICIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Angelina BADÔ
Monalisa Aparecida CAETANO
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
Creche Adalgisa Bocaccino Pinheiro Faro

RESUMO:

Durante o ano letivo de 2018, estamos desenvolvendo diversas atividades relacionadas ao corpo, movimento e sensações com os alunos do primeiro ciclo inicial. Para realização dessas atividades utilizamos os diversos espaços da unidade escolar, assim como a exploração de diversos materiais, visando o auxílio ao desenvolvimento da percepção de si e do outro.

Neste contexto foram propostas brincadeiras regradas e não regradas, assim como atividades sequenciadas que permitiram a exploração das sensações corporais, equilíbrio, diferentes formas de se locomover pelo espaço e interação com o outro. Buscando sempre tornar os momentos das atividades lúdicos e divertido para o educando.

O trabalho aqui citado, foi desenvolvido ao longo do primeiro semestre, sendo que terá continuidade no decorrer do ano letivo.

As atividades desenvolvidas no decorrer do semestre foram: Circuitos na quadra, aumentando gradativamente os obstáculos; Pintura com os pés utilizando plástico bolha; Contorno do corpo; Tapete sensorial; Pinturas utilizando as mãos, rolinho, pregadores, algodão e materiais diversos como recurso. O objetivo das atividades propostas é proporcionar vivências que facilitem o desenvolvimento corporal e sensorial da criança, assim como seu desenvolvimento afetivo e psicológico. Todas as brincadeiras e atividades foram expostas em fotos e produção dos alunos no espaço da unidade escolar a cada etapa do processo para apreciação dos familiares.

Palavras-chave: Educação infantil. Locomoção humana. Recreação. Atividades criativas na sala de aula.

AS CRIANÇAS COMO PROTAGONISTAS DAS ATIVIDADES DO PERÍODO INTEGRAL

Débora FURLANETTO
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Olavo Bilac

RESUMO:

Desde pequenas as crianças já apresentam preferências durante os momentos lúdicos na Educação Infantil e através destas vivências aprendem noções de cidadania importantes como respeito ao próximo, noções de democracia, desenvolvimento da autonomia, etc. Desta forma, é de sua importância o brincar ter destaque dentro da rotina escolar das crianças pequenas.

A partir dos estudos realizados nas reuniões formativas da EMEB Olavo Bilac entre os anos de 2015 e 2016 sobre a Pedagogia Participativa, que tem como base considerar os interesses das crianças no trabalho pedagógico, foi decidido que é necessário primeiramente conhecer os alunos e pesquisar sobre seus interesses para estruturar o trabalho pedagógico a ser realizado ao longo do ano letivo.

A EMEB Olavo Bilac sempre se preocupou em ter um olhar especial voltado para as crianças que ficam no período integral (das 8h às 12h no ensino regular e das 12h às 17h no integral). Como no ano letivo de 2016 não houve oportunidade para que todos os interessados estudassem no período integral, no início do ano foi feita pela gestão uma entrevista com as famílias e análise sobre os casos que mais necessitaram da vaga. Sendo assim, a turma do integral foi mista, atendendo a faixa etária de 3, 4 e 5 anos. Ou seja, composta por alunos que convivem no horário do integral com crianças de idades diferentes e de outras turmas, o que é bastante desafiante e significativo para uma efetiva troca de experiências e desenvolvimento de autonomia.

Portanto, a turma do integral, que é a responsável por este projeto, vivenciou propostas para o desenvolvimento da autonomia e o planejamento de atividades que propiciam a escolha das crianças sobre o que gostariam de fazer ou brincar.

Foi a partir de rodas de conversa sobre o que as crianças mais gostavam de fazer e quais os seus interesses iniciamos este processo. O tema que mais se destacou nesta turma de Integral foi a preferência por brincadeiras que envolviam situações de “faz de conta”.

Sendo assim, a professora questionou o grupo sobre quais as possibilidades de lugares que eles gostavam ou gostariam de ir para brincar.

Através da parceria com as famílias ao emprestar objetos, envolvimento dos funcionários dos diferentes segmentos da escola e ajuda das próprias crianças em atividades artísticas, foram confeccionados os cenários para as brincadeiras de faz de conta escolhidas.

Acampamento, praia, fazenda, espaço sideral e floresta encantada: estes foram os espaços inovadores das brincadeiras de faz de conta realizadas pela turma do Integral de 3 a 5 anos da EMEB Olavo Bilac durante o ano de 2016 durante o projeto intitulado “Viagens do Integral”.

Os objetivos do projeto foram os seguintes:



- Propor atividades que estimulassem a coordenação motora e espacial.
- Propor atividades artísticas que estimulassem a criatividade das crianças, bem como o desenvolvimento de seu percurso criador.
- Que as crianças aprendessem partindo de assuntos e atividades através de seus interesses e curiosidades.
- Que as crianças participassem do planejamento e organização das atividades a serem desenvolvidas na rotina escolar.
- Que o grupo desenvolvesse subsídios para resolução de conflitos/tomada de decisões e negociações ao discutirem sobre determinados assuntos onde existem opiniões diferentes.
- Que ao brincar de faz de conta as crianças vivenciassem valores sociais, aspectos da vida cotidiana e aprendessem as matrizes emocionais de diferentes tipos de personagens capturados por representações sociais de acordo com determinada proposta.
- Que as brincadeiras de faz de conta propiciassem experiências de compartilhar, cooperar, lidar com desapontamentos, reconhecimento de sentimentos e desenvolvimento de autonomia.

O mais bacana deste trabalho é que as crianças foram protagonistas da proposta desde o princípio, participaram durante todo o planejamento desde a escolha das temáticas dos jogos simbólicos até sua organização. As vivências durante as brincadeiras de faz de conta são muito importantes para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo durante toda a infância, uma vez que proporciona para a criança através da tendência imitativa a busca pelo contato com a realidade.

Além das experiências durante os ambientes lúdicos, as ações para organizar os espaços favoreceram uma série de aprendizagens, como a produção e construção de objetos para compor os cenários, brinquedos, figurinos, etc. A iniciativa deu tão certo que os cenários das brincadeiras conquistaram outras turmas e professoras da escola!

Palavras-chave: Educação integral. Atividades criativas na sala de aula. Locomoção humana. Recreação.

DANÇAS DAQUI E DALI

Patrícia Gomes MARIN
Secretaria Municipal de São Bernardo do Campo
EMEB Thales de Andrade

RESUMO:

A dança tem uma grande contribuição no desenvolvimento cognitivo e integral do ser humano e na construção de conhecimentos, sendo de grande valor pedagógico para o trabalho corporal. As crianças adoram dançar, se mexer e explorar o próprio corpo de diversas maneiras.

Muitas vezes a dança na educação é utilizada apenas em datas comemorativas e festejos da escola. Essa proposta geralmente é reduzida a um momento elaborado e criado, muitas vezes apenas pelo adulto, reduzida a ensaios cansativos e atropelando a rotina da sala de aula. No dia da apresentação movimentos perfeitos e sincronizados são esperados por todos como produto final.

No Brasil, a dança foi incluída pela primeira vez nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997, após o reconhecimento da Arte como área de conhecimento, legalmente, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96. No decorrer dos anos a dança também foi citada em outros documentos como o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, Proposta Curricular de São Bernardo do Campo, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e, recentemente, na Base Nacional Comum Curricular. Ainda assim, a dança educativa aparece pouco nos planejamentos e projetos.

Por isso, o projeto nasceu da necessidade de trabalhar a dança educativa de forma contextualizada, planejada e significativa, de maneira crítica e fundamentada. Além disso, que ela seja trabalhada dentro da escola enquanto aprendizagem, trazendo a dança educativa e não a dança artística, sem exigências de técnicas específicas de dança.

O projeto apresenta uma proposta pedagógica para o trabalho com dança na educação infantil, buscando trazê-la como linguagem, enquanto área de conhecimento - Artes. Para isso são realizadas atividades com o objetivo de desenvolver a corporeidade através de propostas que permitam a expressão e a criação. São usados diversos materiais como: bambolê, tecidos, fitas entre outros e também são trabalhados diversos ritmos e danças brasileiras.

É papel da escola ofertar e proporcionar aos alunos vários momentos em artes de modo a possibilitar a sensibilização, o pensamento e o conhecimento enquanto criam e expressam seus desejos. O trabalho também valoriza o resgate e ampliação da diversidade cultural de ritmos, danças e músicas do Brasil e do mundo.

A dança como linguagem artística trabalha a expressão, a criação, sensibilização, corporeidade das crianças e a comunicação através do movimento. Desse modo, as crianças exploram, aprendem, experimentam e conhecem suas potencialidades. Afinal para aprender dança é necessário experimentar as propostas de danças.

Assim, é nítido ver a evolução da corporeidade das crianças, a ampliação da diversidade cultural e o quanto são capazes de criar os próprios movimentos, percebendo que não há padrões de

movimentos e tampouco certo ou errado. Enquanto dançam, elas sentem, se expressam, experimentam e dão asas às suas imaginações e criações.

“Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.” - Base Comum Curricular Nacional

Palavras-chave: Educação infantil. Atividades criativas na sala de aula. Locomoção humana. Recreação. Dança na educação.

DENTRO DA SALA, NÓS E AS PAREDES. FORA DA SALA, NÓS E MUNDO TODO

Viviane Graciele de Araújo VALÉRIO
Valquiria CRIVELARO
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEI Alfredo Rodrigues

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é apresentar a prática da professora do grupo 3 da EMI Alfredo Rodrigues de São Caetano do Sul, que enxergou o quintal da escola como espaço potencializador de aprendizagens, convidando as crianças a uma infinidade de experiências e descobertas que emergiram do contato com a natureza, atendendo ao novo documento regulador da educação - A Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O documento normativo afirma que a criança explora o mundo e aprende por meio das brincadeiras e interações, trazendo também o conceito dos campos de experiência nos quais as crianças investigam, levantam hipóteses e buscam respostas às suas indagações e curiosidades a partir das oportunidades que os adultos criam para que elas experimentem o mundo que as cerca. Dessa forma, os espaços externos da escola, quando intencionalmente pensados pelo professor, transformam-se em ambientes educadores nos quais as crianças realizam experiências significativas por meio de inúmeras interações.

O primeiro passo foi repensar a brincadeira das crianças dentro de um cotidiano urbano e tecnológico (em casa e na escola), assegurando-lhes a plenitude da infância por meio de aprendizagens significativas que as interações, a brincadeira e as experiências diversificadas podem proporcionar. Nesse momento a professora planejou, por meio do projeto “Um Brinquedo Chamado Natureza”, o caminho a ser traçado pelos pequenos, aproveitando todo potencial que a escola oferece quando se extrapolam as paredes dos espaços internos e criando uma rotina do brincar em um espaço onde a natureza é protagonista, no qual o corpo é vivido nas delicadezas, nas durezas, nas asperezas, nas sutilezas dos toques, dos sons, dos gostos, dos cheiros, dos olhares, ampliando os limites de descobertas pela criança, deixando-a sem limites para descobrir, experimentar e explorar. Os objetivos desse projeto foram:

explorar o ambiente externo da escola, estabelecendo contato com pequenos animais, plantas, árvores, flores, água, terra fogo e ar, manifestando curiosidade e interesse; interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo natural, formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre a natureza; estabelecer algumas relações entre o meio ambiente e as formas de vida que ali se estabelecem, valorizando sua importância para a preservação das espécies e para a qualidade da vida humana, oportunizar a brincadeira e a interação.

Durante o percurso pensado para as crianças as propostas previam a experiência com os quatro elementos da Terra (água, ar, terra e fogo), tendo o quintal da escola como cenário para as suas descobertas. Quando saíam para brincar as crianças estavam munidas de instrumentos como lupas, binóculos, microscópios, entre outros para obtenção de informações. Os espaços externos, embora naturalmente enriquecidos por seus elementos, eram alimentados



intencionalmente pela professora com utensílios de cozinha e outros em sua forma original, priorizando materiais como metais, madeira e tecidos naturais, que, diferentemente do brinquedo plástico industrializado, permitem a exploração de todos os sentidos das crianças.

Foi necessária a conscientização dos pais e funcionários envolvidos no projeto, sobre a ressignificação do que é sujeira pois os pés, as mãos e todas as partes do corpo frequentemente estavam em contato com a terra e a água. Terra, folhas, gravetos, sementes, pinhas, ao contrário de sujeira, eram vistos natureza no seu mais puro estado. Dessa forma, esses materiais transformaram-se nos mais variados brinquedos para as crianças, e se modificavam a cada dia.

Durante todo segundo semestre de 2018 as crianças do Grupo 3 puderam explorar o quintal da escola, diariamente, por meio de uma rotina pensada a partir da valorização da infância, das oportunidades de descobertas, indagações, interações com o meio, com o outro, com os materiais que a natureza disponibiliza. Durante os processos de investigação e brincadeira, a professora teve o importante papel de observadora atenta, registrando as experiências por meio de fotos, vídeos, registro das falas das crianças. Todo esse material servia de insumo para preparar as próximas brincadeiras e desafios planejados para os pequenos.

Palavras-chave: Educação infantil. Atividades criativas na sala de aula. Educação ambiental.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRÉ-ESCOLA: UMA SEQUÊNCIA DE AULAS SOBRE MANIPULAÇÃO

Caroline Carreiro do CARMO
Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Pires
E.M. Engenheiro Carlos Rohml

RESUMO:

O presente trabalho busca apresentar e refletir sobre uma sequência de aulas de Educação Física para educação infantil, tematizando sobre diversas possibilidades de manipulação. A sequência se passou em duas escolas da rede municipal de Ribeirão Pires, Região Metropolitana do Estado de São Paulo. A experiência pedagógica conta com um conjunto de aulas para alunos da pré-escola e conta com uma diversidade de materiais (barbante, papel, fita durex e giz de cera) construídos pelos próprios alunos. A estrutura metodológica das aulas está dividida em quatro fases: a primeira e segunda etapa está marcada pela construção e exploração livre do material. A terceira etapa é o momento marcado pela maior intervenção docente, problematizando com novos desafios manipulativos e novas construções simbólicas. A última etapa é um espaço de provocação, onde o professor começa a relatar novas possibilidades de exploração do material com a expressão “minha vó falou que consegue... Quem consegue?”. A sequência didática conta com oito aulas e oito diferentes materiais (bastão, bolinha, marimba, peteca, coração, pena, barbante e avião). A participação dos alunos no processo criativo foi o grande destaque do conjunto de aulas, pois já na segunda aula da sequência didática os mesmos já começavam a aula problematizando sobre o que “a vó, a mãe, o tio” conseguem fazer. Dentre os principais resultados encontrados, durante a realização da sequência didática, é possível destacar três aspectos: o envolvimento afetivo do aluno na construção de seu próprio brinquedo; a utilização de materiais de fácil circulação nas unidades escolares; e a participação efetiva dos alunos na última etapa (criação de novas possibilidades). Um tema muito destacado em encontros de professores de Educação Física é a questão precária de materiais para o trabalho pedagógico. Porém, qual seria o material ideal? Um grande destaque neste trabalho é a possibilidade de construir uma série de aulas, contando com os materiais simples e acessíveis que estão presentes no dia a dia de uma escola de Educação Infantil.

A Educação Física é um componente curricular obrigatório na Educação Infantil (LDBEN, 1996). Este último é o segmento da Educação Básica que ainda é um dos grandes desafios para o Ensino da Educação Física. O presente trabalho busca apresentar e refletir sobre uma sequência de aulas de Educação Física para Educação Infantil, tematizando sobre diversas possibilidades de manipulação.

O presente trabalho foi desenvolvido em duas escolas da rede municipal de Ribeirão Pires, Região Metropolitana do Estado de São Paulo.

A sequência didática em tela encontrou os materiais comuns dentro das unidades escolares de Educação Infantil. O barbante, papel, fita durex e giz de cera são os materiais utilizados para referida sequência, que está baseada em três grandes bases: diversas possibilidades de manipular os diferentes materiais; exploração do mundo simbólico do professor e do aluno; e a construção da identidade do aluno da educação infantil.



O Referencial Curricular da Educação Infantil apresenta os objetivos para esta fase da Educação Básica. Assim, os conhecimentos sobre o corpo, suas possibilidades e limitações são fundamentais dentro do processo educacional. A Educação Física tem grande compromisso em “descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar” (p.63).

A referida sequência didática está alinhada com os objetivos previstos pelo Referencial Curricular da Educação Infantil, principalmente o desafio de “ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação” (BRASIL, p.27). A proposta encontra eco também dentro do conceito da “experiência sensível”, destacada por Soares et al (1992) durante a sua discussão sobre as características da Educação Física dentro dos primeiros ciclos de escolarização.

Etapas Metodológicas

Dividida em quatro fases:

1. Construção do brinquedo

Os alunos são provocados a colorir o seu próprio brinquedo, deixando o original e singular. Este momento é um momento de valorização da identidade do aluno, reforçando algumas características pessoais como o seu próprio nome e suas cores preferidas.

2. Exploração do brinquedo

Um momento importante para o aluno mostrar o seu repertório de movimento e o seu repertório simbólico.

3. Tematização

Garante a oportunidade de provocar os alunos com novos desafios e possibilidades de interação com o brinquedo, propondo novas atividades e novos cenários simbólicos. São desafios: equilibrar o brinquedo em diferentes partes do corpo; jogar para cima; pegar em queda; pular de um pé só equilibrando o brinquedo.

4. Criação de novas possibilidades

Espaço de provocação, onde o professor começa a relatar novas possibilidades de exploração do material com a expressão “minha vó falou que consegue... Quem consegue?”.

Resultados

Dentre os principais resultados encontrados é possível destacar três aspectos:

O envolvimento afetivo na construção de seu próprio brinquedo. Os alunos construíram seus respectivos brinquedos, expressando as suas respectivas marcas identitárias. A pintura, a escrita da primeira letra do nome ou até a grafia do nome completo, se configuravam como algumas das formas de afirmação de suas respectivas identidades.



A utilização de materiais de fácil circulação nas unidades escolares. Qual seria o material ideal para uma aula de Educação Física na Educação Infantil? Um grande destaque da experiência pedagógica neste trabalho é a possibilidade de construir uma série de aulas, contando com os materiais simples e acessíveis que estão presentes no dia a dia de uma escola de Educação Infantil.

A participação dos alunos no processo criativo foi o grande destaque do conjunto de aulas. Um dos pontos mais marcantes é o fato de na segunda aula da sequência os alunos já começavam a aula falando sobre o que a “vó deles” tinha falado que daria para fazer. Ou seja, começavam a aula problematizando e criando novas formas de interagir com aquele brinquedo, abrindo novas possibilidades de manipulação e de construção simbólica.

Palavras-chave: Educação infantil. Atividades criativas na sala de aula. Educação física. Recreação.

ÉTICA E CIDADANIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Solange Maciel de Andrade PENACHIO
Matilde Bento VICENTE
Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Pires
E.M. Tia Marinha

RESUMO:

JUSTIFICATIVA: A escola é um espaço social privilegiado na construção do conhecimento humano. Não há como crescer no cognitivo se não houver a relação entre as pessoas. É na relação que os valores se tornam relevantes.

Desde a educação infantil os valores precisam ser abordados, no sentido da construção da personalidade da criança. Toda pessoa está em processo de constante aprendizagem. Nessa fase a criança recebe uma bagagem de conhecimento que a levará para a vida com segurança. Os valores se constroem na relação e convívio com o outro, nas ações do dia a dia. Pois segundo a Base Nacional Comum Curricular, as aprendizagens essenciais devem concorrer para assegurar as crianças o desenvolvimento das competências, que é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e sócio emocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

OBJETIVO GERAL: Oportunizar a criança, através de ações diárias, situações que o levem a desenvolver relações de amizade, para a construção do respeito, partilha, cuidados, responsabilidade.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Oportunizar a criança diferentes situações lúdicas, para que através da convivência em grupo possa desenvolver a sociabilidade, autonomia, cooperação, respeito e solidariedade;

Incentivar a criança a expressar seus pontos de vista com clareza;

Estimular e oportunizar à criança hábitos de colaboração, partilha e respeito pelo “Eu” e pelo “Outro” e pelo meio ambiente, a fim de estabelecer uma relação harmônica na vida;

Oportunizar dinâmicas que possibilite a criança valorizar e participar de brincadeiras, demonstrando atitudes de amizade, cooperação e respeito, visando o bem-estar do grupo;

Transmitir valores como autoestima, paz, respeito às diferenças, amor ao próximo, amizade e solidariedade, visando contribuir na formação do caráter da criança;

Melhorar o comportamento na sala de aula, criando regras de convivência e dinâmicas que possibilitem a boa interação entre as crianças.

CONTEÚDOS:

Desenvolver as relações de amizade e respeito;

Saber conviver em grupo;

Ampliar o conhecimento de si mesmo e do outro;

Reconhecimento das diferenças entre si e o outro;

Regras e combinados;

Desenvolver relações de partilha, cuidados, responsabilidade; autonomia, cooperação, solidariedade.

ESTRATÉGIA: O projeto teve início com a escolha do mascote, onde as crianças ajudaram nesta escolha. O projeto funciona em sistema de rodízio e o mascote passará dois dias na casa de cada criança, onde levam um caderno de registro no qual os pais anotam as atividades realizadas com o mascote, contam sobre as aventuras vividas. A proposta é que os pais se envolvam com o projeto e estimulem as crianças a cuidarem do mascote. O vínculo afetivo é criado nessa hora, uma vez que no cuidado diário as crianças passam a ter algumas responsabilidades. Não pode sujar, rasgar e maltratar, aumentando assim o laço de união e amizade entre as crianças que passam a ter algo em comum, o cuidado com o mascote.

AVALIAÇÃO: A avaliação deve ter a finalidade de acompanhar e repensar o trabalho realizado. A observação sistemática, crítica e criativa do comportamento de cada criança, de grupos de crianças, das brincadeiras e interações entre as crianças no cotidiano, e a utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns, etc.), feita ao longo do período em diversificados momentos, são condições necessárias para compreender como a criança se apropria de modos de agir, sentir e pensar culturalmente constituídos. Neste sentido a avaliação é um instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica na busca de melhores caminhos para orientar as aprendizagens das crianças, por isso ela deve ser contínua.

Palavras-chave: Educação infantil. Cidadania. Ética.

PROJETO: “XÔ DENGUE NA CRECHE HERBERT”

Rosane Prado Tavares ARIOZA
Camila FERNANDES
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
Creche Herbert de Souza

RESUMO:

O projeto com a temática “Dengue” surgiu pelo interesse das crianças, que através da mídia e observação de insetos na sala, oriundos das áreas verdes existentes nos espaços externos da creche, questionavam se aquele inseto seria ou não o mosquito da dengue.

Tendo em vista a epidemia, atrelada ao interesse, consideramos esta sinalização um tema gerador, que poderia favorecer situações de aprendizagem lúdicas significativas.

Em reunião pedagógica, a equipe gestora levantou a possibilidade da elaboração de um projeto coletivo que envolvesse toda a comunidade. Os educadores abraçaram a ideia, considerando que seria interessante o envolvimento dos pais nesta ação para conscientização, atitudes de prevenção e mudança de hábitos, a fim de mitigar a proliferação do mosquito.

Foram propostas várias ações que poderiam elucidar o desenvolvimento do projeto. A equipe gestora possibilitou momentos de formação com educadores do Departamento de Vigilância a Saúde do Município e para orientação ao planejamento e desenvolvimento do trabalho, buscou embasamento de alguns autores com referência na Educação Infantil. Teóricos que pesquisam e valorizam a qualidade, organização dos espaços, as relações com as famílias, o protagonismo da criança. Entre eles, podemos destacar: Miguel Zabalza, Paulo Freire, Madalena Freire, Maria Malta Campos e Sonia Krammer.

Iniciamos o projeto por meio do diagnóstico dos saberes das crianças, que demonstravam alguns conhecimentos adquiridos por meio das propagandas de televisão. Nessa primeira etapa, as crianças também tiveram contato com várias imagens de insetos, que através de observações e comparações, puderam identificar as principais características do mosquito: cor preta, com riscos brancos no corpo e nas patas. Também assistiram, ouviram e cantaram músicas referentes ao tema. O diagnóstico dos saberes dos pais foi realizado por meio de questionário com respostas das seguintes questões: O que é a Dengue? Quais são os sintomas da doença? Como combater os focos do mosquito? Quais são as outras doenças que o Aedes Aegyptis pode causar?

Na segunda etapa do projeto, as crianças assistiram ao vídeo: “A turma do bairro em: Sai fora Dengue” e visualizaram cartazes elucidativos que retratavam sobre como evitar os focos da dengue. A seguir, realizamos um passeio no espaço externo da creche para observação e levantamento de possíveis focos do mosquito.

Com os pais, realizamos uma troca de saberes, compartilhando as respostas dos questionários por meio de cartazes que foram fixados nos murais da creche.

Na terceira etapa, realizamos um simulado no concreto com as crianças no gramado do parque, oportunizando a identificação dos possíveis focos do mosquito: pneus – onde as crianças

jogavam a água que estava armazenada e os cobriam com plástico; vaso de flores com pratinho – jogavam a água fora e colocavam areia; lixo descartável ao ar livre – retiravam o excesso de água e colocavam no cesto com tampa; pote de água do cachorro – higienizavam e colocavam água limpa. Nesta etapa, os pais também participaram de uma palestra formativa com profissionais do Departamento da Vigilância à Saúde e após a palestra foi entregue aos mesmos materiais e orientação descrita (passo a passo) para confecção da dobradura do mosquito a ser feita em casa com seus filhos para exposição na creche.

No desenvolvimento da quarta etapa, possibilitamos situações de aprendizagens lúdicas das crianças com seus familiares através do envio dos bolsões dos Kits interativos, contendo os seguintes itens: quebra cabeça do mosquito; jogo da memória (como evitar os focos da dengue); jogo de percurso; DVD com história sobre a Dengue e músicas cantadas referentes ao tema; caderno de registro para relato dos pais sobre as experiências vivenciadas em família. Cada sala dispunha de dois bolsões e os mesmos eram levados para casa, as segundas e sextas-feiras, por meio de revezamento entre as crianças.

Finalizamos o projeto na quinta etapa, com a apresentação de uma peça teatral de fantoches sobre o tema, manipulados pelas educadoras do Departamento de Vigilância à Saúde. Ainda nesta etapa, os pais tiveram a oportunidade de participar de uma oficina de sucatas, onde confeccionaram o vaso antidengue e um brinquedo do mosquito para seus filhos.

Vale ressaltar que ao avaliarmos o projeto, constatamos avanços significativos no desenvolvimento das crianças com relação à integração, socialização, oralidade, ampliação de vocabulário, organização de pensamento e memorização na realização de jogos e brincadeiras.

Foram vários os relatos dos pais nas reuniões e nos registros do caderno do kit interativo descrevendo como foi significativa a assimilação dos conceitos relacionados à prevenção dos focos de dengue por seus filhos.

Muitos relatavam a cobrança que as crianças faziam em casa referentes às atitudes dos pais para mudanças de hábitos nas questões de higiene e organização dos espaços: lixeira sem tampa, locais com água parada, necessidade de lavar o pote de água do cachorro, água no pratinho dos vasos, dentre outros. Os pais também parabenizaram a iniciativa da realização do projeto na Educação Infantil pela relevância da temática com crianças dessa faixa etária, pois consideram que esses conceitos devem ser contextualizados e interiorizados pelas crianças desde pequenas e que a forma lúdica, favoreceu todo processo.

Através da experiência vivida e durante a realização deste projeto, pode-se concluir que é possível o aprendizado de temas importantes, como o abordado acima com crianças, mesmo na Educação infantil e tais ações, deve ser replicado por outros professores que vivem realidades similares. Para tanto, é necessário que se organize o tempo, espaço e materiais, que exista diálogo com as famílias sobre as dinâmicas do trabalho, parceria entre a equipe, respeito e consideração ao ritmo de aprendizado de cada criança.

Com relação às dificuldades que podem ocorrer numa eventual replicação, consideramos essencial despertar o envolvimento, interesse e curiosidade das crianças para a temática, propondo situações de aprendizagens lúdicas, atrativas e prazerosas. Trazer as famílias para

dentro da unidade, colaborando, contribuindo, enfim, participando ativamente do processo e buscar parcerias de trabalho com outros departamentos ou secretarias.

Como resultado do projeto, além da conscientização da comunidade, que se tornou multiplicadora dos conhecimentos, pode-se observar crianças com posturas mais críticas, autônomas, comunicativas, que colaboram na organização dos espaços coletivos, com maior consciência em relação aos cuidados com o meio ambiente.

Palavras-chave: Educação infantil. Atividades criativas na sala de aula. Educação ambiental. Dengue.

SENTIR... UM MUNDO DE POSSIBILIDADES

Lorayne Cristina do VALE
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
Creche Monsenhor João do Rego Cavalcanti

RESUMO:

Este projeto é desenvolvido com a turma do berçário na creche monsenhor João do Rego Cavalcanti em Santo André. O grupo é formado por crianças bem pequenas que em quase sua totalidade está frequentando a creche pela primeira vez, apresentam idade entre seis e 14 meses. Ao levarmos em consideração os estudos piagetianos voltados para esta faixa etária, sabemos que estas crianças se encontram no 3º e 4º subestágio do período sensório motor, o que quer dizer em linhas gerais que o foco da ação delas passou a ser o mundo externo. A partir deste estudo e do referencial Curricular Nacional para a Educação infantil, que apresenta a criança como alguém com um modo específico de sentir e pensar o mundo. E ainda levando em consideração a reflexão de Paulo Sergio Fochi, que em sua tese de mestrado nos afirma que os bebês tem agência, ou seja, eles agem sobre o espaço e as situações, pesquisam, investigam, tem vontades próprias, gostam e não gostam das coisas, este projeto vem ao encontro destas propostas de necessidades/curiosidades/descobertas e tem como principal objetivo oportunizar espaços de pesquisas nos quais os bebês possam investigar diversos sons, cores, cheiros, luzes e texturas do mundo que o cercam e assim entrar em contato com suas emoções, ampliar suas percepções táteis, auditivas, visuais e gustativas, desenvolver coordenação motora e elaborar suas próprias relações de causalidade a partir das apreensões que fazem do mundo.

Para isso são disponibilizados diversos materiais: Esponja, lã, lixas, algodão, areia, bolinhas de gel, plástico bolha, lanterna, luminárias, pisca-pisca, brinquedos com luzes, instrumentos musicais, livros, botões, Bombril, massinha caseira, papéis com diferentes texturas, farinha de trigo, fubá, sagu, tapete sensorial, diversas frutas (laranja, melancia, banana, mexerica e caqui).

As crianças são divididas em pequenos grupos e em diversos momentos da rotina semanal entram em contato com estes materiais que ora são apresentados individualmente ora são apresentados em forma de “estações” para que os pequenos possam escolher o que mais lhes interessar.

A partir de anotações e registro fotográfico e filmográfico das reações/interações das crianças com os materiais o professor planeja as próximas etapas e os próximos materiais a serem oferecidos, em sua grande maioria os materiais são oferecidos diversas vezes em situações diferentes e com diferentes organizações do espaço e tempo.

Ao final do projeto cada bebê receberá um livro contendo os materiais que foram pesquisados ao longo do ano para darem continuidade a esta exploração junto a família.

Palavras-chave: Educação infantil. Creches. Percepção em crianças.

UM PASSEIO PELO UNIVERSO ESCOLAR - REUNIÃO DE PAIS ITINERANTE. EXTRAPOLANDO A SALA DE AULA E COMPREENDENDO OS ESPAÇOS DA ESCOLA

Juliana Pizi Galassi de OLIVEIRA
Maria José Marinheiro SILVA
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMI Thereza Coan Fiorotti

RESUMO:

Este trabalho está em desenvolvimento na EMI Thereza Coan Fiorotti, localizada no Município de São Caetano do Sul. A escola conta com 7 turmas, que vão do Berçário ao Grupo 3 (crianças de 4 meses a 3 anos de idade).

Sabe-se, por experiência de anos anteriores e pelo público da escola, que reuniões de pais em sala de aula, nas quais sobressai a figura do professor como detentor de todo o saber e informações, são desinteressantes e causam baixa adesão das famílias.

Pensando nessa realidade, com o objetivo de sempre melhorar as práticas, além de enriquecer e firmar a parceria escola/família, professoras e equipe gestora, reuniu-se para tornar a reunião de pais agradável e significativa para os presentes, fazendo com que compreendam o objetivo dos espaços utilizados por seus filhos e a importância dos aprendizados que resulta de cada um deles.

A escola conta com espaços pensados e elaborados para desenvolver e estimular as diversas capacidades das crianças atendidas. Espaços estes, formulados sem grandes investimentos, com materiais reciclados e reaproveitados. Cita-se: parede musical, parede sensorial, cantos para brincadeiras simbólicas, alimente-se de livros, pista de motocas, posto de combustível, tanque de areia, gramado sintético, gramado natural, paisagem natural, barras de exploração de materiais, teatro de fantoches e parede de formas e grandezas.

Para o sucesso da reunião de pais, elaborou-se um plano de ação conjunta, onde se discutiu sobre cada espaço da escola e os aprendizados envolvidos em cada um deles, para cada faixa etária. Houve a preocupação em tornar a linguagem acessível aos pais, excluindo palavras técnicas que não surtem efeito. Preparou-se cada espaço com fotos e frases autoexplicativas, as quais instigam perguntas e reflexões.

Para que tudo acontecesse de forma tranquila, contou-se com o envolvimento de todos os funcionários da escola, antes e durante a reunião, desde a arrumação da escola, passando pelo café de boas-vindas, até uma pesquisa para saber como alimentar as crianças, enquanto esperam os pais. Tudo foi organizado com muito cuidado e carinho para receber estas famílias, mantendo as crianças tranquilas durante o período da reunião, resultando em segurança e acolhimento para todos.

Dividir as turmas e atender cada faixa etária em dias diferentes, foi outra abordagem da equipe. Decidiu-se por fazer a semana da reunião, com uma fase por dia. Um número menor de pessoas, reflete para os pais a atenção e cuidado que a escola tem para cada um deles.



Vale lembrar que para chegar a esse resultado final, com uma ótima abordagem aos pais e maior adesão das famílias, a escola vem, há alguns anos exercitando uma prática de mudança e adequação nos horários para atender a comunidade de forma efetiva.

Sem grandes recursos e tecnologias, com simplicidade, construiu-se uma reunião diferenciada e itinerante, na qual os pais passearam, vivenciaram e compreenderam os processos de aprendizado pertinentes para cada espaço, pensado e executado para favorecer o desenvolvimento cognitivo, as capacidades e habilidades de cada faixa etária atendida pela escola.

Foi possível avaliar durante e após a reunião, a partir de registros dos familiares, em cartazes disponibilizados na entrada da escola, ou mesmo com relatos às professoras nos dias seguintes, que esta dinâmica diferenciada proporcionou aos pais a reflexão sobre a importância da escola de educação infantil para bebês e crianças bem pequenas, fazendo-os compreender tratar-se a escola muito mais do que apenas assistência e cuidados, mas entendê-la como local fundamental e base da construção de toda a vida escolar de seus filhos.

Planeja-se para as próximas reuniões, momentos tão ou mais agradáveis como este, para a cada dia firmar a parceria escola/família tão importante e desejada por todos, fazendo com que as famílias compreendam seu papel fundamental no processo de construção da vida escolar de seus filhos.

Palavras-chave: Reunião de pais. Parceria. Compreensão. Vivência. Reflexão. Relação escola/família. Acolhimento.

VOANDO NAS ASAS DA LEITURA

Fernanda Aparecida de SOUZA
Secretaria Municipal de São Bernardo do Campo
EMEB Helena Zanfelici da Silva

RESUMO:

O incentivo à leitura desde a tenra idade é fundamental para que a criança desenvolva o prazer pela leitura e escrita, e assim, se encantar pelo mundo das palavras e da imaginação. Os momentos de leitura em voz alta é um dos melhores meios de facilitar o domínio da palavra escrita pelas crianças, pois uma boa leitura em voz alta ilumina o sentido, desmistifica a dificuldade de decodificar letras em palavras e recupera a sua relação com sua origem oral, e o que antes era obscuro se torna mais familiar.

É importante lembrar que antes mesmo de ler convencionalmente, a criança já é capaz de fazer sua própria leitura por meio da observação e interpretação das ilustrações, em especial dos livros já conhecidos. O escritor e roteirista de cinema sueco Max Lundgren explica os três encontros mais importantes que os livros ilustrados promovem: o encontro da criança com a ilustração e com a arte; da criança com a literatura; e o encontro da criança com seus pais. Como o autor destaca, as crianças se tornam leitoras no colo de seus pais, por uma razão muito simples: acima de tudo, a pura interação com os pais e com os materiais de leitura é a coisa mais importante para as crianças pequenas, mesmo que não aconteça leitura de texto propriamente dita, pois estabelece e fortalece a criação do vínculo afetivo.

Nesse sentido, o projeto “Voando nas Asas dos Livros” tem como objetivo principal proporcionar aos alunos o contato com os livros e estimular o gosto pela leitura por meio da participação e interação com a família, reconhecendo-a como agente afetivo na relação da criança com o mundo da leitura.

Considerando os aspectos acima, foi estruturado o presente projeto tendo como objetivos gerais: estimular o prazer em ler e proporcionar a ampliação do vocabulário por meio do contato com os livros e interação com a família; auxiliar o desenvolvimento do hábito de leitura em família; e, informar às famílias sobre a importância da leitura no cotidiano das crianças.

Iniciamos o projeto com a apreciação dos livros “Asa de Papel” de Moacir Xavier, e “Pra que serve um livro?” Chloé Legeay. Durante as rodas de leitura, discutimos sobre a importância da leitura e seu uso para o prazer e estímulo da imaginação. Assim, surgiu a reflexão sobre a possibilidade de se viajar pelo mundo da imaginação através da leitura, proposta recebida com muita alegria por toda a turma.

Em reunião com pais, socializou-se o projeto, seus objetivos e materiais que seriam utilizados. Nesse momento, foi aberto um espaço para sugestões e participação da família na organização das etapas e cronograma do projeto.

Assim, iniciamos efetivamente o projeto em sala de aula. Uma vez por mês, nos sentamos em roda e a professora abre a mala de leitura (com os livros pré-selecionados) para que cada aluno

escolha qual será seu destino literário. Ao escolher o livro, a criança identifica no Mapa da Leitura para onde irá esse mês: “Terra da Poesia”, “Reino dos Contos de Fadas”, “Bosque das Lendas” ou “Floresta das Fábulas”. Em sua mala, junto com o livro, a criança levará seu Passaporte, onde será registrado a data da viagem, o título e autor do livro.

Em casa, a família faz a leitura com a criança, proporcionando um momento de integração, prazer e alegria. Após a leitura, com o auxílio da família, a criança registra sua experiência com o livro selecionado, seja por meio de uma ilustração, foto ou colagem. A família também tem seu espaço especial para registrar suas impressões sobre a leitura, na página “Diário de Bordo”. Desse modo, todos constroem seu próprio “histórico” de viagens pelo mundo da leitura e imaginação. Em sala de aula, na semana seguinte, compartilhamos as viagens, as anotações das famílias nos passaportes e as crianças realizam o reconto da história (leitura de memória com apoio das ilustrações).

A finalização de nosso projeto, se dará em novembro com a realização do Sarau de Leituras Literárias, em que ocorrerá a exposição dos Passaportes e registros das atividades realizadas, leitura dos livros preferidos, carimbo dos passaportes e entrega do “Certificado de Leitor Viajante”. Esse momento será organizado contanto com a participação efetiva das famílias, desde o planejamento e confecção dos materiais até a apresentação do evento.

Nosso projeto ainda está em desenvolvimento, mas alguns aspectos da avaliação nos mostram o quão rico tem sido proporcionar esses momentos de interação com as famílias e o quanto as crianças têm avançado em seus conhecimentos sobre leitura e literatura.

A avaliação dos alunos ocorre por meio de registros gerais e individuais e pelo acompanhamento dos registros nos Passaportes de Leitura, em que é avaliada a participação nas atividades; indicação dos livros lidos em casa nas rodas literárias; reconhecimento dos títulos, autores e gêneros; e o desenvolvimento da postura de leitor.

Ao longo das atividades do projeto, notou-se o desenvolvimento da sensibilidade da criança em relação aos sentimentos, necessidades e ideias dos outros com quem interage. As crianças estão mais ativas nas rodas, partilhando suas observações, experiências e aprendizagens, construindo assim sua identidade pessoal, valorizando suas características próprias e as dos com quem convive.

Já é notável a ampliação dos conhecimentos sobre a linguagem gestual, oral e escrita, pela apropriação de diferentes estratégias de comunicação e reconhecimento das características dos gêneros literários contemplados no projeto.

De modo geral, a turma está envolvida no projeto e, contando os dias no calendário, todos esperam ansiosos pelo dia da próxima “viagem literária”. A participação efetiva das famílias tem sido um apoio essencial para o sucesso do projeto e nota-se maior envolvimento destas também nas demais atividades escolares, o que mostra que, por meio do presente projeto e do trabalho realizado em sala de aula, foi possível estabelecer uma boa parceira entre escola e família.

“Se você quer que a leitura, as histórias e o maravilhoso mundo da imaginação se tornem parte integrante da vida de uma criança, se você quer que os livros se tornem parte do ar que ela



respira, leia cedo, e leia frequentemente. Ela será uma criança que nunca conheceu nem pode imaginar um mundo sem livros”.

Susan Straub

Palavras-chave: Incentivo à leitura. Livros e leitura. Compreensão na leitura.



EIXO TEMÁTICO 3: INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E BOAS PRÁTICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

"PROJETO CORDEL"

Clarice Duarte Perez MUTTI

Siloni Correia de AGUIAR

A COMPREENSÃO LEITORA NA ESCOLA – UMA PROPOSTA DE ENSINO

Marcela Coladello FERRO

A SUBJETIVIDADE DA OBRA 'QUEM TEM MEDO DE MONSTRO?' DE RUTH ROCHA

Janete Jacinto BONFIM

CONSELHO MIRIM: FAZENDO OUVIR A VOZ DOS ALUNOS.

Tatiane Cristina Carvalho DIAS

GEOMETRIA NOS ANOS INICIAIS

Adriane Regina Bravo MENDES

MEMÓRIAS DE UM E DE TODOS

Diermany D'Alessandro RAYMUNDO

MESA DE FRAÇÕES

Kedley de Melo GARCIA

O REGISTRO DO DIÁRIO DE BORDO NA FERRAMENTA GOOGLE DRIVE: A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO DO PROFESSOR

Lindeia Alves Saraiva PAVIOTI

Michele Peres da CRUZ



"PROJETO CORDEL"

Clarice Duarte Perez MUTTI
Siloni Correia de AGUIAR
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEF Dom Benedito Paulo Alves de Souza

RESUMO:

O Projeto "Cordel", proposto na Emef. Dom Benedito Paulo Alves de Souza, escola de período integral, localizada em São Caetano do Sul/SP, oportuniza a aproximação e o contato dos estudantes dos quartos anos, com a arte do Cordel, durante um período de três meses, através da Oficina de Leitura e Produção de Textos (professora Clarice Duarte Perez Mutti autora do projeto), Oficina de Artes Cênicas (professora Siloni Correia de Aguiar coautora do projeto), em parcerias com as Oficinas de: Artes Plásticas e Visuais (professora Cintia da Silva Bertini), Informática (professora Ariadne Fabrícia Tomazelli), e Música (professor Gledson Xavier da Silva).

Este projeto visa a formação de leitores, atuando também no despertar das práticas diversificadas de gêneros textuais, conhecendo a estética do Poema de Cordel em sua essência mais pura, reconhecendo-o como possível de ser lido, declamado e interpretado. A oficina intenciona a valorização da Literatura Popular e a divulgação da cultura nordestina, partindo da origem da Literatura de Cordel, passando pela técnica da xilogravura/isogravura, usada nas ilustrações criativas que integram de forma interdisciplinar promovendo um momento de descontração, estrutura e tipos de versos, rimas, ritmos e recitações melodiosas, até a criação literária de Cordéis, produzidas pelos próprios estudantes. Inserir a Literatura de Cordel nesta Oficina é resgatar e disseminar em outras regiões a cultura literária de origem portuguesa, que culturalmente é mais difundida na região Nordeste do Brasil. Permitir o prazer do canto e encanto desta tradição brasileira não só do gênero textual, mas também o conhecimento de todo o contexto, onde esta literatura popularmente se manifesta.

O objetivo geral deste projeto, é a compreensão da língua, o gênero e suas expressões na cultura popular sertaneja, bem como a historicidade deste segmento. E os objetivos específicos são: promover a leitura; análise e interpretação do gênero textual; estabelecer relação entre a oralidade e o texto escrito; compreender a linguagem, as rimas e as estruturas do gênero textual; produzir textos, desenhos, isogravuras, recitações e manifestações criativas; desenvolver a oralidade, habilidade de improvisar; expressar temas consuetudinários por intermédio do gêneros em questão; reconhecer a sonoridade dos versos ritmos/instrumentos próprios do acompanhamento musical do Cordel; selecionar recursos tecnológicos educacionais que melhor apresentem e favoreçam a elaboração dos registros, assim como seus produtos finais; ampliar o repertório argumentativo, histórico e cultural. auxiliar no desenvolvimento das habilidades como: escrita, leitura, audição, reescrita, releitura, entre outros.

O desenvolvimento em várias etapas, que proporcione prazer e significado aos alunos como: o levantamento dos conhecimentos e prévios, pesquisa sobre a origem do Cordel; apresentações de vídeos sobre a cultura, a geografia, xilogravura e a Literatura de Cordel da região Nordeste; apresentações de filmes e vídeos com a temática do Cordel; conhecer histórias de diversos

autores da Literatura de Cordel; conhecer os tipos de estrofes, versos e rimas; leitura e produções de textos coletivos ou em duplas, apoiados nos Livros e folhetos escritos em Cordéis já trabalhados; elaborações e revisões de escritas de cordéis pelos alunos com apoio da professora de Leitura e Produção Textual e Artes Cênicas; atividades diversas sobre o tema; Workshop de produção de vídeo para as diversas plataformas (sob a tutoria da professora Informática); produção um Cordel coletivo sobre o tema escolhido pelo grupo; produção de “isogravuras”, utilizando bandejas de isopor com o apoio da professora de Artes Plásticas e Visuais, para as capas dos cordéis criados pelos alunos; experimentar ostínatos rítmicos com percussão corporal e instrumentos específicos; produção e apresentação teatro/ musical para estreia do filme "Afetos em Cordel - Histórias Tecidas em Rimas"; criação de quinze Cordéis cantados e recitados, apoiados pela professora de Artes Cênicas; Confecção de cartazes e painéis.

Os recursos e materiais utilizados são: folhetos de Cordéis, de vários autores; livros escritos em Cordéis; instrumentos musicais de percussão brasileira e outros (flauta e violão); laboratório de informática, lousa digital, internet, sala de artes e auditório com recursos audiovisuais; tintas, rolinhos e materiais reciclados como bandeja de isopor; cartolinas, papel color set, sulfites, canetinhas, figuras de cordel (impressas); barbante/ corda e pregadores; Dicionário.

E para finalizar, uma apresentação artística (disputa cantadas pelos quinze alunos divididos em três grupos) para outros estudantes e professores da escola, onde o cenário, são os cartazes e os folhetos de Cordéis criados pelos alunos, durante todo o processo do desenvolvimento de todas as etapas. Culminando com a apresentação do filme "Afetos em Cordel - Histórias tecidas em rimas, em evento "Cine escolar". Uma gravação em vídeo, dos quinze cordéis criados e reproduzidos pelos quinze grupos (total de 90 alunos), durante as oficinas de Artes Cênicas, transformados em um filme. Culminando com a apresentação deste filme, intitulado "Afetos em Cordel - Histórias tecidas em rimas, em evento "Cine escolar".

Abaixo os Cordéis selecionados para a disputa entre os três quartos anos.

Um dos cinco Cordéis, escritos pelos alunos do 4º Ano A

Tema: "Cordel do Futebol"

Gostamos de futebol

E já deu para notar

Fizemos um lindo gol

Mano! Foi de arrepiar

Messi é um grande craque



Que ganha do Di Maria
Ele é o melhor do mundo
Ai, meu Deus! Eu já sabia

Futebol é bom esporte
Muita gente quer aprender
Mas tem que se esforçar
Treinar muito pra vencer

Um dos cinco Cordéis, escritos pelos alunos do 4º Ano B
Tema: "Cordel do Futebol"

O Neymar caiu no campo.
Juiz mandou levantar.
Ameaçou com um cartão.
Sai do chão e vai jogar.

Gabriel Jesus cruzou.
A bola de cobertura.
E o Neymar cabeceou.
Fez um gol, linda pintura.

A menina e o menino.
Também podem jogar bola.
Com amizade e respeito.
Bom de bola e bom na escola.

Um dos cinco Cordéis, escritos pelos alunos do 4º Ano C

Tema: "Cordel do Futebol na Escola"

No futebol da escola.

Não vai ter pra mais ninguém.

Treinando e jogando bola.

Nosso troféu logo vem.

Nosso time é muito forte.

E joga para ganhar.

Mas o importante no esporte.

É competir e respeitar.

No recreio a gente joga.

O futebol com emoção.

E a galera sempre grita.

Quarto C é campeão.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Compreensão na leitura. Incentivo à leitura. Gêneros literários.

A COMPREENSÃO LEITORA NA ESCOLA – UMA PROPOSTA DE ENSINO

Marcela Coladello FERRO
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEF Leandro Klein

RESUMO:

As práticas de leitura na escola têm se colocado como um tema obrigatório para a reflexão e intervenção pedagógica, inserida em um intenso debate sobre a melhor maneira de ensinar a ler. É comum na escola, a preocupação dos professores, com a interpretação de texto como elemento fundamental para tornar seus alunos, de fato, bons leitores. Nesse caso, o trabalho pedagógico acontece por meio de um contrato preestabelecido, que se dá a partir da localização de informações do texto. Como prática dominante, autoriza os alunos a executar tarefas de procurar informações e transferi-las às respostas de questões e ao professor cabe checar se o aluno é capaz de localizá-las. Pode-se dizer, sabendo do objeto que se trata que esse contrato pedagógico a respeito da interpretação, tem-se instituído na superfície ou linearidade do texto, quanto ainda, não leva o aluno a construir sentidos. Nota-se que tal prática tem restringido o acesso dos alunos a uma construção crítica e ativa, sendo sua leitura reservada restringindo sua leitura circunspecta a resultados corretos da avaliação do professor. Para questionar tal convenção posta e ampliar as possibilidades do trabalhado mediado com a leitura é que se propõe este trabalho. Institui-se como paradigma, o que se considera indispensável para a formação do cidadão que a escola pretende formar, que é necessário saber ler e saber ler bem é saber compreender o que se lê. Neste sentido, tem-se o princípio de que ler é compreender. É esperado que a escola desempenhe o seu papel social e forme o leitor competente. Nesse contexto, “ensinar a ler é, acima de tudo, ensinar explicitamente a extrair informação contida num texto escrito, ou seja, dar às crianças as ferramentas de que precisam para estratégica e eficazmente abordarem os textos, compreenderem o que está escrito e assim se tornarem leitores fluentes”. Com isso, tem-se como objetivo divulgar uma vivência de ensino de leitura na escola que visa à compreensão leitora. A proposta ora apresentada é organizada a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos do modelo interativo de leitura e tem como objetivo proporcionar um diálogo entre leitor e texto, abrangendo uma compreensão mais efetiva. Têm-se como eixo organizador as estratégias de compreensão leitora, tomando-se como fundante a estrutura de um ensino metacognitivo. Acredita-se, como mencionado, que por meio do ensino dessas estratégias os alunos tornam-se capazes de tomar decisões sobre o texto, questionando e determinando o que é importante. Ao conectar-se com o seu conhecimento prévio são capazes de prever e inferir informações, construindo um sentido ao texto. Esse fator passa a ser relevante para o exame de práticas que possam ajudar as crianças nesses processos, visto que grande parte dos alunos brasileiros afirma não entender o que lê, por principalmente permanecerem na superficialidade dos textos. É nesse sentido, que se propõe uma prática, na tarefa de ensinar o aluno a compreender o que lê. Para tanto, foi proposto uma vivência de compreensão leitora, na escola EMEF Leandro Klein – Prefeitura de São Caetano do Sul, e aplicação, em um 5º ano, de atividades de leitura de textos informativos, usando as estratégias de compreensão, estruturadas em antes, durante e depois da leitura. O material utilizado foi organizado pelo governo português, cujo título: O ensino da leitura: a compreensão do texto, propõe atividades de ensino da compreensão leitora de textos informativos, narrativos, teatral,



instrucional e poesia. Neste estudo, dispôs-se o trabalho com o texto informativo sobre os pandas, em uma perspectiva de mediação da leitura: antes, durante e depois, em um ensino explícito das estratégias de compreensão leitora. Com essa estrutura, é possível perceber que as crianças já possuíam alguns conhecimentos prévios sobre o assunto abordado e que acima de tudo, foi possível ampliar esses conhecimentos, atribuindo significados ao que se lê, resultando não apenas na localização de informações e sim um nível de compreensão, em processos mais complexos a partir interação do leitor com o texto. Ainda, pode-se afirmar que ao propor essa prática de refletir o texto, considerando as estratégias de leitura, o aluno conecta seus os conhecimentos prévios e se engaja no seu próprio processo de aprendizagem leitora, melhorando o entendimento do texto, inclusive avançando na capacidade de localizar informações explícitas, para também inferir informações implícitas; e ao professor, permite-se articular uma mediação mais efetiva, compartilhando com os alunos a construção de sentidos para o texto.

Palavras-chave: Compreensão na leitura. Incentivo à leitura. Ensino fundamental.

A SUBJETIVIDADE DA OBRA 'QUEM TEM MEDO DE MONSTRO?' DE RUTH ROCHA

Janete Jacinto BONFIM
Secretaria Municipal de Educação de Mauá
E.M. Samir Auada

RESUMO:

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho com a turma foi o evento “Movimento do livro e da leitura” que faz parte do calendário escolar da rede municipal de Mauá. Trabalhar de forma lúdica e prazerosa a obra literária de Ruth Rocha foi o que desencadeou a realização de uma série de atividades na escola, com o objetivo de criar aventuras e despertar o interesse das crianças pela literatura infantil. Surpreendentemente, o que era apenas uma estratégia de ensino, tornou-se uma sequência didática interdisciplinar, pois foi possível ampliar as expectativas de aprendizagem dos alunos para além da literatura, abordando também, o ensino da arte e da inteligência emocional. Para alcançar os objetivos propostos, apostei na obra já citada e nas linguagens artísticas, tais como o desenho, a pintura, a música, a dança e a dramatização, o que foi fundamental para despertar o interesse das crianças por estes momentos e, assim, conquistar os objetivos almejados.

Iniciei as atividades no mês de março, visando a estratégia de ensino da língua portuguesa através da literatura infantil para proporcionar aprendizagens significativas. Elaborei a sequência didática para trabalhar com o Livro “Quem tem medo de monstro?”. Segui as etapas propostas pelo planejamento elaborado, mas novas ideias e outras estratégias foram adaptadas durante o percurso.

A princípio, apresentei a proposta do evento à turma e propus uma roda de conversa, pois queria ouvir ideias e sugestões que eles tinham sobre o tema. As crianças participaram contando suas vivências com seus familiares, livros e histórias que conheciam, e muitos comentaram sobre o evento do ano anterior, no qual Monteiro Lobato foi o homenageado.

De acordo com as respostas dos alunos, lancei um desafio: Quem seria o autor ou autora homenageado neste ano? As crianças tiveram dificuldade em falar nomes de autores, apenas uma citou Ingrid B. Bellinghausen, autora da coleção “O mundinho”. Percebi que conhecem muitas histórias e livros, mas não possuem um repertório de autores e ilustradores.

Diante do exposto, conclui que seria importante conhecer a biografia e as obras de Ruth Rocha escolhidas pelo corpo docente para serem homenageadas. Para o evento, teria que preparar uma apresentação com as crianças baseada em um de seus livros e para isso utilizaria as expressões artísticas como a dramatização e dança.

A partir deste momento, solicitei a participação das famílias para que auxiliassem as crianças nas pesquisas sobre a escritora e suas obras infantis. Cada dia fazíamos a leitura das pesquisas e os conhecimentos foram ampliados. As crianças tiveram a oportunidade de conhecer os livros “Quem tem medo de monstro?”, “Romeu e Julieta”, “Marcelo, Marmelo, Martelo”, “A arca de Noé” e “O coelhinho que não era da páscoa”, que fazem parte do acervo literário da escola.



Escolhi como obra a ser estudada o livro “Quem tem medo de monstro?”. A metodologia utilizada foi a proposta triangular de Ana Mae Barbosa para o ensino da arte. Percebi que seria um trabalho prazeroso, pois as crianças se mostravam curiosas e interessadas. O livro trata, de forma lúdica, a emoção do medo. Muitas questões vieram à tona, como os medos infantis de bichos, de pessoas e também da morte. Os medos das crianças foram abordados com respeito e cuidado, criando um ambiente seguro, dando vozes a elas para os expressarem com confiança através das produções criativas (desenhos, pinturas e modelagem) complementadas verbalmente. Brincadeiras envolvendo o tema também foram realizadas para descontrair. Faziam perguntas sobre as personagens da história e as associavam aos seus medos. Aos poucos ampliamos os conceitos para além do medo envolvendo outras emoções e falamos também das sensações físicas provocadas a fim de reconhecê-las e nomeá-las, sendo este um princípio da inteligência emocional.

Paralelamente, trabalhei com a interpretação do texto escrito, com a leitura das imagens (ilustrações do livro) e com a elaboração do monstrinho do nome. Montamos um painel intitulado “Somos leitores” e um banner “Monstrinhos do nome” expostos no dia do evento. Conteúdos e conceitos como oralidade, leitura, escrita, interpretação, expressividade e princípios da inteligência emocional foram ampliados. Percebemos que, no decorrer das atividades, as crianças foram capazes de identificar os medos que fazem parte do dia a dia e também de encontrar formas de vencê-los.

O encerramento foi um momento especial. O evento “Movimento do livro e da leitura” aconteceu no dia 14 de abril de 2018, nas dependências da escola. Contou com 96,4% de presença das crianças e suas respectivas famílias. Foram realizadas a exposição dos trabalhos e a apresentação da dança/dramatização. Os ensaios foram sempre cheios de emoção e expressividade e cada criança escolheu a personagem a ser interpretada. A parceria das famílias na confecção de fantasias foi enriquecedora, pois proporcionou momentos de socialização e aprendizagem. Vê-los trabalhando em conjunto, de forma colaborativa, me fez perceber a importância de integrar e gerar vínculos no sistema educacional, familiar e social. Talvez seja esta a caminhada dos novos tempos para a educação na modernidade.

As crianças vivenciaram, através da dramatização e da dança, muitas emoções nomeadas por elas como medo, alegria, união e felicidade, sem desistir, tendo uma atitude de coragem diante do desafio, demonstrando apropriação de conceitos fundamentais à vida.

Concluo que a sequência didática envolvendo o livro de Ruth Rocha, realizada com a turma do primeiro ano, foi significativa para todos os envolvidos. Realizei avaliações com as crianças, familiares e com os educadores da escola tendo uma resposta sempre positiva sobre tudo o que foi feito. Percebo que se despertou o gosto pela leitura e as crianças estão expandindo seu repertório literário. Começaram a identificar suas emoções e as expressaram com mais liberdade através das atividades artísticas. É uma experiência que merece ser compartilhada por contemplar os interesses e necessidades das crianças.

Palavras-chave: Literatura infantil. Livro e leitura. Compreensão na leitura. Incentivo à leitura. Ensino fundamental.

CONSELHO MIRIM: FAZENDO OUVIR A VOZ DOS ALUNOS

Tatiane Cristina Carvalho DIAS
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Maria Adelaide

RESUMO:

Em 2017 nasceu o Conselho Mirim da EMEB Maria Adelaide com o intuito de dar voz aos alunos, com o objetivo de ouvir as crianças e atender suas expectativas frente à realidade da escola. Segundo PACHECO, 2012, '... É pelas Assembleias que se dá a participação das crianças na organização interna da escola... É uma reunião para discutir juntos os problemas da escola... Ali, aprendemos a respeitar regras e a respeitar uns aos outros...'

O exercício de fala, de escuta e de tomada de decisão encontra no ambiente escolar, por vezes, oportunidade única de ser vivenciado pelas crianças e, por assim ser deve ser estimulado e valorizado como condição para o protagonismo da criança enquanto sujeito-cidadão.

Prezamos por esta mobilização como forma de aproximar de forma crítica e criativa as expectativas de nossos alunos com as possibilidades de refinamento do ambiente escolar com vistas em melhorias dos ambientes, de corresponsabilidade nos combinados e de respeito mútuo entre todos os integrantes da escola.

Tal movimento surge a partir da curiosidade que os alunos apresentavam com frequência de questionar a gestão da escola frente a determinadas situações. Ora pediam intervenções na hora de recreação, ora pediam mais materiais para as aulas de Artes e Educação Física e muitas vezes solicitaram obras e reformas principalmente nas salas de aula. A frequência dos pedidos e a necessidade em dar respostas comprometidas para os alunos apontaram a precisão de organizar encontros onde poderíamos debater, socializar e encaminhar estas reivindicações. Destes encontros fortalecemos o Conselho Mirim da Unidade Escolar.

Com encontros regulares nossa proposta busca tratar com os alunos possibilidades de decisão frente às colocações destes, informando-os sobre os tramites de hierarquização de responsabilidades, de conhecimento de direitos e de responsabilidades e deveres. Juntos chegamos a encaminhamentos interessantes uma vez que as crianças são menos resistentes às mudanças, mais tolerantes com o diferente, pouco preconceituosas e mais disponíveis em relação a novas ideias.

A participação dos alunos nas demandas escolares e o papel de colaboradores nestas demandas possibilitaram às crianças a intervenção em espaços e em rotinas desde então. Desta mobilização nasceram "Campanhas educativas de conservação de Limpeza dos Ambientes", através de cartazes confeccionados por eles, as apresentações orais nas salas de aula explanando assuntos como a "Dengue" e, até a "organização de um espaço físico para leitura e lazer" no próprio refeitório para momentos livres do lanche.

As crianças puderam entender de que forma tomamos decisões em ambientes coletivos e que são necessários vários segmentos para a realização de um projeto. Aprendemos que na

coletividade só funcionamos em rede. Aprendemos também que a valorização de cada ação é gratificante e que cuidamos melhor quando entendemos sobre o valor do trabalho.

Quanto ao papel do adulto, este se torna secundário no encaminhamento das atividades a serem desenvolvidas. É um mediador que estabelece a ponte entre o querer e o ser possível de realizar, o que faz a provocação e auxilia no registro dos encaminhamentos. É também aquele que primeiro parabeniza o sucesso alcançado.

Depoimentos:

“Eu participo do Conselho Mirim desde 2017. O Conselho Mirim faz parte da escola e o objetivo é a participação das crianças na melhoria da escola, nas reuniões do Conselho Mirim surgem novas ideias e sugestões dos alunos de cada turma.”

Júlia – 5º ano C.

“Meu nome é Cristina. No ano passado estava com uma turma do 3º ano e neste ano estou com uma turma do 5º ano. No ano passado quando foi implementado a proposta de Conselho Mirim, a organização se deu de uma forma com muita autonomia, muita participação. E, neste ano de 2018 com a turminha do 5º ano vejo uma mobilização maior, eles guardam na agenda o dia da próxima reunião e entre eles já vão trocando ideias de como resolver algumas coisas que foram levantadas pela turma de alunos. Então eu parabenizo este movimento, ele está sendo muito produtivo e aproveitado pelos alunos.”

Professora.

Temos observado interesse e vontade de participação por parte dos alunos que por sua vez representam suas salas, curiosidade sobre a rotina da escola para além de suas turmas e sala de aula. Também permitem que se aventurem em todos os ambientes da Unidade Escolar com domínio do espaço e com iniciativa. Já lidam com este momento como um encontro para conversar e trocar informações que promovam a construção coletiva e significativa do espaço escolar bem como estabelecem relações igualitárias que envolvem solidariedade, confiança, apoio, que de fato são aprendizagens maiores que as reivindicações que inicialmente os trazem ao Conselho.

Palavras-chave: Conselho Mirim. Espaço escolar. Tomada de decisões.

GEOMETRIA NOS ANOS INICIAIS

Adriane Regina Bravo MENDES
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Professora Nadia Aparecida Issa Pina

RESUMO:

A presente proposta de trabalho tem por objetivo provocar uma reflexão e discussão sobre como o eixo Geometria vem sendo trabalhado nos anos iniciais do ensino fundamental por meio da prática atual em sala de aula e sobre as propostas atualmente apresentadas para os alunos quer sejam atividades elaboradas quer sejam as atividades dos livros didáticos. A discussão permeia assuntos como: o abandono da Geometria no percurso histórico da educação brasileira (Pavanello, 1993), diferentes estratégias de ensino e aprendizagem, a formação inicial e a importância da formação continuada.

A proposta também pretende apresentar caminhos possíveis para o trabalho com o pensamento geométrico, numa perspectiva da Alfabetização Matemática bem como nos conteúdos apresentados na Base Nacional Comum Curricular. Os caminhos são sugeridos por meio de livros de literatura infantil, que apresentam um conteúdo matemático e proporcionam situações de aprendizagem contribuindo com o processo de ensino baseadas numa tendência denominada “Literatura e Matemática” que vem sendo discutida por muitos autores no meio educacional e surge como um repensar da Educação Matemática principalmente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (Flemming, Luz e Melo, 2005; Smole 2008). A ideia não é descaracterizar o livro e o deleite na leitura, mas por meio da linguagem matemática oportunizar aos alunos uma discussão sobre o conteúdo matemático ali apresentado; por meio de diferentes materiais didáticos manipuláveis (MD) que se apresentam como um recurso didático em apoio ao trabalho do professor em sala de aula. As aulas de matemática podem ser mais dinâmicas e lúdicas se o professor usar esse tipo de material de forma significativa e com conhecimento (Lorenzato, 2006) oportunizando a vivência e a construção. É oferecer aos alunos a oportunidade da manipulação, criatividade, exploração e descobertas; como também por meio de uma estratégia, predominantemente de interesse infantil, que são os jogos apresentados aqui dentro de uma perspectiva cultural e que embasam um sentido aos que jogam (Kishimoto, 1994). Baseando-se na relevância da ludicidade como uma ferramenta para o professor desenvolver um trabalho sistemático e coerente bem como propiciar o trabalho em grupo, o conhecimento de regras e criar estratégias para vencer os desafios.

Assim a apresentação propõe:

1. Reflexão: Como se apresenta a Geometria na nossa sala de aula? Quais são as propostas que temos oportunizado aos nossos alunos para que eles vivenciem o pensamento geométrico? Que conhecimentos temos sobre a Geometria que nos garanta segurança e confiabilidade no processo de ensino?
2. Proposta por meio do uso de livros de literatura infantil: qual é o acervo que temos disponíveis? Do que tratam os livros? Qual a melhor estratégia para utilizá-los em sala de aula?

3. Proposta por meio da disponibilização de diferentes materiais didáticos manipuláveis: Quais materiais posso usar para determinado conteúdo? Quais propostas de atividades posso elencar para cada assunto? De quais estratégias formativas me valerei para um determinado conteúdo geométrico?
4. Proposta por meio do jogo: Que jogos oportunizar? Quais são as regras? Quais conteúdos meus alunos aprenderão? Sugestões: caixa de jogos de matemática com jogos envolvendo a Geometria, caixa de Geometria (com embalagens diferentes) e a parceria com o professor de Educação Física envolvendo questões como localização espacial.
5. Quais as perspectivas (mudanças, desejos) para a prática em sala de aula? Que questões eu preciso, enquanto professor repensar e mudar? Qual a importância da formação continuada nessa perspectiva?

Ensinar Geometria aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental é de suma importância pois envolve o trabalho com o sentido de localização, conhecer, reconhecer e manipular figuras geométricas bem como o trabalho com a representação espacial. Geometria é uma área importante da Matemática tanto quanto Números. Merece a atenção do professor bem como as melhores estratégias visando o aprendizado do aluno. É trabalhar com mapas, com sentido, com manipulação de diferentes figuras geométricas, é analisar diferentes pontos de vista, é saber localizar-se em relação a si e ao outro.

A Geometria está presente em diversas formas do mundo físico. Basta olhar ao nosso redor e observar as mais diferentes formas geométricas. Muitas delas fazem parte da natureza, outras são produtos das ações humanas, como, por exemplo, obras de arte, esculturas, pinturas, desenhos, artesanatos, construções, dentre outras (BARBOSA, 2011, p.2).

Palavras-chave: Ensino fundamental. Alfabetização matemática. Geometria.

MEMÓRIAS DE UM E DE TODOS

Diermany D'Alessandro RAYMUNDO
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Regina Rocco Casa

RESUMO:

Nosso projeto surge a partir da necessidade de construir e preservar nossa memória individual e coletiva na escola. Ao reavaliar com os alunos as atividades realizadas no ano de 2017 detectamos que havia mais entusiasmo nos trabalhos que proporcionavam a interação entre diferentes turmas e séries. Porém, no início de 2018 não tínhamos registros daquelas atividades do ano anterior. Aí surgiu a questão: como guardamos e compartilhamos as nossas memórias de uma aula? A partir dessa questão os alunos responderam a um questionário baseando-se nas boas lembranças que eles guardavam da escola e qual dica eles poderiam dar para que pudéssemos guardá-las por mais tempo. Dentre todas as respostas o que mais foi sugerido foi uma simples ideia: fotografar. E assim nasceu nosso projeto. Divulgar a experiência que os alunos têm durante as aulas de arte a partir de seus pontos de vista e criar uma memória coletiva foi o que nos motivou a criar um projeto específico para este trabalho.

Nosso objetivo era criar um álbum de figurinhas feito pelos alunos e para os alunos a partir dos registros fotográficos realizados durante as aulas, visando dar suporte as memórias dos alunos, reunir as experiências vividas e valorizar toda riqueza que a arte tem no aprendizado e na vida deles. Aprender a colecionar, valorizar e discutir a memória individual na construção e preservação da memória coletiva na escola é um dos principais objetivos do nosso trabalho. E por que não ser divertido também? Coletivamente trabalhamos para que os alunos aprendessem a observar sob o ponto de vista dos demais colegas e respeitasse-os. Interagissem com as informações apresentadas de forma crítica e objetiva. Desenvolvessem a subjetividade e que olhassem para as memórias individuais e coletivas como algo valioso no seu aprendizado. Que se divertissem e assim expandissem futuramente o projeto aos demais seguimentos da escola.

Como ponto de partida eu trouxe dois exemplos de álbum: Um álbum de figurinhas de animações dos estúdios Pixar, publicado pela editora Panini, e o outro exemplo foi parte de um projeto educativo na qual eu participei no Sesc Pompéia, onde o público visitante colecionava figurinhas de obras de arte que fazia parte de uma exposição como intuito de colar num álbum que era distribuído. Depois disso investigamos outros álbuns de figurinhas que os próprios alunos tinham em casa (como álbum de figurinhas da copa 2018, etc.). Para fundamentar o meu trabalho eu busquei referências nos livros “Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação” de Tizuko Kishimoto, “A Imagem no Ensino da Arte” de Ana Mae Barbosa e “Arte como Experiência” de John Dewey. Para exemplificar na prática a ideia do porquê guardamos nossa memória eu trouxe o exemplo de um museu de arte, a Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Após escrever o primeiro texto para o projeto eu o enviei à coordenação pedagógica da escola para que avaliassem os objetivos e a justificativa e acrescentar seu ponto de vista na devolutiva. Ao ler o projeto a coordenação da escola colaborou trazendo um exemplo do projeto que foi

desenvolvido pelo Museu da Pessoa nas escolas do município de São Bernardo do Campo chamado “Memória Local na Escola”. Ler este projeto que foi desenvolvido pelo Museu da Pessoa me ajudou a melhorar a escrita e estruturar melhor as etapas e a viabilidade do nosso projeto.

O álbum de figurinhas foi um meio lúdico que encontrei para discutir a memória coletiva e despertar nos alunos o interesse nas questões da arte como colecionismo, curadoria e acervo. O projeto foi realizado dentro das aulas de arte que tivemos no primeiro trimestre de 2018. Nas primeiras aulas os alunos elaboram a capa do álbum e eu costurei o livro com suas ideias. Tínhamos apenas uma câmera digital então apenas um aluno por aula era responsável pelo registro fotográfico. Para isto, eles se organizaram o rodízio por ordem de chamadas. No final de semana eu realizava a curadoria das fotos na outra semana trazia os registros impressos em papéis adesivos, dentro de "saquinhos de pão" e entregava para os alunos colá-los. Organizamos uma parte específica do álbum para os comentários que os próprios alunos escreviam sobre as fotos que eles e os amigos tiravam. Os comentários eram escritos em post its e grudados nessas páginas. Ao final do projeto o álbum foi publicado na biblioteca da escola.

Próximo ao final do projeto avaliamos a quantidade e a qualidade das interações dos alunos através de um questionário. A avaliação foi realizada com as setes turmas que participaram da construção. Visou questões sobre como foi o interesse do aluno em participar, como ele avalia que tenha sido sua participação, em quais atividades do processo construtivo ele participou e no final uma pergunta para saber se o aluno acha que deve ou não continuar este projeto por mais tempo. Podemos perceber através da pesquisa a participação ativa dos alunos em torno do projeto, assim como a vontade de continuação do mesmo. Para última avaliação foi selecionado um representante de cada turma para participar de uma roda de conversa e troca com o professor e os colegas, resgatando as etapas do processo de construção. Nós brincamos, rimos, fizemos de conta, ficamos surpresos, apreensivos, interagimos e aprendemos uns com os outros. Isto é o que ficou das aulas de arte na memória de um e de todos!

Palavras-chave: Preservação da memória. Memória coletiva. Colecionismo. Curadoria.

MESA DE FRAÇÕES

Kedley de Melo GARCIA
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEF Prof. Rosalvito Cobra

RESUMO:

No início do ano letivo, apliquei um teste diagnóstico para levantar hipóteses sobre as dificuldades dos alunos sobre frações e constatei desafios quanto à interpretação de problemas relacionados às frações; a frações equivalentes e à contextualização dos números racionais no dia a dia.

Então, eu decidi montar uma sequência didática à qual dei o título de “Mesa de Frações”, baseando-me nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e no significado da representação fracionária dos números racionais de Luiza Faraco Ramos, bem como no livro didático das crianças “Vontade de Saber”, de Joamir Souza e Patrícia M. Pataro.

A sequência teve cinco etapas com a duração de quatro aulas mais a celebração dos resultados no final do processo: preparação das mesas (cartazes com situações-problemas); organização dos alunos em trios; realização das atividades; avaliação (aplicação de novo teste diagnóstico) e constatação da evolução dos alunos na capacidade de resolução das situações-problema e também das estratégias utilizadas por eles, que obtiveram uma média aritmética de sete e meio (7,5) pontos em uma escala de zero a dez.

Além disso, eles tiveram um tipo de celebração dos resultados com o preparo e a divisão de um bolo pelos membros de cada grupo, onde eles gostaram muito desse tipo de atividade (OIA) vivenciada na nossa escola.

Outro enfoque se refere a essa experiência. Com certeza, ela pode ser replicada por outros professores de outras cidades do ABCDM que vivem realidades similares, pois todos nós sabemos que, para resolver problemas, o aluno necessita adquirir estratégias que lhe proporcionem um aprofundamento na compreensão do conteúdo para a resolução dos problemas matemáticos constantes na vida cotidiana.

Para que isto aconteça, há uma necessidade urgente de romper as crenças e concepções que o professor tem do ensino e aprendizagem da matemática em específico com relação ao número fracionário.

Portanto, eu penso que nós, enquanto professores podemos repensar a prática pedagógica e trabalhar a aprendizagem de frações por meio da resolução de problemas, de forma lúdica e contextualizada, sendo mediadores e orientando os alunos a pensarem matematicamente, para que não aprendam apenas regras, técnicas e estratégias prontas e acabadas, mas que cheguem a compreender os conceitos e os relacionem à vida prática.

Palavras-chave: Ensino fundamental. Matemática. Frações.

O REGISTRO DO DIÁRIO DE BORDO NA FERRAMENTA GOOGLE DRIVE: A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO DO PROFESSOR

Lindeia Alves Saraiva PAVIOTI

Michele Peres da CRUZ

Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo

EMEB Prof. Otílio de Oliveira

RESUMO:

O presente relato tem por objetivo apresentar o processo de implantação na escola dos diários de bordo como instrumento reflexivo da prática docente que possibilita uma ampliação de interlocução e melhores condições de intervenção com a coordenação pedagógica e trata-se de um instrumento de registro auto reflexivo do fazer pedagógico para o docente. As autoras são a coordenadora pedagógica e a professora do 1º ano inicial. A partir da proposta de inovação pedagógica na escola feita pela coordenadora pedagógica, o grupo de professores, recebeu em 2017 a proposta de realizarem o diário de bordo com o cotidiano da sala de aula. Tal proposta surge a partir do conhecimento do instrumento pela coordenadora através da sua participação no Grupo Colaborativo de Estudos e Pesquisas em Formação Docente (GCOL), coordenados pelo Prof. Dr. Cristiano Rogério Alcântara e Prof. MS. Ana Lucia Borges, cujo a prática docente e a mediação formativa da coordenação pedagógica são o foco de estudo do grupo, sempre permeados pela prática da escrita diária no Diário de Bordo tanto pelos professores, quanto pelos gestores da unidade escolar.

Os diários são instrumentos adequados para veicular o pensamento dos professores. Através deles, o professor auto explora a sua atuação profissional, auto proporciona-se feedback e estímulos de melhoria (ZABALZA, 1994, p. 10).

A dificuldade em registrar foi imensa, contudo, com as devolutivas da coordenadora, a professora sentia-se convidada a refletir sobre suas escritas. As devolutivas são realizadas numa frequência quinzenal e feitas por escrito pela coordenadora pedagógica.

O registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão. (Novoa, 2009, pág. 31-47)

Os registros no diário de bordo foram se ampliando, as reflexões se aprofundando onde um dos insights para a professora aconteceu quando na participação do Colóquio sobre PROFESSORES QUE ESCREVEM DIÁRIOS DE BORDO E REFLETEM SOBRE SUAS PRÁTICAS, (atividade de socialização sobre escrita diária do fazer docente, realizada pelo GCOL), realizado na UNINOVE, SP, onde durante as palestras, ao ouvir a explanação do Dr. Prof. Cristiano Rogério Alcântara que retomou o objetivo do diário de bordo, a professora percebeu que poderia escrever diariamente em seu diário o que a permitiria realizar reflexões mais aprofundadas sobre o seu fazer pedagógico. Assim, passou a fazer os registros diariamente o que facilitou suas reflexões.

A escrita diária dos professores possibilita infinitas formas de tratamentos para várias situações tais como procedimentos didático do professor, reflexão do seu aprendizado; reflexão de como as crianças aprendem; intervenções realizáveis a partir de determinados conteúdos; possibilidade de muitas linguagens; avanços na modalidade organizativa de projetos e sequências didáticas; oferecimento de materiais escritos para a formação do professor trocas significativas sobre o fazer docente entre os pares e outras tantas. (ALCANTARA, 2015, pág,151)

Neste ano de 2018, após um processo formativo sobre tecnologias com o foco no uso das Ferramentas do Google para o fazer pedagógico do professor, a professora e a coordenadora decidiram utilizar o Google Drive como sítio de armazenamento para o registro do diário de bordo, fato este que possibilitou a ampliação dos registros com falas de alunos, o uso de imagens, citações teóricas, o que torna este instrumento de registro mais efetivo.

A escrita de relatos sobre as práticas pedagógicas se constitui por si só em um processo de desenvolvimento da docência. Pois, a escrita proporciona o reconhecimento das ações, concepções, o que auxilia na reflexão e desenvolvimento do conhecimento pedagógico. A narração é mais que o registro escrito das situações marcantes da ação, é a efetiva e autêntica reconstrução da prática, tornando-as experiências” (REIS, 2008).

O uso desta ferramenta tecnológica para tal registro beneficiou a prática da professora pois tem permitido.... A coordenadora pedagógica observa um avanço significativo pois viabiliza que a professora faça seu registro em diferentes locais e usando diferentes dispositivos eletrônicos como: computador, notebooks e mesmo aparelho celular e também permite a socialização direta de registros feitos como áudios e vídeos com as crianças, a devolutiva também se torna mais dinâmica pelo mesmo motivo, uma vez que torna possível o uso de diferentes dispositivos para a formação docente.

O processo de escrita docente está em constante ampliação na escola, uma vez que se caracteriza como um processo singular e que se efetiva no fazer de cada docente, onde através de sua escrita torna-se único e trilha um caminho que reflete suas práticas e permite uma ação formativa pontual e individual da coordenadora pedagógica.

Palavras-chave: Diário de bordo. Registro do professor. Google Drive.



EIXO TEMÁTICO 4: INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E BOAS PRÁTICAS NO ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS PARA ALUNOS INGRESSANTES

Cristina de Moura Ramos

COMPETÊNCIA 4.0 APLICADA NA EDUCAÇÃO 4.0, INDÚSTRIA 4.0, SOCIEDADE 4.0, NA INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Gerson ZUZARTE

DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE HORTAS URBANAS COMO INTERAÇÃO PLURICULTURAL ENTRE CURSOS DE “ETIM” – ENSINO TÉCNICO INTEGRADO AO MÉDIO, NA ETEC JÚLIO DE MESQUITA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR DA DISCIPLINA DE QUÍMICA

Luis Gustavo Rodrigues da SILVA

DESENVOLVIMENTO DE UM PROTÓTIPO CURRICULAR DE ENSINO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO EM ATENDIMENTO A PROPOSTA DO NOVO ENSINO MÉDIO

Maria da Conceição MEDEIROS

Aline Sgarlata dos SANTOS

HACKATHON

Carla Sortino BASSI

Edson TOYODA

JOGOS EMPRESARIAIS ADAPTADOS AO ENSINO DE LOGÍSTICA

Gilberto CRISTIANO

O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO TÉCNICO EM ELETRÔNICA

Alessandra Ferreira de BRITO

PROJETO BIBLIOTECA *MAKER*: *OFIC STOP MOTION*

Luciana Domiciano BARRETO

Emerson da Silva SANTOS

PROJETOS INTERDISCIPLINARES DA ÁREA DE NUTRIÇÃO E DIETÉTICA

Rita de Cássia Abbud Gaspari FAGGE

Rosemeire Choueri BRANCO

SUSTENTABILIDADE E EMPREENDEDORISMO

Rosangela Panace Soares MENINO

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS PARA ALUNOS INGRESSANTES

Cristina de Moura RAMOS
São Caetano do Sul
ETEC Jorge Street

RESUMO:

O século XX foi marcado pelo capitalismo pesado, que tinha como características manter a ordem, de forma padronizada, totalmente controlada. Vivia-se a heteronomia, na qual a sujeição dos indivíduos a este conjunto de regras era imposta e seguida. No entanto, por não dar conta da irracionalidade, do querer transgredir, da complexidade das inquietações e necessidades inerentes ao ser humano, as regras começaram a ser questionadas, e, sem sentido, passaram a não ser mais obedecidas. Iniciou-se a liquefação dos padrões, códigos e regras que guiaram e orientaram gerações. Instituições como família, escola e religião tiveram seus padrões modificados. E pouco a pouco a sociedade conduziu-se para a anomia. Desta forma, as escolhas tornaram-se múltiplas. As possibilidades, antes delimitadas, apresentaram-se quase infinitas, marcando o surgimento dos nativos digitais e multifuncionais. As mudanças também trouxeram contrapontos positivos e significativos a considerar: a democratização do pensamento, a viabilização da construção do conhecimento, a promoção real da inclusão. Assim, cabe à geração atual de educadores ponderar estes fatores ao lidar com os alunos da nova geração. Sem estas considerações, mesmo a melhor das intenções, o mais esmerado trabalho se esvaziará nos conflitos causados pelo choque de conceitos e padrões.

De maneira abrangente, pode-se dizer que a escola não acompanhou as mudanças estruturais da sociedade e espera-se da instituição uma resposta, um modelo escolar que transcenda e não reproduza práticas vigentes na sociedade, tais como, o não questionamento, a passividade, a repetição da resposta tida como certa, a competição, a individualização. Há um problema central de foco, que se encontra no ensino e não na aprendizagem. Além disto, a organização escolar não favorece a integração dos conteúdos. O momento configura-se em oportunidade para repensar os processos de aprendizagem e transgredir o modelo conservador atual. Com a tecnologia disponível e trabalhando em grupos, a partir do reconhecimento e da aceitação do outro, desenvolvem-se valores como senso de coletividade, respeito à diversidade, responsabilidade, compartilhamento. Também é primordial aprender a intervir no mundo com as ferramentas desenvolvidas na escola, como o saber fazer, o como fazer, e que atitude tomar. O desafio atual da escola é apostar na transformação social, por meio de ações educativas emancipatórias. Metodologias ativas promovidas pelo agente que está no papel central do desafio: o professor.

O presente trabalho tem como objetivo analisar os efeitos da aplicação de uma metodologia ativa desenvolvida no 1º ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Automação Industrial, na ETEC Jorge Street, localizada na cidade de São Caetano do Sul. Espera-se evidenciar maior motivação, autonomia e real apropriação do conhecimento técnico decorrentes da adoção da aprendizagem baseada em projetos. O grupo foi formado por quarenta alunos, todos com quatorze ou quinze anos. A maioria mostrava-se entusiasmada com as atividades laboratoriais, mas havia, no entanto, certa frustração em não produzir algo completo, funcional, que

simbolizasse o que seria efetivamente automação. Em resposta aos anseios dos alunos, resolveu-se adotar a metodologia de aprendizagem por projetos, fortalecendo a autoestima do grupo por meio da concretização de uma solução real em resposta a um problema levantando, na forma de um protótipo técnico. Divididos por grupo de trabalho de quatro a seis pessoas a escolha do projeto foi feita livremente por cada grupo, utilizando-se dois critérios: pertinência com a área de conhecimento (Automação Industrial) e relevância para a parcela da sociedade onde seria implementado. Buscou-se uma solução automatizada para algum problema detectado pelo grupo nos ambientes de seu convívio: em casa, na escola, nos lugares que costuma frequentar. Configura-se, portanto em algo significativo, ligado à visão de mundo do indivíduo. O projeto pertencia ao grupo e coube à professora fazer o contraponto, discutindo a viabilidade técnica, desenvolvendo conteúdos específicos para os projetos, que viabilizariam sua execução. Houve muita troca de ideias entre os grupos e apoio coletivo aos indecisos, envolvendo toda turma. Os projetos foram expostos na categoria “convidados” em um evento aberto a toda comunidade escolar.

A participação atuante dos alunos na construção do conhecimento foi evidenciada pelo nível dos projetos, pela qualidade das apresentações durante a exposição e pelo comprometimento demonstrado nas várias etapas do processo. Suas atitudes no transcorrer do experimento imprimiram maior riqueza ao resultado obtido, pois houve muita colaboração entre os colegas e os grupos. Verifica-se assim, que o processo de desenvolvimento do sujeito autônomo foi iniciado em cada um deles, respeitando-se a maturidade e o momento do desenvolvimento pessoal de cada um. Perceber sentido em seu trabalho, buscando motivação para superar as dificuldades e sentir-se satisfeito com seu desempenho dentro da área de atuação pela qual optou, trouxe muita alegria e confiança ao grupo. Para a professora, a experiência afetou-a profundamente. Perceber a reação dos alunos diante desta proposta remete-a à necessidade de reinventar-se urgentemente; e repensar, repaginar novas e velhas metodologias que propiciem o aluno como protagonista, que deem espaço à expressão do jovem, à sua ressignificação das teorias científicas e do mundo.

Por fim, se realmente a escola é, segundo Canário (2006, p.12) “entendida em um sentido amplo como um processo de conhecer e intervir no mundo”, então, cabe a ela discutir possibilidades, desenvolver o senso crítico, dar voz ao aluno, estimular a argumentação.

A escola deve operar transformações nas pessoas. E, ao promovê-las, também será alterada. Reconstruir as regras, criar pontos e contrapontos para debate, experimentar situações-problema, desenvolver autonomia. E o sujeito autônomo intervirá nas pessoas e no mundo, questionando, denunciando, inovando. E o mundo e os outros intervirão nele, modificando-o sempre, interagindo com ele a cada opção feita, cada decisão tomada, cada caminho escolhido.

Palavras-chave: Ensino médio. Ensino técnico. Aprendizagem industrial. Aprendizagem baseada em problemas.

COMPETÊNCIA 4.0 APLICADA NA EDUCAÇÃO 4.0, INDÚSTRIA 4.0, SOCIEDADE 4.0, NA INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Gerson ZUZARTE
Mauá
ETEC de Mauá

RESUMO:

Este artigo tem como finalidade mostrar a nova e inédita nomenclatura de competência chamada Competência 4.0 que está emergindo neste século XXI devido a Quarta Revolução Industrial e seu desdobramento em Sociedade 4.0, Indústria 4.0 e Educação 4.0 e seu contexto com a educação tecnológica. Inicialmente detalharemos uma pesquisa bibliográfica para demonstrar que por meio de uma visão da complexidade estruturada em autores como Schwab (2011), Chiavenato (2014), Montmollin (1986), Gilbert (1992), Carbone (2014), Brandão (2014), Leite (2014), Vilhena (2014) entre outros citados que as nomenclaturas C.H.A. (conhecimento, habilidade, atitude) e C.H.A.V.E. (conhecimento, habilidade, atitude, valores, entorno) não atendem dentro do contexto do século XXI a abrangência adequada para o termo competência nas abordagens deste novo cenário que é a Quarta Revolução Industrial; deste modo o objetivo deste artigo é demonstrar que infelizmente atualmente várias unidades de ensino estão usando duas nomenclaturas desatualizadas e que deveriam usar a nomenclatura C.H.A.V.E.I.R.O. (conhecimento, habilidade, atitude, valores, entorno, inovação, raciocínio e objetivo) que neste artigo será nomeada de Competência 4.0. Neste artigo também tomaremos como referência pesquisas e contexto com aulas realizadas no CPS (Etec's e Fatec's) e os desafios de empreendedorismo realizados pelo CPS e pela UFABC, além de uma ênfase forte no livro A Quarta Revolução Industrial de autoria de Klaus Schwab.

Ao analisarmos a nova nomenclatura Competência 4.0 (C.H.A.V.E.I.R.O.) em contexto com a complexidade no aprimoramento da educação tecnológica focada na visão sistêmica temos que neste período da Quarta Revolução Industrial que está se estruturando cada vez mais devido ao grande avanço da tecnologia nas áreas físicas, digitais e biológicas se destaca como a competência para o desempenho profissional, sócia e para sustentabilidade. A Competência 4.0 conforme toda a pesquisa bibliográfica estudada e o contexto com os estudos de caso e pesquisa de campo desde 2002 se caracterizou como aquela que deve ser trabalhada pelas instituições de ensino tecnológicas e acadêmicas para que o aluno e futuro profissional por meio desta Educação 4.0 estejam aptos e competentes para trabalhar no mercado caracterizado pela Indústria 4.0 e viver na sociedade caracterizada por Sociedade 4.0. Deste modo temos esta nova nomenclatura de competência é a mais adequada para os dias atuais e incorpora os oito aspectos que são muito requisitado pelo mercado de trabalho e no ambiente acadêmico e ressalta os três aspectos principais que são inovação, raciocínio e objetivos contextualizados que são representados três letras "I.R.O.", pois demonstra que para se ter competência precisamos inovar, raciocinar e ter um objetivo definido, caso contrário o profissional só estará exercendo uma função operacional e não será competente na amplitude que o termo deve ter, pois ele só estará reproduzindo e repetindo determinado procedimento operacional e não inovando e não sendo empreendedor com uma visão sistêmica.



Tal competência se caracteriza de modo contextualizado na sala de aula tanto para o docente quanto ao discente para tornar as ações pedagógicas significativas dentro de um processo de aprendizagem em tempo real e no qual este deve-se converter os dados em informação e após em conhecimento (Beal, 2004) da maneira mais rápida possível devido aos fatores dromológicos (Virilio, 1996) aos quais as entidades de ensino tecnológicas estão sujeitas por causa das características extremamente dinâmicas da sociedade e do mercado de trabalho e não se esquecendo de trabalhar em sala de aula sempre com enfoque na visão sistêmica e o pensamento complexo (Morin, 2011) para que o aluno tenha competências plenas na área profissional e social e deste modo tal aluno possa desenvolver a competência dentro da nomenclatura “CHAVEIRO”, onde fica claro que o conhecimento (C) é a premissa para se chegar a um objetivo (O) através de uma ponte de cinco pilares que são habilidades (H), atitude (A), valores (V), emoção/entorno (E), inovação (I), raciocínio (R). Deste modo temos que o termo Competência 4.0 (C.H.A.V.E.I.R.O.) se justifica, pois as nomenclaturas antigas C.H.A. e C.H.A.V.E. necessitavam ser complementadas pela inovação, raciocínio e objetivo; com esta tríade o profissional estaria mais apto a trabalhar com indústria 4.0, inteligência artificial, sistemas robotizados e não ser substituído por estas, assim como saber se adaptar com produtividade profissional e social com enfoque na sustentabilidade mesmo com as constantes oscilações mercadológicas, econômicas e políticas.

Como consideração final temos que a definição de Competência 4.0 de modo genérico e abrangente deveria ser “O resultado do contexto da complexidade, da dromologia, da sustentabilidade e da sinergia com conhecimento, habilidades, atitudes, valores, entorno, inovação, raciocínio e objetivos (sigla C.H.A.V.E.I.R.O./K.C.E.I.S.) para exercer determinada atividade”.

Palavras-chave: Competência 4.0. Educação tecnológica e inovação.



DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE HORTAS URBANAS COMO INTERAÇÃO PLURICULTURAL ENTRE CURSOS DE “ETIM” – ENSINO TÉCNICO INTEGRADO AO MÉDIO, NA ETEC JÚLIO DE MESQUITA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR DA DISCIPLINA DE QUÍMICA

Luis Gustavo Rodrigues da SILVA
Santo André
ETEC Júlio de Mesquita

RESUMO:

Com a importância de desenvolvimento de atividades multidisciplinares e a interação num caráter técnico envolvendo profissionais de diferentes áreas de formação, o referido trabalho fornece aos alunos dos cursos técnicos de Automação Industrial, Design de Interiores, Meio Ambiente e Química da ETEC Júlio de Mesquita, situada na cidade de Santo André, a oportunidade de desenvolverem, conjuntamente, um projeto que dentre tantas habilidades a serem adquiridas, permeia principalmente no caráter de relacionamento interpessoal com diferentes áreas que se mostraram correlatas.

A utilização do tema horta urbana dá-se pela necessidade da reestilização do pensamento urbano numa visão mais humanística e cooperativa entre sociedade civil, comunidades e políticas públicas, onde o ganho social será sempre da comunidade que vivencia tais projetos. Outro fator relevante é a consideração de que a mudança de hábitos alimentares e de saúde pública tem contribuído para que secretarias de educação e secretarias de gestão pública municipal atuem nas comunidades com o propósito de desenvolver ações conjuntas de desenvolvimento de hortas comunitárias.

A intencionalidade do projeto, estritamente acadêmico, não foi a construção real de uma horta urbana, mas a apresentação de uma maquete desenvolvida pelo curso de design e apoiada nas caracterizações técnicas discutidas com as demais áreas envolvidas, contudo, sempre ambientando no pensamento do caráter urbano e, mesmo que hipoteticamente, como a comunidade estudada seria envolvida na utilização da horta urbana proposta. Assim sendo, na proposta foram envolvidas as turmas de 1ª série dos cursos Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM) em: Meio Ambiente; Design de Interiores; Automação Industrial; também do 3º módulo do curso Técnico em Química.

O objetivo desta proposta foi desenvolver uma atividade que associe a interdisciplinaridade e a interação entre diversos cursos de ETIM presentes na ETEC Júlio de Mesquita num projeto comum, no caso, o desenvolvimento virtual em sistema 3D, de uma horta urbana a partir de dados e situações de locais reais.

Para a organização dos trabalhos foi adotada a seguinte metodologia:

O curso ETIM de meio ambiente ficou responsável pela análise geográfica e ambiental do local selecionado e da escolha das mudas (plantas) a serem plantadas em conformidade com a análise de solos e estudo químico desenvolvido e da manutenção do mesmo.

Os alunos do curso técnico de química foram responsáveis pelo suporte técnico quanto à preparação do projeto escrito e apresentação, normatizações no padrão ABNT para descrição do projeto e relatório, e análise química de solo dos locais de estudo.

O curso ETIM de design de interiores atuou na preparação do design dos canteiros dos diferentes tipos de plantas e locais, pensando na questão ambiental, geográfica e social.

Os alunos do curso ETIM de Automação industrial responsabilizaram-se pelo processo de irrigação das hortas em diferentes segmentos de plantios, dando ênfase a sistemas automatizados e contínuos de acordo com a necessidade de cada planta.

Cada grupo constou de 20 alunos, sendo 5 de cada curso, distribuídos em 8 temas de hortas diferentes, obedecendo à organização:

- Distribuição dos temas e grupos
- Entrega do projeto impresso e em arquivo, desenvolvido por todas áreas em um único documento.
- Discussão dos resultados obtidos e do desenvolvimento do projeto.
- Apresentação do trabalho.

Foram propostos os seguintes locais para as hortas urbanas:

- Condomínio com 8 torres residenciais sem jardim e com área comum cimentada.
- Canteiro central de Avenida Prestes Maia / Santo André.
- Teto do estacionamento do Grand Plaza Shopping Santo André.
- Condomínio residencial de 10 casas situada em uma rua sem saída.
- Comunidade residencial assentada sem sistema de esgoto, rede de drenagem e com solo degradado por excesso de resíduos.
- Condomínio residencial construído em área com solo contaminado por chorume.
- Canteiro central e paredes da Avenida Lions / São Bernardo do Campo.
- Canteiros centrais do calçadão Oliveira Lima / Santo André.

Para melhor compreensão dos impactos do projeto no ambiente escolar, foram levantados os pontos positivos a partir da visão de professores e alunos.

Visão do docente:

- Alunos com mais proatividade;
- Valorização dos trabalhos em grupo;
- Melhoria na capacidade de argumentação e do senso crítico;

- Desenvolvimento do pensamento científico;
- Alunos mais responsáveis no cumprimento de cronogramas;
- Necessidade de buscas de informações além do conhecimento unidirecional da sala de aula;
- Interrelação de áreas técnicas com currículo básico;
- Melhoria na autoestima;
- Verificação da química além do conteúdo didático.

Visão do aluno:

- Aprendizado no desenvolvimento de projeto com muitas pessoas;
- Dependência de dados de cada equipe do grupo;
- Coleta de informações - necessidade de pesquisa com caráter técnico;
- Aprendizado de como desenvolver relatório com linguagem técnica/acadêmica e profissional;
- Ampliar a capacidade de liderança e de ser liderado;
- Inter-relacionar conteúdos de área técnica com currículo básico;
- Cumprimento de metas e cronograma.

Palavras-chave: Horta urbana. Química. Interdisciplinar. Intercursos. Maquete virtual.

DESENVOLVIMENTO DE UM PROTÓTIPO CURRICULAR DE ENSINO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO EM ATENDIMENTO A PROPOSTA DO NOVO ENSINO MÉDIO

Maria da Conceição MEDEIROS
Aline Sgarlata dos SANTOS
Ribeirão Pires
ETEC Professora Maria Cristina Medeiros

RESUMO:

A Educação Profissional no Brasil vem estabelecendo-se por distintas iniciativas traçadas em diferentes épocas de nossa história. Desde a criação das Escolas de Aprendizes Artífices, muitos esforços foram realizados para definição de um modelo de ensino profissional que respondesse à prática industrial, agrícola e comercial, passando a ser em 1941, com a Reforma Capanema, considerado de nível médio (BRASIL, 2009).

A Educação Profissional traz a responsabilidade de formar o trabalhador com o direcionamento para as mais variadas demandas de mercado, com capacidade técnica específica para a área de formação, assim como para o desenvolvimento de atitudes e valores relativos à inserção social.

A construção de um currículo de formação técnica integrado ao ensino médio apresenta-se como uma resposta a legislação estabelecida pelo Ministério da Educação e por demais órgãos responsáveis.

Como referência fundamental ao trabalho, a Lei de Diretrizes e Base da Educação - LDB (9.394/96) determina:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996).

Assim, integrar a formação profissional à educação básica pode constituir-se em um caminho para o crescimento integral do indivíduo, no acolhimento das expectativas de promoção de uma

sociedade justa e solidária, no favorecer do desenvolvimento social e econômico pautados nos pilares da cultura, ciência, tecnologia e trabalho a partir de práticas sociais.

A nova proposta para o ensino médio, em atenção à Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 (BRASIL, 2017), evidencia a necessidade de adequação dos planos curriculares relativos à Base Nacional Comum Curricular e à parte prevista como diversificada subdividida nas áreas do conhecimento.

Diante desta necessidade, e para o atendimento a nova demanda, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI), sendo responsável pela administração das Escolas Técnicas (Etecs) e Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, propôs a elaboração e a implementação de um protótipo curricular pautado nas novas diretrizes do ensino médio, iniciativa na qual a formação técnica preestabelecida assume as perspectivas da parte diversificada em conformidade com a legislação. Pressupõe-se que a viabilidade da formação integral perpassa pela integração curricular, no sentido de dar significado aos saberes, não fragmentado ou desconexo da realidade de vida do aluno.

Considerou-se como uma alternativa viável para integração curricular da base comum e da parte diversificada a orientação por projetos, com objetivo de favorecer o desenvolvimento integral e responsável dos alunos, empreendendo uma proposta de formação inserida no contexto social e do trabalho da comunidade local.

De acordo com Regattieri e Castro (2013, P.8), no desenvolvimento do protótipo:

[...] procurou-se construir um instrumento que pudesse ser apropriado, amplamente utilizado e continuamente aprimorado pela escola pública. Portanto, os protótipos devem ser compreendidos como referências a serem usadas pela escola na definição do currículo do ensino médio ou para a elaboração do currículo (e do plano de curso) do ensino médio integrado à educação profissional.

Ressalta-se que um protótipo indica uma forma de execução, em específico a formação do currículo, cabendo acompanhar sua implantação no ambiente escolar, onde efetivamente os resultados podem ser mensurados e validados, tornando-se possível identificar os desafios impostos pelo novo modelo. De acordo com o proposto no documento da UNESCO, a elaboração de um protótipo: “é indicado especialmente na discussão e na tomada de decisão sobre os princípios norteadores do currículo e na definição da organização, da estrutura e dos mecanismos de integração curricular”. (UNESCO, 2011, p.8)

A elaboração de um protótipo com um núcleo de integração baseado em projetos, vem carregado de intencionalidades que orienta para o trabalho interdisciplinar, transdisciplinar e de contextualização das áreas do conhecimento, tanto como das dimensões articuladoras do currículo. Tem sua fundamentação centrada: “[...] no planejamento (concepção) e na efetivação (execução) de propostas de trabalho individual ou coletivo que cada estudante usará para produzir e transformar sua realidade e, ao mesmo tempo, desenvolver-se como ser humano”. (UNESCO, 2011, p.9)



O pressuposto de integração por projetos objetiva a aquisição de competências e habilidades, ampliando a autonomia e o protagonismo do sujeito durante o processo de formação. Essa proposta busca fortalecer a determinação do Art.3º da LDB no que tange aos princípios:

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

X - valorização da experiência extraescolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. (BRASIL, 1996)

Espera-se com este estudo demonstrar as ações realizadas pelo Centro Paula Souza, quanto à construção de uma proposta curricular, configurando-se em uma ação inédita no ensino público do Estado de São Paulo, com olhar para o atendimento dos princípios expostos pela LDB, considerando nos temas estabelecidos para os projetos, a valorização das experiências e contextos da comunidade local. Cabe destacar, que tal iniciativa poderá resultar na ampliação da oferta de vagas de cursos profissionais técnicos integrados ao ensino médio, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade por meio do acesso à educação.

Somente por meio de acompanhamento do modelo nos próximos anos, será possível mensurar os resultados obtidos pela proposta.

Palavras-chave: Ensino médio. Ensino técnico. Aprendizagem industrial. Currículos.

HACKATHON

Carla Sortino BASSI

Edson TOYODA

Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação (CECAPE)

RESUMO:

Os alunos dos cursos do EPT da EME Profa. Alcina Dantas Feijão, têm atividades específicas nos cursos de publicidade, contabilidade, administração, informática e logística, separados em pequenos feudos devido à distância física imposta por salas específicas para cada curso.

O perfil desses estudantes, no 1º semestre de 2016, era de classes heterogêneas quanto à idade, pois a única exigência de acesso aos cursos é ter concluído, pelo menos o 1º ano do Ensino Médio.

Objetivando promover a integração entre os alunos dos diversos cursos, planejamos uma ação que fosse desafiadora o suficiente para ter a adesão voluntária dos alunos com os conhecimentos específicos de seus cursos, alinhando assim, as competências desenvolvidas pelos mesmos, além do trabalho com as demandas de técnicas cognitivas e emocionais que envolvem uma competição.

Na metodologia do Hackathon os alunos foram desafiados a buscar soluções para questões tratadas pela Unesco no ano de 2016 – Ano Internacional para o Entendimento Global “Construindo pontes entre os pensamentos globais e as ações locais”, utilizando os conhecimentos prévios e de pesquisa para elencar um problema com base nesse eixo, investigar e propor soluções, elaborar hipóteses de ação e estabelecer metas para os resultados desejados por eles mesmos. Os professores, atuaram como tutores das equipes ao longo do processo.

Para tanto, buscamos parceiros que pudessem agregar valor ao projeto no que tange a apresentação da metodologia Hackathon e empresas patrocinadoras que garantiram uma premiação à equipe vencedora, além do incentivo acadêmico oferecido pela USCS.

A atividade foi organizada para que em 03 datas-chaves pudéssemos discutir coletivamente (no auditório da escola) conceitos necessários para a evolução de todos os alunos, participantes ou não do desafio Hackathon. E as demais datas somente para os inscritos no Hackathon.

Na 1ª data – 11/03, apresentamos o conceito e funcionamento do Hackathon no mercado, com o empresário Leonardo Gmeiner do aplicativo: Filho sem Fila, que apresentou seu negócio, como forma de exemplificar todas as etapas necessárias para montar um negócio, contextualizando a atividade numa experiência próxima à realidade dos alunos.

A partir desse dia organizaram suas equipes, convidaram um professor para ser mentor e estudaram a proposta da UNESCO e seus desdobramentos, bem como a elaboração de um Plano de Negócios, necessários para etapa seguinte, contendo itens como: Problema, Solução Proposta, Pesquisa, Análise Financeira, Funcionamento e Resultados Esperados, com o apoio dos professores mentores.

A 2ª data – 15/04

Entregaram o documento com seu plano de negócios para os avaliadores, formado por uma comissão julgadora externa a escola. Aproveitamos essa data para uma nova palestra, com Victor Ramos proprietário da PETVEG, empresa especializada na venda e-commerce de ração vegetariana para cães e gatos, que apresentou sua experiência e pode esclarecer as dúvidas dos alunos principalmente sobre o começo do negócio e suas dificuldades.

Um ex-aluno do curso técnico, Leandro de Macedo, compartilhou sua experiência sobre um prêmio de Hackathon que recebeu na Tim Telecomunicações.

O ITESCS apresentou o modelo PITCH – apresentação sumária de 3 a 10 minutos com o objetivo de despertar o interesse da outra parte, seja investidor ou cliente, pelo seu negócio, assim, deveria conter apenas as informações essenciais e diferenciadas, apresentadas de forma verbal ou ilustradas de 5 a 8 slides contendo tópicos genéricos como: qual a oportunidade de negócio o mercado irá atuar, qual a solução e seus diferenciais, o que se está buscando; pois esse seria o formato para que cada grupo apresentasse seu projeto no próximo encontro.

A 3ª e última data foi 29/03, data de maior apreensão dos alunos participantes, pois havia o medo de falar para os jurados e o auditório lotado, além da competição.

Subiram ao palco, apresentaram seus trabalhos e responderam as dúvidas e comentários dos jurados.

O trabalho nos mostrou que os alunos engajados com o projeto queriam mais que ganhar, queriam colocar em debate problemas da cidade, como as enchentes, o lixo nas ruas o trânsito caótico, etc. O vencedor foi um trabalho de gerenciamento do estacionamento rotativo na cidade, que prevê a redução do tempo para localização das vagas e por consequência menos veículos transitando na cidade.

Os resultados foram de extrema importância para o desenvolvimento prático/pedagógico no contexto do ensino profissionalizante técnico, pois muito se falava a respeito da importância do corpo docente/discente vivenciar a realidade, porém nada se fazia em relação a estas parcerias até a realização deste evento.

Percebemos a mudança de postura dos alunos e dos professores em relação à importância de sair da zona de conforto, então demos o protagonismo àqueles que valorizaram o trabalho em equipe, as relações interpessoais e as complexas estruturas do conhecimento de todos os envolvidos nas resoluções dos problemas.

Abrimos um networking fantástico para a escola, inclusive com ofertas de empregos para alguns alunos que se apresentaram no evento, a partir dos jurados empresários que participaram da banca.

Após a realização do Hackathon enxergamos novas possibilidades em relação às empresas chamadas de “startups”, empresas inovadoras que apresentam soluções rentáveis e escaláveis em um ambiente de extrema incerteza. Os alunos além dos conceitos apreendidos, desenvolveram postura comunicativa, a consciência ambiental e o melhor, o prazer em desenvolver um estudo vinculado a sua realidade, por meio do desenvolvimento de projeto.

Tivemos reconhecimento dos órgãos governamentais e da imprensa, que são muito importantes para o ecossistema empreendedor, mas acima de tudo, as mudanças que pudemos proporcionar a todos os envolvidos neste projeto.

Palavras-chave: Ensino médio. Ensino técnico. Aprendizagem industrial. Aprendizagem baseada em problemas.

JOGOS EMPRESARIAIS ADAPTADOS AO ENSINO DE LOGÍSTICA

Gilberto CRISTIANO
São Bernardo do Campo
ETEC Lauro Gomes

RESUMO:

Segundo Houaiss & Villar (2007, p. 1685) a definição de jogo vem de “designação genérica de certas atividades cuja natureza ou finalidade é recreativa, diversão, entretenimento, atividade espontânea das crianças, brincadeira”. Mas o conceito vai muito além, diversos estudos apontam que os jogos datam de centenas de anos antes de Cristo. Eles sempre auxiliaram a humanidade a educar o corpo e a mente para a sobrevivência.

Para Friedmann (2006), jogo é um termo derivado do latim “jocus” que significa gracejo, brincadeira, divertimento. O jogo é uma atividade física ou intelectual que integra um sistema de regras e define um indivíduo (ou um grupo) vencedor e outro perdedor.

Kishimoto (2002) afirma que os jogos contribuem para o estabelecimento da autonomia, das habilidades de descentrar e de coordenar diferentes pontos de vista, da capacidade de estabelecer relações, elaborar ideias e resolver problemas.

É importante ressaltar que, no âmbito escolar, os jogos não devem ser apenas uma atividade de lazer, o professor sempre deve ter um objetivo em mente com essas atividades. O professor deve oferecer aos alunos atividades que despertem interesse, utilizando-se de coisas da vida real e que sejam manipuláveis, facilitando a visualização do assunto. (MIRANDA, 2001)

O uso de jogos empresariais é uma prática bastante difundida nos meios acadêmicos, pois cria um ambiente participativo e centrado na figura do educando (KALLÁS, 2003). Trata-se de uma ferramenta de eficácia comprovada no ensino de diversos aspectos na área de Administração, tais como custos, produção, vendas, relacionamento interpessoal, liderança, motivação, entre outros.

Entretanto, há uma carência de jogos deste gênero voltados ao ensino de Logística, um segmento da Administração que devido às exigências do mercado por qualidade e prazos de entrega, acabou ganhando vida própria. Os poucos jogos existentes nesta área apresentam algumas dificuldades de aplicação pelos professores: ou necessitam de laboratórios com diversos computadores ou demandam longo espaço de tempo.

Partindo do princípio de que nem todas as escolas dispõem de laboratórios de informática em tempo integral e de que a eficácia do jogo como ferramenta didática possui uma relação direta com o tempo de duração de sua aplicação, o propósito deste projeto é apresentar jogos que foram adaptados de maneira a permitir sua aplicação em qualquer sala de aula, com o tempo máximo de duração de cada jogo estimado em uma hora e meia e usando recursos simples como papéis, canetas, potes de plástico, copos descartáveis, cola, tesoura etc.

A seguir uma breve descrição de alguns dos jogos:



“Jogo da Carteira” - Constitui-se em um desafio onde cada grupo deve produzir carteiras ao menor custo e com a máxima qualidade. O professor demonstra a forma de confeccionar as carteiras, fornece aos alunos os materiais (as carteiras são feitas com sulfite, tesoura e cola), informa os custos, controla o tempo e, ao final, inspeciona a qualidade. Este jogo apresenta aos alunos as diversas funções englobadas pela Logística.

“JIT Game” - Simula a produção de canetas. Primeiramente, em uma linha de produção tradicional e depois em uma linha de produção que adota o modelo JIT (Just in Time). O professor designa as funções que cada aluno desenvolverá no jogo e controla e compara os tempos de produção em cada modelo. Este jogo permite explicar os conceitos de produção empurrada e produção puxada, produtividade, layout e Just in Time.

“Jogo da Demanda” - Neste jogo, os participantes formam grupos que representam cada elo de uma rede de distribuição: fábrica, importador, atacadista e varejista. O professor representa os consumidores e será o responsável por gerar a demanda, que deverá ser atendida pelos grupos. Sua aplicação demonstra o conceito de Supply Chain.

Os jogos acima descritos foram aplicados no curso Técnico em Logística na Etec Lauro Gomes e na sua Classe Descentralizada E.E. Cynira Pires dos Santos, ambas localizadas em São Bernardo do Campo. Em ambos os locais as atividades obtiveram, além da repercussão positiva por parte dos alunos, bastante êxito na assimilação dos conceitos estudados.

As metodologias ativas de aprendizagem são ferramentas poderosas de ensino e vão ao encontro das orientações curriculares do ensino técnico, que preconizam a utilização de métodos diversificados que permitam ao aluno aliar teoria e prática.

Embora tenham sido citados apenas três jogos neste trabalho, há vários outros já formatados e em uso e outros tantos em estudo para serem adaptados, visando sempre a construção de uma aprendizagem significativa, que seja capaz de unir o mundo acadêmico ao mundo do trabalho.

Palavras-chave: Ensino médio. Ensino técnico. Logística. Aprendizagem baseada em problemas. Jogos educativos.



O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO TÉCNICO EM ELETRÔNICA

Alessandra Ferreira de BRITO
São Caetano do Sul
ETEC Jorge Street

RESUMO:

O atual cenário dos cursos de formação profissional partilha os desafios enfrentados pelas empresas: atender às transformações tecnológicas da organização do trabalho, das atribuições profissionais e de características comportamentais dos futuros profissionais dos mais variados segmentos. (TAVARES e BRITO, 2014)

Portanto, a centralização do fator humano como princípio norteador da formação profissional pode promover uma educação que tenha como bases ações que aproximem as expectativas dos envolvidos no processo de ensino – aprendizagem, por meio de projetos interdisciplinares e intervenções pedagógicas.

Dessa forma, o relato de experiência a seguir descreve intervenções realizadas com estudantes da ETEC Jorge Street, localizada na cidade de São Caetano do Sul, em São Paulo, do módulo concluinte do curso Técnico de Eletrônica, por meio do componente curricular Ética e Cidadania Organizacional.

As intervenções realizadas tiveram como objetivo a relação entre o autoconhecimento dos estudantes e o reconhecimento de habilidades comportamentais, rumos profissionais, reflexão sobre práticas no ambiente de trabalho e técnicas de relações interpessoais.

Para tanto, a amostra coletada foi de 14 estudantes, para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que contemplaram conceitos de relações humanas que constituem as bases tecnológicas do componente de Ética e Cidadania Organizacional.

Na linha de caracterização dos estudantes, por meio dos dados coletados, constatou-se estudantes entre 18 e 47 anos de idade e todos do sexo masculino.

A primeira intervenção realizada foi a aplicação de um questionário de 44 questões de autorrelato, intitulado no Brasil como SENNA 1.0. O questionário é aplicável para mensurar dados de características socioemocionais dos estudantes com base na teoria dos Cinco Grandes Fatores, o Big Five. Para Primi e Santos (2014), a teoria dos cinco fatores pode ser definida como:

- Abertura a experiências (Tendência a ser aberto a novas experiências);
- Conscienciosidade (Tendência a ser organizado, esforçado e responsável);
- Extroversão (Orientação de interesses e energia em direção ao mundo externo);
- Amabilidade (Tende a agir de modo cooperativo);
- Estabilidade emocional (Previsibilidade e consistência sem mudanças bruscas de humor).

Os dados levantados dos estudantes que responderam ao questionário apresentaram frequências nos seguintes aspectos:

- Aceitam totalmente a abertura a novas experiências;
- Não reconhecem níveis de conscioidade;
- Aceitam que o trabalho em equipe é necessário;
- Aceitam pouco que detém características de estabilidade emocional.

Assim, os dados foram associados às atividades ocupacionais relatadas pelos estudantes: 3 estudantes com cargos de liderança no segmento de eletrônica; 3 estudantes em busca da primeira inserção no mercado de trabalho; 1 relatou estar no mercado de trabalho, mas não atua no segmento; 1 atua de forma autônoma e 6 atuam em áreas operacionais do segmento em empresas.

As intervenções realizadas foram fundamentadas entre a associação da expectativa e das necessidades levantadas no questionário SENNA 1.0 e os conhecimentos do componente de Ética e Cidadania Organizacional.

Contudo, os conceitos desenvolvidos foram direcionados por meio de intervenções como: a demonstração dos dados coletados no instrumento SENNA 1.0 individualmente, discussão coletiva e expositiva das características sociais do grupo dos estudantes e de suas interações.

Partindo das necessidades levantadas por meio de exposição, debate e sensibilização foram utilizadas as seguintes intervenções e conceitos do componente de Ética e Cidadania Organizacional:

- O conceito de imagem pessoal e institucional foi relacionado a estudos de caso de empresas do segmento e a fidelização das marcas no mercado;
- Fundamentos da legislação trabalhista e legislação do trabalho autônomo contribuíram para traçar alternativas de trabalho como programas: Jovem Aprendiz (para a inserção no mercado de trabalho), a possibilidade de estágios vinculados ao curso e caminhos de empreendedorismo e noções de elaboração de modelos CANVAS e os subsídios oferecidos por instituições como SEBRAE;
- A partir dos temas: definições e técnicas de trabalho em equipe, chefia, autonomia, atribuições e responsabilidades foram propostas simulações de situações problemas, que envolvem as atribuições da liderança e autonomia no trabalho, sensibilizações da importância das relações interpessoais e técnicas de comunicação para obtenção de resultados em equipe.

Relacionar o desenvolvimento humano à formação técnica significa promover o dinamismo necessário na busca por contemplar as transformações tecnológicas, econômicas e sociais dos dias atuais em todos os segmentos do mundo do trabalho.

Para tanto, a coleta e a mensuração de dados socioemocionais dos estudantes têm possibilitado mais um instrumento de intervenção para associar características comportamentais aos conhecimentos técnico-acadêmicos, elevação do rendimento escolar e em avaliações de larga escala. (OECD,2014)

Contudo, este relato de experiência buscou explorar o instrumento SENNA 1.0 e as possíveis intervenções pedagógicas, ao associar as características socioemocionais dos estudantes às expectativas e necessidades de ascensão, inserção e permanência no mundo do trabalho.

O experimento pode subsidiar futuras intervenções pedagógicas no sentido de propor novas alternativas de empregabilidade por meio do conhecimento de técnicas de relações interpessoais, realidade de mercado e empreendedorismo.

Palavras-chave: Ensino médio. Ensino técnico. Empregabilidade.

PROJETO BIBLIOTECA MAKER: OFIC STOP MOTION

Luciana Domiciano BARRETO
Emerson da Silva SANTOS
Mauá
ETEC de Mauá

RESUMO:

As bibliotecas escolares têm sido vistas como um centro de recursos multimídia, que armazenam materiais impressos, audiovisuais e outros suportes para a transmissão da informação, limitando-se à ideia de um espaço escolar destinado apenas à pesquisa e ao empréstimo de materiais.

Segundo Balça (2006), mais do que um espaço destinado à pesquisa, a biblioteca deve ser percebida como uma unidade orgânica da escola, integrando suas atividades ao projeto educativo, constituindo-se como um recurso básico desse processo.

O termo “maker”, originado nos Estados Unidos significa: inventor e criador. Esse conceito tem sido incorporado aos poucos no Brasil para a materialização de ideias com técnicas manuais e todo tipo de tecnologia. Com esse objetivo, desenvolveu-se na Etec de Mauá o projeto Biblioteca Maker: Oficina Stop Motion.

Santos Neto e Zanielli (2017) afirmam que “o fazer” é o foco central, por permitir mais protagonismos aos estudantes proporcionando desenvolver habilidades, disposições e responsabilidades.

Aplicado ao ambiente educacional, valoriza o processo de ensino-aprendizagem, considerando mais importante o processo de pesquisa e criação, do que o resultado de um produto, por entender que o produto passará constantemente por melhorias a medida que se aprimora o conhecimento. O espaço dedicado à cultura maker aplicada à Biblioteca é colaborativo, destinado à pesquisa, inovação e criação, com foco na disseminação e construção coletiva de conhecimento.

Stop Motion é uma técnica trabalhada por meio da capturada de fotos em sequência de todos os quadros dos movimentos do modelo, ou de algum objeto. Essas capturas vão simular o movimento, já que são feitas de um mesmo ponto, mas com o objeto sofrendo pequenas mudanças de expressão ou lugar. Usada pela indústria cinematográfica, essas animações “quadro a quadro” utilizam uma máquina de fotografar, filmar ou até mesmo o computador, e podem demorar anos para concluir um trabalho. Um dos filmes mais famosos de todos os tempos que fez uso do stop motion é King Kong (1933), de Willis O’Brien.

Enxergando a viabilidade de ensinar a técnica diante da facilidade apresentada pelos novos aplicativos, e no intuito de promover conhecimentos de maneira lúdica, visando a aplicabilidade dos conhecimentos e ferramentas previstos nas bases tecnológicas dos cursos ministrados na unidade de Mauá. O tempo para planejamento e execução de um filme, ainda que amador, não se compara ao tempo destinado a esta oficina, cujo objetivo foi demonstrar as técnicas e suas possibilidades diante da infraestrutura e equipamentos disponíveis. Com isso posto, os alunos

foram orientados a produzirem filmes de no máximo um minuto, para obter uma qualidade mínima na exibição do projeto. Com cerca de oito quadro por segundo puderam proporcionar uma ideia mais realista de movimento.

Após a exposição da proposta da atividade, os alunos se dividiram em grupos de trabalho para definição de roteiro, criação de cenário e, com a utilização do APP Studio Stop Motion em seus próprios smartphones, realizaram a foto/filmagem. Para cada etapa da atividade combinamos um prazo, e para a execução do projeto os alunos se dividiram em grupos de cinco a seis alunos e distribuíram as tarefas, a fim de concretizar a atividade em aproximadamente quatro horas de trabalho.

Makerspace são espaços comunitários de criação equipados com ferramentas de uso compartilhado, são geralmente criados por indivíduos que se organizam de forma não muito profissional, mas também por empresas, organizações associadas, escolas, universidades ou bibliotecas. Considerado como um espaço compartilhado e de colaboração, que serve para criação e desenvolvimento de projetos, no caso das bibliotecas, a inclusão deste, além de ser uma tendência também constitui uma necessidade no âmbito dos serviços informacionais, propiciando que a inovação se concretize nas bibliotecas.

A adoção de atividades baseadas na filosofia maker na Etec de Mauá contribuiu para que a Biblioteca cumpra o seu papel no apoio pedagógico, servindo como um espaço de personalização, experimentação, colaboração e virtualização, com foco nas necessidades e interesses da comunidade acadêmica desta unidade escolar.

Notou-se que a atividade proporcionou o incentivo à criatividade, inovação, socialização, aprimoramento da liderança e do trabalho em equipe, além de propiciar o uso de aplicativos informatizados gratuitos. Estabeleceu-se, entre as relações vivenciadas, o desenvolvimento de competências sociais, valores e atitudes éticas relacionadas com a responsabilidade e a organização. Permitindo também as trocas afetivas de confiança, admiração e respeito. Propiciando ao aluno motivação e conseqüente envolvimento no processo de criação das animações.

Palavras-chave: Ensino médio. Ensino técnico. Bibliotecas escolares. Aprendizagem baseada em problemas.

PROJETOS INTERDISCIPLINARES DA AREA DE NUTRICAÇÃO E DIETÉTICA

Rita de Cássia Abbud Gaspari FAGGE
Rosemeire Choueri BRANCO
Santo André
ETEC Júlio de Mesquita

RESUMO:

Os projetos interdisciplinares são uma proposta de romper as barreiras do ensino tradicional usando um método que englobe vários componentes curriculares e conhecimentos e repense a forma de lidar com conteúdos das áreas do conhecimento com o mundo da informação, transformando a aprendizagem num processo global e complexo.

O presente projeto interdisciplinar visa integrar as aulas dos componentes curriculares técnicos com as aulas dos componentes curriculares da Base Nacional Comum e também com as competências que são exigidas no mercado de trabalho.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e comunicação, muitos educadores têm utilizado um currículo permeado de temas, questões e problemas que se fazem presentes no cotidiano do técnico em Nutrição. Ao utilizarmos uma Pedagogia de Projetos abrimos um espaço vivo real de interações e múltiplas dimensões, num processo participativo, de vivência, de tomada de atitudes e escolhas de procedimentos para atingir determinados fins.

O projeto está sendo executado pelos docentes da Etec Júlio de Mesquita, localizada na cidade de Santo André – SP, nas turmas 2º ano do Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM) de Nutrição e Dietética e no 2º módulo do curso Técnico em Nutrição e Dietética e a temática foi a orientação Alimentar a Comunidade onde cada grupo trabalhará com a avaliação nutricional das diferentes fases da vida (pré-escolar, escolar, adolescente, adulto, idoso, gestante, atleta/desportista), avaliando a alimentação e elaborando um programa de educação nutricional visando corrigir os problemas alimentares encontrados na faixa etária. As bases tecnológicas dos componentes curriculares Planejamento Alimentar e Educação Nutricional e Saúde Pública são as norteadoras do projeto, porém, os demais conhecimentos dos componentes curriculares básicos anteriores dão subsídios aos alunos para a execução do projeto. Assim como os conteúdos dos componentes da Base Nacional Comum (Matemática, História, Geografia, Biologia, Filosofia, Sociologia, Inglês, Língua Portuguesa e Literatura, Física, Química e Educação Física), no caso do ETIM, para aplicar as estratégias de ensino-aprendizagem selecionadas.

O presente projeto foi elaborado na reunião de replanejamento realizada nos dias 02 e 03 de dezembro de 2017 com a participação dos professores da área de Nutrição e sua coordenadora, que discutiram e decidiram juntos os temas principais e relevantes que seriam tratados no projeto. A apresentação do produto final das atividades desenvolvidas pelos alunos ficou prevista para junho, no curso modular, e para outubro no caso do ETIM.

Para Hernandez e Ventura (1998), o ensino tradicional utilizando modelos antigos tem sido substituído com a finalidade de que os alunos se envolvam mais no processo educativo e o professor deixe de ser um transmissor de conteúdo e passe a ser um pesquisador: o aluno torna-se um autor em seu processo de aprendizagem. No currículo por projetos trabalham-se diferentes conteúdos em torno de problemas e os alunos transformam essas informações adquiridas em saberes.

Segundo Barbosa (1999), o projeto de trabalho surgiu da importância da aprendizagem ter um resultado significativo. Na ação pedagógica o aluno, mediado pelo professor, planeja, executa, avalia e conclui o seu projeto, o que o torna reflexivo e capaz de tomar decisões.

Segundo Hernandez e Ventura (1998), os projetos têm como objetivo proporcionar para o aluno o desenvolvimento de seu pensamento crítico, refletindo e contribuindo para o exercício de sua criatividade.

Para Gardner (1997), os alunos possuem diferentes tipos de mentes, aprendem e compreendem de modos diferentes (inteligências múltiplas). Segundo o autor, os alunos são capazes de produzir novas ideias, resolver problemas com mais facilidade e encontrar as respostas. Neste caso os erros tornam-se fatos importantes e são utilizados para a aquisição de novos conceitos e estratégias.

Para Fazenda (1995), na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa e as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favorecer o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração. A interdisciplinaridade na formação profissional requer o desenvolvimento das competências necessárias para a união de diferentes saberes disciplinares: saberes da experiência, saberes técnicos e saberes teóricos.

Ainda para Fazenda (2008), a pesquisa interdisciplinar torna-se possível quando várias disciplinas se unem a partir de um mesmo objeto. A ideia do projeto deve brotar da consciência comum dos investigadores no reconhecimento de sua complexidade e que os educadores estejam disponíveis a redefini-lo se necessário.

Podemos considerar que os projetos interdisciplinares visam uma interação entre os alunos e professores, além da possibilidade de os alunos trabalharem em grupo. A interdisciplinaridade possibilita diferentes olhares sobre um mesmo fato. É uma forma de trabalhar em sala de aula de tal modo que os alunos precisam entender a ligação entre as diferentes áreas de conhecimento. Porém, o aluno não constrói sozinho o conhecimento, e tem o professor para orientá-lo na construção dos saberes. Segundo Fazenda (2008) existem cinco princípios que se relacionam a essa prática interdisciplinar que são a humildade, a espera, o respeito, a coerência e o desapego. Portanto, com a realização dos projetos interdisciplinares nos cursos de Nutrição e Dietética (ETIM e Modular) esperamos criar condições para os alunos mostrarem os saberes aprendidos e colocados em prática, buscando a construção de conhecimentos novos, exercitando sua desenvoltura, sociabilidade e espírito científico, melhorando sua autoestima e a confiança em si mesmo.

Palavras-chave: Ensino médio. Ensino técnico. Aconselhamento em nutrição. Aprendizagem baseada em problemas.

SUSTENTABILIDADE E EMPREENDEDORISMO

Rosangela Panace Soares MENINO
São Bernardo do Campo
ETEC Lauro Gomes

RESUMO:

Trabalhar a destruição e a degradação ambiental associadas a problemas econômicos e sociais é necessário e urgente. A conscientização e a mudança de atitudes junto aos jovens acontecem à medida em que participam de ações voltadas à preservação ambiental, com resultados concretos de cuidados com a própria saúde, com o respeito ao ambiente e demais espécies e práticas empreendedoras que valorizem suas ações. Este projeto visa o reconhecimento da importância de uma postura de respeito e valorização da vida em diferentes âmbitos, com ações simples e transformadoras.

O projeto contou com a participação de todos os alunos, dos segundos anos dos cursos de ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio) e Ensino Médio da ETEC Lauro Gomes situada no município de São Bernardo do Campo, totalizando 385 discentes pertencentes a onze salas de aulas de diferentes cursos.

Os alunos foram divididos em quatro grupos por sala. A formação das equipes ocorreu de duas formas distintas: sorteio dos temas após a formação dos grupos ou formação dos grupos por interesse de cada aluno a determinado tema, resultando em quarenta e quatro equipes.

Após um período de estudos orientados por professores de diferentes componentes curriculares, os alunos iniciaram a etapa de planejamento e execução do trabalho, que resultou em uma exposição aberta ao público para apreciação e negociação dos produtos.

O projeto consistiu na construção de diferentes objetos a partir da reutilização de materiais descartados pela sociedade, quatro temas nortearam a montagem do trabalho:

- 1) jardins verticais;
- 2) móveis e decoração;
- 3) produtos orgânicos e receitas sustentáveis;
- 4) moda.

Cada segmento trabalhou pontos específicos associados às questões ambientais, sociais, éticas e econômicas.

A construção de jardins verticais provoca a reflexão a respeito da possibilidade do cultivo em pequenos espaços, uma vez que a vida nas cidades distancia o homem do ambiente natural. É incentivado o cultivo de ervas aromáticas para a utilização na culinária e plantas ornamentais que em espaços urbanos tornam o ambiente mais agradável, amenizando o estresse existente nas grandes metrópoles.

O segmento moda trabalha o conceito de consumo consciente e moda circular; os alunos são incentivados a doar, trocar e adquirir peças em brechós. O ponto alto deste segmento é a mudança de comportamento no que se refere à aquisição de roupas usadas, pois até pouco tempo comprar em brechós era sinônimo de pobreza e constrangimento. A apresentação das roupas aconteceu durante um desfile, no qual os alunos mostraram um vestuário customizado ou reconstruído.

Os produtos orgânicos e receitas sustentáveis têm como principal objetivo evitar o desperdício dos alimentos e promover a utilização de produtos isentos de substâncias nocivas às espécies e ao ambiente; os alunos foram incentivados a aproveitar partes de vegetais com alto valor

nutritivo, que usualmente são descartadas, assim como analisar a composição de diferentes produtos que utilizam no dia a dia fazendo a substituição sempre que possível por produtos orgânicos.

Quanto aos móveis e decoração, é possível estimular a percepção de que para se ter um ambiente acolhedor e organizado basta dedicação, capricho, cuidado e empenho na elaboração e montagem das peças, que podem ser construídas com materiais como: paletes, papelão, garrafas, pneus etc.

Com este projeto esperou-se que os estudantes reconhecessem a importância da preservação dos recursos naturais para o desenvolvimento sustentável da população, desejou-se ainda que a conduta de desperdício praticada diariamente pela nossa espécie possa dar lugar à prática de consumo consciente, de cuidado com a saúde e de valorização de espaços com utilização de poucos recursos naturais.

Diferentes critérios foram considerados para a avaliação dos trabalhos expostos: menor investimento, materiais utilizados, criatividade, qualidade geral, comportamento durante a apresentação do trabalho, organização e limpeza.

Uma comissão formada por professores de diferentes cursos e componentes curriculares avaliou os trabalhos expostos.

Foram selecionados quatro trabalhos, sendo um de cada segmento. As equipes vencedoras foram premiadas com um passeio com destino a ser definido pela comissão organizadora. Como tinham sido arrecadadas doações voluntárias para o evento, após a premiação, o restante não utilizado foi doado à APM (Associação de Pais e Mestres) da escola.

Para a organização financeira, foi criada a tesouraria do evento que ficou responsável pelas seguintes atribuições:

I – arrecadar todo o dinheiro da venda dos trabalhos expostos;

II – prestar contas ao corpo discente, docente, coordenação e diretoria dos valores arrecadados;

III – fechar o balanço no final do evento, repassando os valores à comissão organizadora;

A tesouraria foi composta da seguinte forma: um representante discente e um representante docente, nomeados pela comissão organizadora.

Os trabalhos apresentados evidenciaram a utilização, por parte dos alunos, dos conhecimentos teóricos adquiridos nos cursos oferecidos pela escola, nos eixos “Informação e Comunicação”, “Controle e Processos Industriais”, “Produção Industrial” e “Gestão e Negócios”.

Estes conhecimentos aplicados ao planejamento, execução e apresentação resultaram na oferta de produtos e serviços de excelente qualidade, além de provocar questionamentos e reflexões referentes à própria conduta em praticar o consumo consciente, a alimentação saudável e a capacidade de empreender.

Desta forma, o que se percebe é que abordagens pedagógicas diferenciadas podem motivar todo o corpo escolar, uma vez que o projeto visa de forma interdisciplinar formar cidadãos críticos e com participação ativa em nossa sociedade.

Palavras-chave: Ensino médio. Ensino técnico. Sustentabilidade. Empreendedorismo. Meio ambiente.



EIXO TEMÁTICO 5: INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E BOAS PRÁTICAS NA EJA

AQUÉM DA FUNDAÇÃO: OUTRAS MATIZES EM SÃO CAETANO

Vanessa Cristina RITA

Milene Valentir UGLIARA

AUTO DA SERINGUEIRA: UMA ABORDAGEM FREIREANA DO CURRÍCULO NA EJA

Claudia Almeida LIMA

DIÁLOGOS COM O TERRITÓRIO: EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA DE EJA

Isabel Cristina RODRIGUES

Miriam Pereira Shibayama PATRIZZI

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE ARTES E HISTÓRIA: VIDAS NAS CAVERNAS

Luciana dos Santos NOMOTO

Danilo de Souza CONCEIÇÃO

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA ANDRAGÓGICA

Viviane do NASCIMENTO

HOLHOLÓGIO: TEMPO ARTIFICIAL

Aretha Gasparini PIEDADE

Marcelo Bezerra NACAMORI

INTERCOMPREENSÃO: UMA PROPOSTA PARA O ESTUDO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA EJA

Talita Yosioka COLLACIO

AQUÉM DA FUNDAÇÃO: OUTRAS MATIZES EM SÃO CAETANO

Vanessa Cristina RITA
Milene Valentir UGLIARA
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EME Prof. Vicente Bastos

RESUMO:

“Aquém da Fundação: outras matizes em São Caetano” é uma pesquisa inicial realizada por professores e alunos da EJA da EME Prof. Vicente Bastos, em parceria com o Coletivo Mapa Xilográfico e SESC São Caetano do Sul, cujo objetivo é vasculhar, registrar e apresentar as contribuições das culturas indígena e negra na formação histórica e cultural da cidade de São Caetano do Sul, destacando essa presença, como sujeitos protagonistas, no passado, presente e no contexto das dinâmicas sociogeográficas da cidade.

Na primeira etapa do desenvolvimento, realizamos um resgate da memória dos alunos como moradores da cidade. Foram compartilhados relatos sobre a chegada na cidade, trabalho que exerceram, locais que residem e transitam e também como percebem a presença deles em cada espaço. Discussões e apresentações mais detalhadas sobre a proposta, assim como planos de trabalho com os alunos, foram feitas.

A seguir, partimos para pesquisas mais específicas de artigos e documentos históricos. A Fundação Pró-Memória disponibilizou grande parte de suas publicações e acervos que contêm artigos científicos que expõem o nascimento da cidade, sua ocupação anterior, sua população, marcas e testemunhos dos processos históricos, sociais e políticos, da época anterior ao núcleo de colonização até as transformações mais recentes. O próximo momento e mais longo foi o das entrevistas, das conversas e atividades com alunos e entrevistados de fora da escola. Os alunos entrevistaram outros moradores, mestres de capoeira, ativistas dos movimentos negro e indígena, professores, pesquisadores, e representantes de religiões de matriz africana, além de colegas que quiseram compartilhar suas vivências em São Caetano e reflexões sobre suas vidas.

Com um outro grupo de alunos foram realizados alguns trajetos pela cidade, para conhecer e investigar lugares com importância histórica, realizar tomadas de vídeo e tirar fotografias dessas localidades que guardam a memória da cidade. Uma outra parte das atividades com esse grupo compreendeu a realização de entrevistas e conversas com moradores da cidade, onde se destaca a entrevista com uma senhora de 104 anos e uma conversa com membros do conselho municipal da comunidade negra de São Caetano, CONESCS.

Uma das dimensões balizadoras e mais importantes desse projeto é o protagonismo e como parte dessa proposta, os alunos foram os responsáveis pela captura de áudio, filmagem e fotografia de quase todas as entrevistas, de parte da pesquisa e de parte das tomadas de vídeo pela cidade. Participaram também de oficinas de audiovisual, onde puderam tomar contato com o processo de edição de pequenos trechos das entrevistas que eles mesmos gravaram. Com esse projeto, esperamos ter contribuído em duas frentes: com o acervo documental e histórico de São Caetano do Sul, trazendo outras narrativas sobre a fundação, os espaços de resistência em cada região e sobre o conhecimento da história da cidade e de seus atores; com o processo de

ensino-aprendizagem dos educandos da EME Prof^o Vicente Bastos que puderam participar do projeto, trazendo para o foco do processo a percepção sobre o protagonismo, além do projeto, na construção diária da cidade e de suas vidas.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. São Caetano do Sul (SP). História. Geografia da população. Etnologia.

AUTO DA SERINGUEIRA: UMA ABORDAGEM FREIREANA DO CURRÍCULO NA EJA

Claudia Almeida LIMA
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Mally Buissa Betti Simões

RESUMO:

2018 um ano desafiador e inovador no Eja da Emeb Mally Buissa Betty Simões. Desafiador e inovador por ser algo novo e que exigia muita parceria e compromisso do grupo. Lecionando na modalidade Cagecpm as disciplinas Português, Inglês e Artes e pensando em uma proposta crítica, interdisciplinar foi que surgiu O AUTO DA SERINGUEIRA, trabalho desenvolvido a partir da realidade dos alunos, suas necessidades, reflexões e necessidades de transformações do mundo em que vivem, tendo como pressuposto a ampliação da consciência crítica do educando a partir das contribuições teóricas de Paulo Freire, Valter Martins Giovedi e Antonio Fernando Gouvêa. As bases teóricas foram de fundamental importância durante todo o processo. Freire considerava que para o homem não bastava apenas viver no mundo, mas sim, estar no mundo, interagindo, dialogando, se apropriando e transformando a cultura. Considerando, ainda que, “Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, uma pluralidade na própria singularidade” FREIRE, 1967.

Todo o planejamento didático foi construído a partir da necessidade dos educandos, quando relataram por meio de falas significativas, as diversas dificuldades sociais que enfrentam no dia a dia. Entre as dificuldades relatadas, as mais pungentes estavam relacionadas à violência expressa em vários aspectos: exclusão pela baixa escolaridade, desemprego, preconceito linguístico, omissão do Estado no atendimento de suas necessidades, entre outros.

Partindo da caracterização da turma, foi trabalhada uma diversidade de conteúdos com o objetivo de repertoriar os educandos para uma maior compreensão da realidade e melhor entendimento dos motivos que levam a perpetuação da violência. Discutimos textos jornalísticos, textos de Paulo Freire, crônicas de Rubem da Fonseca, pesquisas na internet, contos, causos, comentários veiculados na mídia, de gráficos, tabelas entre outros. Além dos debates impulsionados por estes conteúdos, os educandos produziram relatos autobiográficos e textos de opinião destacando como analisam a realidade que vivem.

Entre os conteúdos trabalhados, exploramos as memórias que os educandos têm de seus locais de origem, comparando com o bairro onde atualmente residem e relacionando-os com os aspectos da violência que viviam no Nordeste e ainda se manifestam no dia a dia.

Ao explorar como se dá a vivência dos educandos no bairro, descobrimos um elemento importante: uma árvore seringueira centenária muito querida por todos. Em uma ocasião que o poder público pretendia cortá-la, tiveram que desistir do intento, mediante a reivindicação dos moradores. Ao redor desta simbólica árvore centenária, viveram muitas de suas tristezas e alegrias.

Com o objetivo de ampliar o senso crítico sobre as semelhanças e diferenças entre a violência vivida no Nordeste e a violência atual na periferia da zona urbana, ousamos trabalhar com os

alunos a produção de uma peça teatral que partiu da releitura do filme baseado na obra de Ariano Suassuna “A auto da Compadecida”. A partir da história da construção do bairro, decidimos que a adaptação da peça, harmonizando com a realidade dos educandos, passaria a se chamar “O Auto da Seringueira”.

Utilizando diversos aspectos da vida e da obra de Suassuna, construímos a peça, um processo em que os maiores protagonistas foram os educandos, que mediados pela educadora realizaram ações pedagógicas como: escrita do texto adaptado, roteiro, escolha de repertório musical e ensaio dos educandos. A peça foi exibida em junho para toda a escola e pessoas da comunidade.

A obra Auto da seringueira conta um pouco da história dos educandos que se confunde com a história da própria comunidade, por isso vimos de suma importância a exibição da peça para os moradores. Vale salientar que no final da releitura mostramos possibilidades de saídas para as muitas questões sociais trabalhadas no decorrer do projeto, com o intuito de conscientizar da participação de todos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Tivemos como objetivo o envolvimento dos demais professores, com o estudo do filme O Auto da Compadecida e a palestra de um pesquisador sobre Ariano Suassuna. A sátira da obra foi trazida para a nossa realidade e já é possível afirmar o sucesso deste projeto no processo de aprendizagem dos alunos, que hoje se veem motivados e mais conscientes de seu papel como produtores de conhecimentos e da própria aprendizagem.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Teatro na educação. Adaptações para o teatro.

DIÁLOGOS COM O TERRITÓRIO: EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA DE EJA

Isabel Cristina RODRIGUES
Miriam Pereira Shibayama PATRIZZI
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Janete Mally Betti Simões

RESUMO:

Até 2011, a Escola Municipal de Educação Básica Especial (EMEBE) Marly Buisa Chiedde, era uma escola especial e atendia cerca de 150 alunos com deficiência intelectual. A partir de 2011, a Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo decidiu pela mudança no atendimento, extinguindo o caráter “especial”, transformando-a em Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos. Esta mudança de atendimento pautou-se sobretudo na Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 que defendia o atendimento do aluno com deficiência, preferencialmente, na rede regular de ensino.

Dos 150 alunos da Educação Especial, cerca de 58 continuaram matriculados na mesma unidade e foram inseridos à nova proposta de EJA já que eram também, jovens e adultos.

A EM Marly Buisa passou então, a atender as modalidades de elevação de escolaridade (1ª a 4ª série) e (5ª a 8ª série) e diversos cursos de Educação Profissional. Pertencíamos ao eixo tecnológico do Meio Ambiente e Sustentabilidade e os cursos profissionalizantes ofertados eram: Confeitaria, Salgados, Corte e Costura, Informática, Decoração de Festas e Eventos, Agricultura Urbana e Arte Floral e Manicure e Epilação.

As ações curriculares pautavam-se principalmente nas teorias de Paulo Freire, na perspectiva da ampliação da consciência crítica do sujeito.

Em relação a perspectiva profissional foi bastante importante as contribuições de Lucília Machado, da UFMG, a respeito de uma educação profissional integral e integradora e Felix Guattari na defesa das três ecologias: a ecologia mental, social e ambiental. Pautávamos nossas ações também em Guattari, pela defesa do autor em ir além da ecologia ambiental. Para ele, só era possível cuidar do ambiente, quem cuidava bem de si (ecologia mental) e do outro (ecologia social).

Nosso público era composto em sua maioria por mulheres (83%) com idade de 35 a 50 anos em média, muitas delas, vítimas de violência física e psicológica. A partir desta caracterização, tínhamos grandes desafios pela frente. Atender as necessidades destes educandos, mulheres e aqueles com deficiência na perspectiva da inclusão e valorização e respeito às diferenças.

Foi preciso muita ousadia, paciência e parceria para superar os desafios impostos. Para atingir os objetivos em pauta, era necessário ultrapassar os muros escolares e conceber nossas ações a partir da concepção dos territórios educativos. Helena Singer foi uma referência importante no apoio teórico. Para a autora, o conceito de territórios educativos deve atender a quatro requisitos: possuir um projeto educativo para o território criado pelas pessoas daquele espaço; agregar escolas que reconhecem seu papel transformador e que entendem a cidade como espaço de aprendizado; multiplicar as oportunidades educativas para todas as idades e articular

diferentes setores – educação, saúde, cultura, assistência social – em prol do desenvolvimento local e dos indivíduos.

Além da teoria, foi crucial para a concretização desta experiência, a aproximação da escola com o Núcleo de Avaliação Institucional (NAI) na Universidade de São Paulo. O NAI reúne escolas públicas, diretorias e sistemas de ensino mensalmente na Faculdade de Educação da USP, e tem como principal objetivo, fortalecer os Projetos Políticos Pedagógicos de cada unidade, diretoria e sistema a partir de suas reais necessidades. Os encontros da EM Marly Buissa Chiedde com outras experiências escolares no NAI, motivaram à experimentação de práticas alternativas em educação antes não imaginadas. A lógica de funcionamento deste Núcleo tem como pressuposto, a atuação de experiências públicas de educação em rede, possibilitando a partilha de experiências e o fortalecimento das unidades entre si, já que não se sentem isoladas na reafirmação de práticas populares.

Para o atendimento das necessidades na questão específica do fortalecimento das mulheres, fizemos parcerias com diversas instituições: Movimento Marcha Mundial da Mulheres, Movimento Olga Benário, Centro de Referência e Apoio a Mulher, Cursos de Promotoras Legais Populares, entre diversas outras ações que tinham como objetivo ajudá-las a combater a violência e a conquistar a necessária autonomia. Além da formação teórica, os cursos profissionalizantes procuravam formar tecnicamente as mulheres para que pudessem se tornar empreendedoras seguras e qualificadas em suas práticas, afinal, sabíamos que para as mulheres se libertarem dos relacionamentos abusivos, era primordial que tivessem também, independência financeira.

Além do desafio em relação às mulheres, o atendimento qualificado ao educando com deficiência foi sempre uma preocupação em nossas ações. Deste modo, colocamos em prática um projeto ao qual nomeamos "Autonomia". Este projeto almejou estreitar as relações com as famílias dos educandos com deficiência, além de promover práticas em que pudessem colocar em evidências seus saberes, suas potencialidades. Para isso foi necessário planejar a prática pedagógica da professora de sala, em parceria com as professoras de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com vistas a potencializar a comunicação alternativa e ação pedagógica como um todo. Como a escola era frequentemente visitada pela comunidade e por parceiros, organizamos a rotina de modo que a apresentação dos espaços aos visitantes fosse realizada pelos educandos com deficiência. Eles também registravam as atividades com fotos e eram monitores de atividades específicas como o caso de um educando que dois dias na semana era monitor no Zoológico do Estoril. Esta atividade no Zoológico permitiu superar o discurso de fracasso que girava em torno dele, já que como monitor tinha possibilidade de apresentar outros saberes para além da alfabetização exigida em sala de aula.

Foram diversos e bastante satisfatórios, os resultados obtidos nas ações pedagógicas propostas na EM Marly Buissa. Entre estes resultados ressaltamos: maior autonomia aos educandos com deficiência, fortalecimento das mulheres no enfrentamento à violência e qualificação profissional para o mundo do trabalho. Todas estas ações só foram possíveis porque a escola ultrapassou os limites de seus muros e estabeleceu parcerias com diversas instituições.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Educação especial. Educação inclusiva.

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE ARTES E HISTÓRIA: VIDAS NAS CAVERNAS

Luciana dos Santos NOMOTO
Danilo de Souza CONCEIÇÃO
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
EMEIF Carolina Maria de Jesus

RESUMO:

A exposição A vida nas Cavernas fez parte do projeto Diálogos Interdisciplinares entre Artes e História que foi desenvolvido no ano de 2017 na EMEIEF Carolina Maria de Jesus em Santo André. Esta unidade localiza-se na Vila João Ramalho, bairro periférico da cidade e com uma realidade socioeconômica bastante complicada.

Na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) atendemos alunos oriundos das mais diversas realidades e que interromperam sua escolarização por vários motivos e em diferentes épocas e contextos. Diante do desafio imposto pela diversidade de saberes e realidades na sala de aula, percebemos que o ensino tradicional não é suficiente para sensibilizar e atingir nossos alunos, o que faz com que os educadores tenham que buscar constantemente estratégias para tornar a aprendizagem mais significativa.

As disciplinas de história e de artes trazem conceitos e temas complexos e representam desafios para a compreensão dos alunos. A forma que encontramos de superar a metodologia tradicional foi criar elementos de intervenções artísticas para a partir deles desenvolver o aprendizado destes conceitos e temas.

Os alunos da EJA, em sua maioria, são homens e mulheres com experiência de vida e trabalho nas mais diversas situações, possuem conhecimentos prévios e trazem concepções sobre os mais diversos assuntos. Eles conheciam, através de desenhos animados e outros suportes áudio visuais, a ideia de que o ser humano habitou as cavernas em algum momento, mas suas visões traziam ideias equivocadas ou repletas de preconceitos e que precisam ser desconstruídas para que o educando pudesse ressignificar a realidade que já conhecia através de novos conceitos e pontos de vista. Assim como habitação nas cavernas, a arte de rua e o grafite são elementos conhecidos pelos discentes, mas muitos deles enxergam somente “pichação” e não veem significado nesse tipo de intervenção. Compreender que o grafite traz paralelos com a primeira forma de arte desenvolvida pelo ser humano faz com que a arte rupestre faça sentido para o aluno ao mesmo tempo que o leva a repensar a arte na contemporaneidade.

A proposta que trouxemos foi a construção de uma caverna que simulasse àquelas habitadas pelo homem pré-histórico. Para realizar essa atividade eles utilizaram papel craft e fita adesiva, papelão e outros materiais diversos. Dentro da instalação, eles colocaram personagens, instrumentos de pedra, fogueiras e criaram pinturas rupestres nas paredes.

A partir da experiência da construção da caverna discutimos os principais conceitos da arte rupestre, a forma de vida dos homens pré-históricos, os instrumentos e elementos da vida nas cavernas e as dificuldades que levaram àqueles homens e mulheres a transformar sua realidade.



Percebemos que a atividade prática, o fazer, transforma a relação do aluno com o conhecimento. Ao propor a construção de um elemento físico, permitimos uma aproximação do educando com o objeto de aprendizagem, valorizamos os saberes dos alunos e enfatizamos o trabalho coletivo como principal elemento para a aprendizagem. Dessa forma, rompemos com o papel do professor como mero transmissor de conteúdos e valorizamos o protagonismo do aluno e sua apropriação do conhecimento.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Educação artística. História.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA ANDRAGÓGICA

Viviane do NASCIMENTO
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
EMEIEF Prof. João de Barros Pinto

RESUMO:

Pensar na EJA nos possibilita questionar o que é andragogia e como ela pode contribuir na aprendizagem de alunos que, por diferentes motivos, tiveram seus percursos na escolarização formal interrompidos. Para responder a esse questionamento, foram mapeados onze trabalhos acadêmicos sobre andragogia e suas diferenças conceituais e metodológicas em relação à pedagogia, no intuito de sistematizar reflexões que possam interessar à prática docente na Educação de Jovens e Adultos.

Entre os resultados obtidos estão a identificação dos teóricos da andragogia: Alexander Kapp (1833), Eduard Linderman (1926) e Malcolm Knowles (1970). Também foram identificadas divergências conceituais acerca da andragogia, de sua aplicabilidade restrita ou não a adultos e de seu caráter complementar ou não à pedagogia entre esses teóricos e demais estudiosos do tema. Em comparação com os pressupostos da pedagogia, identificou-se que a andragogia se distingue a partir do papel atribuído ao professor, do lugar e das motivações do aluno no processo de ensino e aprendizagem, e quanto às orientações para a aprendizagem.

O termo passou a ter destaque quando Malcolm Knowles, na segunda metade do século XX, defendeu a andragogia como um sistema de conceitos e aproximações com a aprendizagem de adultos (Vogt, 2007). Na perspectiva andragógica, o professor não é detentor do conhecimento, mas sim um facilitador na aprendizagem, que, por sua vez, deve ser centrada nas necessidades dos educandos e apresentada de forma vivencial e não de maneira passiva (Carnaúba, Danese et al., 2013).

Com base na teoria de Knowles, Ramlow (2017) explicita que a andragogia se difere da pedagogia por situar o professor como um facilitador da aprendizagem e o aluno como o responsável pela construção do seu conhecimento e por determinar como irá aprender. Dagostino (2011) destaca que na pedagogia a prática docente é centrada no professor, os estudantes não frequentam a escola por necessidade própria e não possuem poder de decisão, visto que os conteúdos e metodologias são construídos pelos professores, as experiências de vida dos estudantes são pouco valorizadas e muitas vezes os alunos não sabem o porquê de aprender certos conteúdos. Na andragogia, o posicionamento deve ser diferente, pois os princípios levam em consideração as especificidades da forma como os adultos aprendem.

Nesse sentido, na andragogia o foco não está mais centrado no processo de ensino e sim na aprendizagem, onde a experiência é fator relevante na construção do conhecimento. O conteúdo não deve ser dividido em matérias, mas em situações de aprendizagem. Sendo assim, a educação de jovens e adultos pressupõe abordagens e métodos apropriados, que explorem principalmente as experiências de vida dos educandos (Dagostino, 2011).

Carnaúba, Danese et al. (2013) colocam que os princípios da andragogia que se diferenciam da pedagogia são bastante discutíveis, pois as crianças também precisam entender por que estão

aprendendo determinado conceito e possuem experiências de vida válidas para construir seu aprendizado. Reforçam que a pedagogia e andragogia não estão em lados opostos, mas que se complementam. Em situações que alunos adultos não possuem familiaridade com o tema a ser abordado ou quando estão há muito tempo fora da escola, a pedagogia torna-se necessária para que possam adquirir maturidade e, posteriormente, serem introduzidos nos princípios andragógicos.

Ao se relacionar esses apontamentos com a prática docente na EJA do município de Santo André, percebe-se que os pressupostos da andragogia estão ausentes da formação e da atuação de muitos profissionais, muito embora seus pressupostos sejam relevantes para pensar um ensino mais contextualizado com a realidade dos educandos.

A prática docente no município está pautada na pedagogia, continuando a reproduzir o modelo tradicional no qual o professor é o detentor do saber. É possível questionar se esse não é o principal motivo para a evasão escolar na EJA, pois são aulas expositivas, maçantes e centradas em conteúdos pré-estabelecidos, onde a experiência do aluno é pouco valorizada.

Esses breves apontamentos sugerem a necessidade de novos estudos que possam permitir o aprofundamento teórico das questões levantadas por este trabalho, além de pesquisas que sistematizem experiências empíricas com foco na EJA.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Andragogia. Evasão escolar na educação de adultos.

HOLHOLÓGIO: TEMPO ARTIFICIAL

Aretha Gasparini PIEDADE
Marcelo Bezerra NACAMORI
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EME Prof. Vicente Bastos

RESUMO:

O público vespertino do ensino fundamental II da EJA em São Caetano do Sul é composto por jovens de 15 a 17 anos de idade e dentre as características mais comuns entre eles podemos destacar a baixa autoestima, exclusão social, condições financeiras deficitárias, dificuldades cognitivas, comportamentais e/ou sociais - desencadeando sucessivas retenções e, por conseguinte, desmotivação. Limitando ainda mais o escopo de atuação dos professores, o currículo reduzido e acelerado dificulta ao aluno a percepção da arte e da cidade e sua identificação com elas. Objetivando a ampliação do repertório cultural e do protagonismo artístico deste grupo social foi ofertado aos alunos do oitavo ano da EME Professor Vicente Bastos o projeto de produção de uma instalação artística dentro da 3ª edição da proposta de arte pública internacional chamada Cuiabá 153 e Portões que Falam – manifestação brasileira do projeto francês Les Fenêtres qui Parlent – com a temática da Inteligência Artificial. A partir deste projeto o aluno não apenas observaria a arte, mas seria inserido nela via intercâmbio intelectual e convidado a atuar com diversos artistas do cenário cultural da região, quebrando paradigmas e permitindo a percepção de que o fazer artístico é para todos. Para isso, a metodologia aplicada visou retomar o interesse dos alunos ao ambiente escolar, desenvolvendo o conteúdo do currículo de um modo diferenciado das aulas tradicionais, onde o professor é apenas um mediador e participa igualmente com todos os membros da turma, fomentando o protagonismo juvenil e unificando todos em um coletivo artístico, não se resumindo apenas a alunos e professores em sala de aula. A pesquisa foi iniciada pela leitura, compreensão e discussão do conto Golias, de Neil Gaiman, do livro Coisas Frágeis, durante as aulas de língua inglesa, língua portuguesa, geografia e produção de texto. Os alunos se interessaram pelas temáticas da ilusão da materialidade e fluidez do tempo presentes no texto trabalhado e desenvolveram nas aulas de artes, geografia e língua inglesa uma intervenção artística centrada nestes dois eixos. A tela Persistência da Memória, de Salvador Dali, foi analisada e incorporada na discussão e produção dos alunos. Em 27 de Abril de 2018 os alunos foram a Santo André e instalaram o material produzido em dois portões localizados na rua Manaus. O resultado foi a obra Holhológio: Tempo Artificial, que permaneceu exposta em Santo André – dentro do projeto Cuiabá 153 e Portões que Falam – nos dias 28 e 29 de Abril de 2018. A obra ainda ficará em exposição em São Caetano do Sul no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns – CECAPE – no mês de Maio e na Casa do Olhar Luiz Sacilotto, em Santo André, em Agosto deste ano. Durante os meses em que este projeto foi trabalhado com os alunos houve grande participação dos alunos de ambas as turmas envolvidas. Ficaram evidentes o engajamento intelectual e cultural, a expansão da percepção das múltiplas formas artísticas, o fortalecimento da autoconfiança e o aumento da autoconsciência dos alunos enquanto atores sociais, dentre outros fatores que propiciam a formação holística dos alunos.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Educação artística. Arte na educação.

INTERCOMPREENSÃO: UMA PROPOSTA PARA O ESTUDO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA EJA

Talita Yosioka COLLACIO
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
EMEIEF João de Barros Pinto

RESUMO:

Este trabalho teve por objetivo apresentar os resultados da aplicação de atividades plurilíngues no ensino-aprendizagem das variedades linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa da EJA. O público-alvo em questão era uma turma composta por jovens e adultos, de 17 a 52 anos, cursistas do 4º termo (equivalente ao 9º ano) do Ensino Fundamental II de uma escola municipal localizada num bairro periférico de Santo André/SP. Para a elaboração das atividades que abordam a importância das variedades linguísticas da língua portuguesa, partiu-se da metodologia de Intercompreensão em Línguas Românicas para a análise de textos breves escritos em três idiomas estrangeiros, a fim de se estabelecerem relações com a língua materna dos educandos. Esta metodologia “tenta transmitir uma visão positiva da diversidade linguística e cultural e pretende levar os aprendentes a reorganizar e transferir o seu conhecimento linguístico e cultural e as suas capacidades linguístico-comunicativas, de forma a desenvolver uma competência comunicativa, que se quer plurilíngue” (Andrade, 2003, p. 16). Assim, a partir de textos produzidos em diferentes idiomas, o educando desenvolve sua capacidade leitora em seu próprio idioma, uma vez que, ao compreender um texto produzido em idioma não estudado anteriormente por vias formais, percebe que sua competência leitora não se restringe unicamente à compreensão de palavras conhecidas. É fundamental, também, na atividade, o conceito de letramento, isto é, os usos e as práticas socioculturais que envolvem a linguagem (Rojo, 2009), concretizado por meio de gêneros do discurso (Bakhtin/Voloshinov, 1995). Por meio de tais atividades, visou-se a chamar a atenção dos falantes de variantes estigmatizadas do português brasileiro para seus saberes linguísticos, que lhes dão acesso a conhecimentos linguísticos e culturais mais complexos que a mera decodificação de um texto. A atividade em questão partiu de enunciados cujo léxico é transparente, elaborados em três línguas estrangeiras da família românica (espanhol, francês e italiano) sobre um tema conhecido. A atividade em questão exigia apenas o conhecimento prévio de palavras pertencentes ao campo lexical do universo de um cavaleiro medieval. O nível da atividade foi fácil, posto que era uma atividade de imersão na metodologia. O objetivo final da atividade, por sua vez, não era a leitura e a interpretação dos enunciados, mas a resolução de jogos de palavras a eles atrelados. Ou seja, a leitura não era descontextualizada e também tinha uma função imediata. Como afirma Gadotti, o estudante da EJA tem a necessidade de “ver a aplicação imediata do que está aprendendo” (2011, p. 47). Assim, as atividades em questão, que tinham como foco a resolução de problemas a partir dos conteúdos expostos, estavam em consonância com essa necessidade dos aprendentes. A reação dos educandos frente a tal metodologia foi bastante positiva. Em primeiro lugar, empenharam-se em apreender o conteúdo dos enunciados individual ou coletivamente, o que nem sempre ocorre nas atividades de Língua Portuguesa. Os aprendentes trocaram ideias com os colegas, a fim de realizar a atividade proposta. Em segundo lugar, esteve praticamente ausente o receio que muitas vezes aparece quando da leitura de enunciados de

vocabulário pouco conhecido. Em terceiro lugar, os estudantes perceberam que as dificuldades do grupo costumavam ser as mesmas, independentemente do tempo de escolarização superior ou inferior ou da região de origem. Essa questão é uma das que consideramos mais relevantes, haja vista que pode ser um ponto inicial para a discussão do preconceito linguístico, que se solidifica na ideia de que existe uma língua portuguesa falada corretamente e todas as variedades que dela se distanciam estão incorretas (Bagno, 2013). Os diferentes falares observados em sala de aula deram conta da compreensão dos enunciados em línguas estrangeiras, apresentando as mesmas facilidades ou dificuldades, o que mostra que não há variante melhor ou pior, uma vez que a língua portuguesa se configura de maneira bastante semelhante na mente de seus falantes, o que permite a comunicação entre os membros da comunidade linguística. Os resultados das atividades apontam para a satisfatoriedade da metodologia não apenas no processo de letramento em português brasileiro, mas também na educação em línguas e na elevação da autoestima dos estudantes da EJA através da valorização dos conhecimentos adquiridos fora do ambiente formal de ensino-aprendizagem, etapa fundamental para a autonomia e emancipação dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Análise linguística. Língua portuguesa.

EIXO TEMÁTICO 6: INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E BOAS PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

“PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVA” para “UMA PROPOSTA DE TRABALHO PEDAGÓGICO INTEGRADO PARA AS CRECHES DO MUNICÍPIO DE MAUÁ BASEADA NA PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVA”

Fernanda Feliciano de ANDRADE

Sanny Silva da ROSA

A PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTARIAM OS EDUCADORES FORA DE LUGAR?

Elsa Santana dos Santos LOPES

LER, MUITO PRAZER: O PAPEL DO PROFESSOR LEITOR NO SÉCULO XXI

Débora do Nascimento FADÚ

Fabio TORO

MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO DA EQUIPE GESTORA NO ACOMPANHAMENTO DA PRÁTICA DOCENTE: RELATO DO POTENCIAL DA AÇÃO FORMATIVA

Anete FOTEBANSSO

Soraia Lasso Caram MURATT

MÚSICA COMO LINGUAGEM NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

André Felipe Risonho de ALMEIDA

Soraia Lasso Caram MURATT

O COORDENADOR PEDAGÓGICO ATUANDO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Larissa Lavinias Rodrigues de FARIAS

“PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVA” para “UMA PROPOSTA DE TRABALHO PEDAGÓGICO INTEGRADO PARA AS CRECHES DO MUNICÍPIO DE MAUÁ BASEADA NA PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVA”

Fernanda Feliciano de ANDRADE
Sanny Silva da ROSA
Secretaria Municipal de Educação de Mauá
EM Martin Luther King Jr.

RESUMO:

Esta produção apresenta uma proposta de trabalho pedagógico integrado realizada em uma das unidades de ensino municipal de Mauá (creches) que atendem crianças na faixa etária do 0 (zero) aos 3 (três) anos de idade.

Já que tudo começa quando houve a necessidade de elaborar uma proposta de trabalho pedagógico como exigência para a defesa do Mestrado Profissional em Educação, que segundo André e Príncipe (2017, p. 106): [...] enfatizam a necessidade de envolvimento ativo do sujeito no processo de apropriação de conhecimentos, assim como a criação de coletivos colaborativos, que permitam a partilha de conhecimentos e a construção conjunta de novos conhecimentos.

Para esta construção foram utilizados como embasamento teórico as informações apresentadas pela coleta de dados realizada em 2016 nas 27 (vinte e sete) unidades de educação da rede de ensino do município de Mauá, por via de uma pesquisa de campo de Andrade (2018) com as respostas obtidas pelos questionários oferecidos para os três cargos que trabalham diretamente com as crianças na faixa etária de 0 (zero) à 3 (três) anos de idade em período integral nas creches, para elaboração do perfil dos profissionais da educação, sendo eles: os(as) Professores(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) (PCPs), os(as) Professores(as) e os(as) Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADIs).

Realizando uma análise mais rigorosa destes dados e, tendo em vista, a necessidade dos PCPs em articularem as duas dimensões pedagógicas encontradas no espaço escolar, do “cuidar” e do “educar”, que são inerentes ao trabalho desenvolvido na educação infantil já que são as atividades que se complementam, ao serem interdependentes uma da outra, quando ao cuidar se educa e vice-versa, sendo indissociáveis no âmbito pedagógico escolar e tendo como objetivo alcançar a integração, se utilizando de um caminho alternativo para a formação continuada com uso dos procedimentos da pesquisa-ação.

Levando em conta todos os fatos relatados foi possível elaborar a construção de uma proposta de trabalho pedagógico integrado para as creches do município de Mauá baseada na fundamentação teórica da pesquisa-ação colaborativa e incumbindo ao PCPs neste papel de liderança no processo e refletindo, de forma crítica, sobre as demandas de sua função. O que apresentaremos a seguir no desenvolvimento deste trabalho.

A pesquisa-ação foi utilizada como estratégia na qual resulta em um tipo de investigação que visa a construção de novos saberes mediante às atividades de trabalho contínuo de todos os profissionais da educação que atuam dentro das unidades de ensino.

Este tipo de pesquisa traz como desejo o fato de converter, com bases nas teorias, que todos os sujeitos possam aprender a problematizar, a pensar e a reformular suas práticas do dia-a-dia nas unidades de ensino e buscando sua emancipação.

Para isto, nos utilizamos das escritas dos autores, como Carr e Kemmis (1988) e Ibiapina (2008, p.10) que diferenciam a pesquisa-ação em três modelos: Pesquisa-ação Técnica, Pesquisa-ação Prática e Pesquisa-ação Emancipatória.

E que pelas próprias características peculiares do trabalho pedagógico educacional, acabamos por escolher pela utilização da pesquisa-ação colaborativa (emancipatória) pois tem como finalidade a observação da sua própria prática para buscar transformá-la, mas não só com o emprego das intervenções pedagógicas. Mas sim, fazendo com que os sujeitos sejam protagonistas de sua própria aprendizagem formativa, de maneira colaborativa, envolvendo o pesquisador e, principalmente, os participantes da pesquisa, buscando alinhar as condutas, de maneira que beneficiem o estabelecimento de novos conhecimentos científicos.

Para desenvolver o trabalho pedagógico propomos as “sessões reflexivas” que tem como princípio estimular o envolvimento dos participantes em usufruir das dificuldades encontradas e seguindo a abordagem de Ibiapina (2008, p.7) sobre isto que:

[...] aproxima as duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação continuada de professores. Essa dupla dimensão privilegia a pesquisa e a formação, fazendo avançar os conhecimentos produzidos na academia e na escola, uma vez que aborda tanto questões de ordem prática quanto de ordem teórica, desencadeando processos de estudos de problemas práticos que atendam às necessidades do agir profissional, fazendo avançar a produção acadêmica.

Abordando muito mais além das percepções dos professores como também dos ADIs e sendo complementado com as teorias acadêmicas e, nas quais, as decisões precisam ser tomadas por todos os envolvidos de maneira, tanto participativa quanto democrática, levando em consideração, acima de tudo, as práticas do cotidiano escolar e a reflexão realizada sobre elas. Assim como Ibiapina (2008, p. 18) afirma:

Em síntese, o processo reflexivo exige mergulho tanto no conhecimento teórico quanto no mundo da experiência, para que se possa desvelar a que interesses servem as ações sociais e como elas reproduzem práticas ideológicas, isto é, a reflexão oferece mais poder para os professores (re)construírem o contexto social em que estão inseridos, proporcionando condições para que esses profissionais compreendam que, para mudar a teoria educacional, a política e a prática, é necessário mudar a própria forma de pensar e agir.

As sessões reflexivas advinda da pesquisa-ação colaborativa devem ser organizadas com objetivos específicos para cada uma das etapas, a princípio pelo PCP, e que segundo Ibiapina (2008, p.73) divididas em 4 (quatro) momentos, pois para operacionalizar a reflexividade no contexto de uma pesquisa colaborativa, sugiro, com base em Freire (2004) e Smyth (1992), a sistematização do processo reflexivo por meio de três ações reflexivas: a descrição, a informação e o confronto, que desencadeiam uma quarta ação, a reconstrução.

Sendo da competência dos(as) PCPs em conduzirem todos os procedimentos, desde o planejamento e, até mesmo, o oferecendo de uma organização cronológica para a realização das atividades, que são provenientes à períodos que institui a possibilidade dos diferentes sujeitos na construção dos novos conhecimentos.

Construindo assim, um caminho alternativo à formação continuada já instituída aos grupos de professores e ADIs, que até então, não tem gerado grande impacto para a sua atuação em sala de aula, com a utilização das atividades das sessões reflexivas como parte das estratégias da gestão pedagógica visando articular as dimensões dos conceitos de cuidar e de educar, bem como alguns desafios enfrentados dentro das escolas como garantia para a qualidade social do ensino.

Palavras-chave: Professores de educação infantil. Educação permanente. Creches.

A PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTARIAM OS EDUCADORES FORA DE LUGAR?

Elsa Santana dos Santos LOPES
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
Creche Professora Maria Ruth K.C. Manfrin

RESUMO:

Este trabalho lança um olhar para as histórias de vida de educadores homens que atuam na educação e cuidado de crianças pequenas em creches da rede pública do município de Santo André, na região do ABC Paulista, sob a ótica das relações de gênero. O foco da pesquisa está direcionado em conhecer quem são os homens que atuam como educadores na educação infantil, quais os motivos dessa escolha profissional e como trabalham em uma profissão reconhecida socialmente como feminina. Ainda que em número reduzido, a presença de educadores de creche homens vem crescendo no município. Além disso, ela é preconizada como parte das políticas de promoção de igualdade entre homens e mulheres e de uma educação pautada na diversidade de gênero. A partir dessa constatação, o trabalho procurou responder às perguntas: Por que os homens têm se dedicado a essa etapa de educação? Estariam os educadores homens de crianças pequenas fora de lugar? A pesquisa de campo consistiu na realização de quatro entrevistas com educadores homens, que atuam nas creches públicas do município de Santo André, atendendo crianças de 0 a 3 anos de idade. Adotou-se uma perspectiva qualitativa, procurando conhecer e compreender que sentidos esses educadores atribuem a si próprios e à sua prática enquanto profissionais da educação infantil e, em contrapartida, que sentidos percebem que lhes são atribuídos socialmente. Os resultados obtidos indicam que a presença masculina na creche, como educadores de crianças pequenas, gera muitos estranhamentos e situações conflituosas, ao mesmo tempo em que desperta dúvidas quanto à sexualidade desses profissionais e receios quanto aos riscos associados a características masculinas como trazendo riscos à integridade física das crianças nas atividades de cuidados com o corpo, especialmente quando essas crianças são do sexo feminino. Essas reações são constatadas tanto entre familiares das crianças como entre membros da equipe gestora e entre colegas. Os depoimentos revelaram algumas estratégias utilizadas por esses profissionais no enfrentamento dessas situações e suas concepções sobre o seu papel enquanto educadores homens no ambiente da creche.

Palavras-chave: Professores de educação infantil. Homens na educação. Educação infantil.

LER, MUITO PRAZER: O PAPEL DO PROFESSOR LEITOR NO SÉCULO XXI

Débora do Nascimento FADÚ

Fabio TORO

Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul

EMEF Bartolomeu Bueno da Silva

RESUMO:

Para entender o papel do professor é preciso ter clareza do preparo para ocupar esse espaço na sociedade globalizada, sob o risco de ser sufocado por ela. A percepção do conjunto de movimentos que estão em execução no mundo exige, por parte do professor, uma cultura que vai além da técnica. O professor precisa, obrigatoriamente, ter conhecimento e cultura, pois sem estudar constantemente e ter domínio do que se vai ensinar, não há ensino e muito menos aprendizagem. Sob esta perspectiva, é inconcebível, em pleno século XXI, o professor que não lê. E, para isso, é crucial não confundir informação com educação, pois para informar estão aí, bem à mão, jornais, revistas, internet. Sem dúvida que a informação chega pela mídia, mas só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada. Há que se considerar que a desmotivação e a falta de preparo impedem o docente de planejar e executar boas aulas, nem com o melhor dos livros. Por outro lado, um bom professor pode até aproveitar-se de um livro, mesmo que nem tão atualizado, para ampliar ou estimular o prazer e o encantamento pela leitura em seus alunos. Se o docente é o elemento que estabelece mediação entre o conhecimento e o educando, é necessário que ele conheça, da melhor forma possível, tanto um quanto o outro. Precisa conhecer as bases culturais humanas, bem como as especificidades socioculturais do seu aluno: sua maneira de falar, agir, pensar; seus valores e aspirações. A partir desses dois universos – conhecimento e educando - e das demandas específicas da EMEF Bartolomeu Bueno da Silva surgiu a ideia do projeto “Ler, muito prazer”, que consiste na prática semanal de indicação literária entre os docentes do ensino fundamental I e a coordenação pedagógica, em HTPC (horário de trabalho pedagógico coletivo). À cada semana, um docente ou a coordenação indica ao grupo a leitura do gênero ou portador textual que mais lhe agrada. O colega interessado aceita a indicação, que será devolvida após a leitura. Na semana seguinte, o docente que aceitou a indicação, faz outra e assim sucessivamente, em forma de rodízio, de modo que todos participem. O intuito é compartilhar experiências leitoras diversas, agradáveis e prazerosas. Geralmente, são apresentados livros que remetem à memória afetiva, como o primeiro livro lido ou o livro que mudou a concepção sobre algo ou alguém. Esses resgates são valiosos e emocionantes, estão repletos de encantamento e reverberam na prática docente. Nota-se que, naturalmente, o professor desenvolve habilidades que estimulam o prazer de ler em seus alunos. Seja criança, adolescente ou adulto, o aluno aprende mais e melhor quando sente que seu professor tem prazer em estar ali, junto, parceiro, lado a lado. Diante de tantas inovações tecnológicas, abordagens, teorias e práticas pedagógicas, diferentes contextos socioeconômicos, culturais e etnológicos, necessidades individuais ou do grupo discente, o docente precisa ter em mente que é pouco ou nada produtivo dispor de artimanhas ou cobranças para tentar estimular a leitura em seus alunos. Antes de ensinar a ler é necessário tornar-se leitor.

Palavras-chave: Incentivo à leitura. Livros e leitura. Professores como leitores.

MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO DA EQUIPE GESTORA NO ACOMPANHAMENTO DA PRÁTICA DOCENTE: RELATO DO POTENCIAL DA AÇÃO FORMATIVA

Anete FOTEBANSSO
Soraia Lasso Caram MURATT
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEI Octávio Tegão

RESUMO:

Este artigo relata o percurso de formação de professoras e Proaudi (professora auxiliar de direção) na EMEI Octávio Tegão, município de São Caetano do Sul. Inicialmente faz-se necessário esclarecer, aqui, que à Proaudi são delegadas as atribuições do coordenador pedagógico, e que assim sendo, acumula funções burocráticas, administrativas e ainda corre contra o tempo para garantir que a formação docente seja contemplada durante o horário de serviço dos professores. Trataremos de uma das estratégias escolhidas pela Proaudi em seu planejamento formativo destinado às professoras da referida EMEI. Podendo contar apenas com três reuniões pedagógicas ao ano e com os momentos do HTPC, a estratégia da tutoria (inspirada no programa desenvolvido pela Itaú Social em toda rede municipal de São Caetano do Sul 2015/2016) veio complementar as reflexões, os estudos, o planejamento das professoras juntamente à formadora, pois permitiu a auto avaliação dos profissionais e a escolha individual de indicadores a serem trabalhados durante o processo formativo. Tal escolha teve o objetivo de levar cada professora ao aprimoramento das práticas em sala de aula, de acordo com o que cada uma almejava alcançar, sem a intervenção ou apontamentos feitos pela equipe gestora, o que criou, em curto espaço de tempo, uma relação de confiança entre tutora e tutoradas que aceitaram fazer parte do programa. Esta relação de confiabilidade e vínculo entre os envolvidos foi apoiada nos quatro pilares da tutoria: leitura de contexto, escuta ativa, questionamento e diálogo reflexivo. Da mesma maneira com que o programa de tutoria atendeu às Proaudis e Diretoras de todas as unidades de Educação Infantil do município, foi aplicada na EMEI Octávio Tegão pela Proaudi/formadora Anete Fontebasso. Inicialmente foi apresentado a todo corpo docente da escola o documento auto formativo (matriz de professores). Este documento foi elaborado pela equipe de formadoras do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e abrange as quatro dimensões que norteiam o trabalho dos educadores que trabalham com crianças de 0 a 5 anos: planejamento, gestão de sala, práticas de ensino e avaliação. Cada dimensão vem acompanhada de indicadores e comportamentos a serem alcançados pelo professor quando o mesmo escolhe aprimorar um ou mais indicadores dentro da dimensão escolhida. Parte da apresentação do documento contou com experiências onde cada professora escolhia, dentro dos indicadores, quais eram suas fortalezas como educadora, e que poderiam ser compartilhadas com o grupo em diferentes momentos da rotina escolar.

Após este primeiro encontro coletivo, as sessões passaram a ser individuais, garantindo o sigilo e confiabilidade entre ambas as partes. Cada professora, em posse do documento auto formativo, pôde refletir e escolher qual ou quais indicadores gostaria de aprimorar durante o programa formativo. De início, mesmo respondendo à esta solicitação, nem todas as professoras sentiram o desejo de serem acompanhadas pela Proaudi. Para aquelas que se disponibilizaram,

foi realizado um Plano de Formação. Este planejamento continha os indicadores a serem aprimorados, a dimensão correspondente e os comportamentos a serem alcançados pela professora, lembrando que a escolha dos mesmos era de responsabilidade da tutorada, ainda que a tutora acreditasse haver questões emergentes opostas à essa escolha. Ao lado desses comportamentos, a Proaudi traçou metas, prazos e estratégias, tais como: indicações literárias, grupos de estudo, ações compartilhadas, aulas exemplares, observação de sala, planejamento de atividades, e diálogo reflexivo. Este acompanhamento das professoras exigiu uma refinada reestruturação da rotina da Proaudi, uma vez que optou por priorizar o trabalho formativo, frente às demandas variadas que surgem no dia a dia da instituição que atende às crianças na Educação Infantil. Um cronograma de atendimento semanal foi entregue a cada tutorada, contendo a data para conclusão do plano da aula a ser observada pela tutora, dia e horário da observação de sala, bem como do diálogo reflexivo após a observação. Por vezes o planejamento e a prática da proposta foram realizados de maneira compartilhada. Na maioria das vezes foram executados pela professora acompanhada, o que colocou a Proaudi no papel de observadora minuciosa, a fim de colher evidências que levaria ao posterior diálogo reflexivo, com o propósito de aprimorar um comportamento a ser alcançado pela tutorada.

A observação de sala previa um contrato de permissão para anotações e outros registros que mediassem as reflexões. O diálogo reflexivo era sempre permeado por evidências de boas práticas realizadas pela professora, auto avaliação, e questionamento por meio de perguntas abertas, que levassem a tutorada à uma reflexão mais elaborada acerca de sua prática. Por vezes essas sessões foram acompanhadas pela tutora da Proaudi (a formadora do CECAPE), uma vez que a mesma também tinha um plano de formação que previa exercícios para fortalecer suas ações formativas com suas tutoradas.

Aos poucos, professoras que no início do programa sentiam-se constrangidas e inseguras, com uma linguagem corporal que demonstrava certa resistência a conversas e questionamentos, foram trazendo para o feedback das sessões evidências de que os objetivos da formação estavam sendo alcançados. Podemos citar, dentre essas evidências, a procura mais efetiva da parceria com a Proaudi, a aproximação aos comportamentos a serem aprimorados, demonstrados no dia a dia da rotina escolar, práticas que atendiam às necessidades da faixa etária, devolutivas favoráveis entregues à Proaudi (formal e informalmente). Em meio à essa relação de parceria e confiabilidade estabelecida entre tutora e tutoradas, outras professoras que, inicialmente não se sentiram motivadas a entrar no programa formativo, foram, aos poucos, solicitando a entrada da Proaudi em suas salas de aula para acompanhamento, observação e diálogo reflexivo.

Palavras-chave: Professores de educação infantil. Educação permanente.

MÚSICA COMO LINGUAGEM NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

André Felipe Risonho de ALMEIDA

Soraia Lasso Caram MURATT

Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação (CECAPE)

RESUMO:

Este artigo relata as formações musicais oferecidas pelo Centro de Capacitação de Profissionais da Educação às professoras e auxiliares da Educação Infantil da cidade de São Caetano do Sul durante os anos de 2017 e 2018. Tal atuação se justifica pelas demandas coletadas pelos formadores nas escolas, onde se fazia recorrente o questionamento da necessidade ou não da formação específica da profissional de sala para um trabalho significativo com o estímulo musical. Iniciamos justificando nosso embasamento e concepção para a presença e utilização da música na Educação, sobretudo infantil.

As últimas décadas foram marcadas pelo grande avanço da neurociência e consequente expansão do conhecimento sobre o cérebro, suas funções e processamento tornando a música um dos alvos principais de estudos pois seu processamento ocorre concomitantemente em ambos os hemisférios cerebrais, o analítico e o emocional, e configura também um estímulo amplo para entender emoções, consciência, linguagem e outras áreas da mente humana. A psicomotricidade, atrelada à neurociência, concebe o ser humano como indissociável nos caracteres cognitivo, afetivo e motor, entendendo também a música como fator privilegiado para estímulo e desenvolvimento do ser humano.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), novo documento regulador da Educação em suas diferentes etapas, afirma que a criança explora o mundo e aprende por meio das brincadeiras e interações, trazendo também o conceito dos campos de experiência, cinco diferentes pilares que dialogam com o potencial do material musical na educação:

- O eu, o outro e o nós: trata autonomia da criança e sua interação com os colegas, outras crianças, os adultos ou ainda diferentes culturas. Jogos de mão, brincadeiras e cantigas folclóricas, cirandas, danças e a oportunidade de conhecer músicas do Brasil e do mundo são comuns nas aulas de música.
- Corpo, gestos e movimento: versa sobre a exploração do mundo por meio do corpo e dos sentidos num diálogo intenso com as diferentes linguagens artísticas. A música configura uma linguagem, e a educação musical trata da interação com outras, formando um todo indissociável com o teatro, a dança, as artes plásticas etc.
- Traços, sons, cores e formas: Propõe a ampliação do repertório cultural das crianças, aprendendo a conviver com as diferentes possibilidades de manifestações, culturas e realidades, valorizando o que é de expressão própria e de sua pátria e entendendo como igualmente válido as manifestações diferentes das suas.

- Escuta, fala, pensamento e imaginação: Trata basicamente das formas de interação, vocabulário e recursos de expressão. A música, além de linguagem em si, é campo fértil para o envolvimento lúdico e para a autoexpressão.
- Espaços, tempos, quantidades, relações, transformações: se baseia na curiosidade e investigação. O estímulo musical já aguça por si a inteligência lógico-matemática, noção espacial e consciência corporal e, facilmente, ainda pode ser utilizada de maneiras simples e guiada para criar nas crianças substratos para entender conceitos matemáticos como, por exemplo, unidade (do tempo da música) e sua metade, dobro e desdobramentos.

Sendo a música uma ferramenta tão rica, torna-se natural o questionamento recebido sobre a necessidade ou não da formação musical específica do professor para trabalhar a linguagem. Porém, ela seria necessária apenas se concebêssemos a aula de música na Educação Infantil e Regular como um preparatório para um curso de formação de músicos profissionais. Porém a entendemos como formadora de um ser humano integral, estimulado a desenvolver com plenitude suas competências socioemocionais e cognitivas de maneira lúdica e garantindo no desenvolvimento das atividades propostas os seis direitos de aprendizagem da criança propostos pela BNCC: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Conclusões: As formações oferecidas às professoras partem do pressuposto que não é possível oferecer aquilo que não temos em nós. Então, garantimos que o educador acorde seu corpo e se sensibilize para o potencial expressivo do material musical por meio de atividades e dinâmicas de exploração do corpo e do espaço que visam a ampliação do repertório de movimentos, sempre pautadas na integração das linguagens artística que, assim como as crianças, são integrais e indissociáveis. Tais atividades visam a identificação, respeito e a oportunidade de transpor limites pessoais e ampliam a visão do educador quanto a presença do corpo e movimento como pilares do desenvolvimento humano. Visamos também oferecer vivências e reflexões que desconstruam a 'roda de música' como costuma ser concebida e realizada de maneira mecânica e sem sentido na rotina diária: diversificar o repertório oferecendo músicas de diferentes culturas e acima de tudo evitando do 'repertório infantil' que já é ofertado para a criança fora do contexto escolar.

As estratégias formativas configuram um esforço para que os educadores vivenciem os parâmetros e possibilidades musicais significativamente, se apropriando da música como linguagem e como ferramenta para criar substrato para que as crianças possam, de maneira lúdica, preparar-se física, emocional e cognitivamente para desenvolver todas as competências e habilidades que lhe serão cobradas durante a vida escolar, sem deixar de garantir também que tenham uma visão generosa de si e do outro, que identifiquem seus limites de maneira positiva e saibam como traçar metas para superá-los, que tenham repertório e empatia para se expressar de maneira não violenta e entendendo seu papel cidadão e coletivo, sabendo a hora de falar e ouvir, de agir e de observar.

A atividade musical pode contribuir de maneira multifocal para o desenvolvimento do ser humano, cabendo ao professor a sensibilidade de aliar seus objetivos ao seu substrato de vivências, desenvolvendo atividades musicais cabíveis em seu dia-a-dia.

Palavras-chave: Professores de educação infantil. Educação permanente. Música na escola.

O COORDENADOR PEDAGÓGICO ATUANDO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Larissa Lavinias Rodrigues de FARIAS
Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Pires
E.M. Herbert José de Souza

RESUMO:

A coordenação pedagógica, na escola tem seu foco no processo de ensino e de aprendizagem, o que engloba todas as variáveis que influenciam este processo. Este é o profissional que acompanha, assiste, coordena, controla e avalia tudo o que se relaciona com o ensino e com o aprendizado do aluno em sala de aula.

Os objetivos básicos da coordenação são a melhoria e o aperfeiçoamento do ensino na escola e, posteriormente, ele trabalha com liderança e adequação do ambiente escolar, ou seja, o foco é o desenvolvimento do aluno. A adequação do ambiente se trata da criação de um clima ou de um ambiente físico propriamente dito que seja estrutural e psicologicamente favorável ao ensino.

O coordenador pedagógico trabalha em várias esferas: no auxílio ao professor, planejando com ele como será realizado o plano de aula, seja ele anual, semestral ou bimestral; no acompanhamento do trabalho dos professores; na coordenação dos conteúdos que serão ministrados ao longo do ano letivo; no método de avaliação aplicado e na atualização e desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, como, por exemplo, agregando novas tecnologias ou novas metodologias de ensino à prática do professor.

Para o coordenador pedagógico, é essencial o conhecimento de como a escola está organizada e como estabelece suas relações internas e externas, pois o coordenador realiza seu trabalho em um ambiente organizacional. A ação do coordenador se dá dentro de uma estrutura administrativa e esta exerce influência na organização total. Ao analisar a escola sob o ponto de vista organizacional, percebemos que ela é um tipo especial de organização, devido aos seus objetivos específicos e ao fato de ela lidar com pessoas o que, em geral, não permite que se crie uma “fórmula mágica” que resolva todos os seus problemas. É necessário que o coordenador pedagógico conheça como se dá a estruturação escolar e as particularidades de cada unidade de ensino, pois ele terá que se adaptar a suas necessidades.

As práticas pedagógicas podem ser transformadas a partir do compromisso docente de oferecer um espaço para o desenvolvimento integral para o aluno. Independente do lugar no qual o educador trabalha, suas ações reverberam e ecoam na vida dos educandos durante todo o ciclo de vida. Entretanto, para propor e executar práticas inovadoras, o educador necessita de um ambiente escolar que lhe permita ter autonomia para a proposição de mudanças significativas.

Os cenários que se apresentam expandem a ação educativa e impulsionam profissionais da educação a se especializarem em áreas que atendam às demandas do mercado. Para cada foco de atuação, o educador deve compreender o contexto da realidade em que atuará, de modo a elaborar diagnósticos e planejamentos que forneçam subsídios para a construção de ações que interfiram diretamente no desenvolvimento dos indivíduos. Como atender às demandas do processo de aprendizagem se os campos de atuação do profissional da educação são muito



diversificados A linha mestra que norteia qualquer ação na educação está direcionada à relação humana. A excelência humana é construída independente de qualquer tipo de conhecimento, visto que traz a possibilidade de diálogo. É nesse contexto que o educador atua, ou seja, na mediação da relação dialógica entre o conhecimento e a vontade de aprender, de transformar os espaços e contribuir para o desenvolvimento das pessoas. É nessa diversidade de campos de atuação que ele se organiza com foco na intencionalidade dos objetivos propostos, ou seja, na organização do trabalho pedagógico. Como ocorre a organização do trabalho pedagógico em diferenciados campos de atuação do Pedagogo.

A organização do trabalho pedagógico, nesse contexto, tem suas bases alicerçadas por diferenciadas áreas do saber, fundamentada em estudos pedagógicos que auxiliam no entendimento do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, podemos dizer que a organização do trabalho pedagógico está relacionada à didática, ao currículo, aos planejamentos, planos e projetos educativos, às metodologias de ensino, à avaliação da aprendizagem e a todos os conhecimentos das áreas que favorecem a prática pedagógica, bem como a elaboração de ações que interfiram na realidade em que os alunos estejam inseridos.

Palavras-chave: Professores de educação infantil. Educação permanente. Ações educativas.

EIXO TEMÁTICO 7: INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E BOAS PRÁTICAS INTEGRANDO TECNOLOGIA

A COLABORAÇÃO DAS TIC NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Marco Antonio Marcena de AGUIAR

A TECNOLOGIA ALIADA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Fernanda Battistini BORGES

Denise Pereira MACHADO

APRENDIZAGEM CRIATIVA, INOVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO ATIVA DE ALUNOS E PROFESSORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Olga K. TAKINAMI

Adriana Alves de SIQUEIRA

CIDADES PAULISTAS

César Pereira FAUSTINO

CONEXÕES E CONHECIMENTOS EM EXPANSÃO: A EXPERIÊNCIA DE UM INTERCÂMBIO

Aline Barbosa CASTELLANI

Giseli Aparecida LOURENÇO

INTRODUÇÃO À PROGRAMAÇÃO

Patricia Furlaneti VIZONI

METODOLOGIAS ATIVAS

Merenice Vasconcelos Sanchez MACHADO

O USO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA ASTRONOMIA

Silvia Socorro HIGA

Priscila Lobregat TAKAGUISHI

PROMOÇÃO, MARKETING E VALORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PÚBLICAS POR MEIO DE MÍDIAS SOCIAIS E CANAIS DIGITAIS



Kátia Raquel VIANA

Vinicius Salermo de LIMA

ROBÓTICA (APRENDIZAGEM CRIATIVA), EM UMA ESCOLA DE PERÍODO INTEGRAL

Luciana Henrique Balzana CONSENTINO

Vilma de Souza BONFIM

A COLABORAÇÃO DAS TIC NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Marco Antonio Marcena de AGUIAR
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
EMEIEF Demercindo da Costa Brandão

RESUMO:

As TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) constituem importantes ferramentas para efetivação do processo de ensino e aprendizagem, a sua ausência na rotina diária, apresenta cenário desfavorável a este processo.

A prática apresentada tem como objetivo principal a criação de um blog pedagógico, o qual aproxima o aluno, de forma inovadora e prazerosa, aos conteúdos do currículo escolar, fazendo com que se torne um protagonista no processo de ensino e aprendizagem, e assim, transpor as questões que envolvem o paradigma do fracasso escolar (LAHIRE, Bernard,1997).

Neste contexto, o blog apresenta-se como um recurso mediador, sendo um espaço de compartilhamento de ideias e ações que ocorrem não apenas entre professor e aluno, mas também entre os professores da escola, entre o professor e as famílias dos alunos, entre a escola e toda a comunidade, gerando diversas relações e protagonismos ao longo do processo.

Essas infinitas relações que ocorrem, podem acontecer tanto de forma ativa, quanto de forma passiva, e as abordagens podem apresentar-se na discussão sobre um tema ou página, ou até mesmo na produção de material a ser publicado, e não apenas na simples leitura das postagens realizadas.

O blog, constitui-se numa ferramenta digital onde as postagens oferecem visibilidade às produções escritas de seus autores, dando assim “voz” às suas ideias, interesses e pensamentos (Gomes, Maria João, 2005). Gomes complementa afirmando que “participar de um blog que tenha uma audiência pode ser um estímulo à reflexão e a produção escrita desde que exista uma orientação e acompanhamento nesse sentido”.

Os conteúdos postados podem ser pautados em uma produção individual ou coletiva, a qual poderá ser realizada por qualquer um dos envolvidos. O blog apresenta uma ampla possibilidade de objetivos, caracterizando-se num canal de transmissão e multiplicação dos estímulos propostos pelo professor.

O Blog proposto conta com diversas páginas, cada qual, com uma característica; umas apresentam-se como recurso pedagógico e outras como estratégia pedagógica. Enquanto recurso, encontram-se as páginas que são idealizadas somente pelo professor, como: recados, informações técnicas e fotos das atividades da turma, as quais os internautas podem salvar e imprimir em sua própria casa. Já como estratégia, encontram-se àquelas páginas que compõe o portfólio da turma e as que possibilitam espaços para integração, colaboração, opiniões e debates.

Ainda, segundo Gomes, blog ou páginas, utilizadas como recurso, são aquelas que o professor posta as informações que considera relevantes aos alunos no contexto escolar. Com a disponibilização dessa fonte de informações, uma das possibilidades é o estímulo da prática do estudo sistematizado pelo aluno, uma vez que realiza o acesso constante ao material, efetuando a revisão do mesmo. Já a utilização do blog ou páginas, como portfólio digital, pode ter inúmeros objetivos, porém dentre eles destacamos o de transformar-se num instrumento de avaliação, o qual foca tanto no produto, quanto no processo de aprendizagem. Porém o portfólio não deve apresentar-se apenas num repositório de materiais, mas que a sua construção possa ser mediada na reflexão e na maturação, nas mais diversas dimensões de formação do indivíduo. Outra forma de utilização do blog como estratégia, pauta-se na utilização como espaço para debate, onde todos os atores participam intensamente e por período prolongado de discussões acerca de um tema específico e de interesse comum.

Devemos também considerar que a utilização das TIC na educação, por si só, não transformam ou melhoram automaticamente os processos educacionais, mas modificam substancialmente o contexto onde os mesmos ocorrem, como também as relações onde acontecem, ocasionando assim uma significativa transformação dos processos educacionais, porém a legitimação das TIC ocorrerá ou não, representará ou não, uma melhora efetiva desses processos em função dos usos concretos que a elas atribuir (Coll, Cesar, 2010).

O Blog em questão é um verdadeiro registro do trabalho pedagógico e da evolução do desenvolvimento educacional, e é constituído por diversas páginas, sendo uma delas denominada “LIÇÃO DE CASA”, a qual é composta por textos, fotos e vídeos produzidos conjuntamente pelo professor e alunos, na própria sala de aula, sobre os mais variados assuntos, abordando não apenas os conteúdos curriculares estudados, mas discutindo de maneira transversal os desafios enfrentados na rotina diária. Na página “CURIOSIDADES”, são postados textos publicados no “DIARINHO”, encarte da edição dominical do Diário do Grande ABC, o periódico além de ser apropriado para a faixa etária publica assuntos de interesse dos alunos. Outras páginas apresentam as produções textuais dos alunos, as quais são postadas após revisão e reescrita, conferindo, assim o sentido para a realização de uma produção textual, a qual pode ser apreciada pelos seguidores, colegas e familiares. As páginas postadas na aba “ATIVIDADES”, é composta por vídeos e fotos de algumas atividades desenvolvidas pela turma, tanto em sala de aula, quanto no ambiente escolar.

Algumas páginas, com características e objetivos específicos, são e poderão ser inseridas periodicamente, como exemplo da dialogicidade apresentada por Freire (17ª Ed. 1987), onde afirma que os homens são seres da práxis, foi criada a página denominada “FAMÍLIA”, a qual apresenta um diálogo constante entre o professor, família e internautas sobre os mais variados temas referentes a educação.

O blog será desenvolvido durante o ano letivo, ficando postado indefinidamente para livre visualização.

Palavras-chave: Ensino fundamental. Inovações tecnológicas. Inovações educacionais. Blogs.

A TECNOLOGIA ALIADA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Fernanda Battistini BORGES

Denise Pereira MACHADO

Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo

EMEB Professora Suzete Aparecida de Campos

RESUMO:

O processo de formação continuada dos docentes deve ser permanente para o aperfeiçoamento e qualificação dos saberes e das ações de ensino. O documento atualizado da BNCC - Base Nacional Comum Curricular coloca que “a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica” (p.16), ficando evidente que este processo de formação continuada dos professores é uma ação essencial e urgente para a conquista plena de uma educação de qualidade. Ainda pautados na BNCC uma das decisões a serem tomadas nesse contexto é “...criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem...” (p.16). Sendo assim, a escola é espaço privilegiado para tal ação. O nosso objetivo é qualificar a prática educacional, por meio da ação-reflexão-ação, considerando que dentro das várias possibilidades de trabalho que, atualmente, contribuem para este processo de formação é o uso da ferramenta Google Sala de Aula.

Cabe informar que em nossa unidade escolar a tecnologia integrada ao plano formativo dos professores e professoras não ocorreu do dia para a noite, mas sim paulatinamente, quando em 2013 foi introduzida a comunicação via e-mail entre a equipe gestora e professores, para envio da documentação oriunda da SE - Secretaria de Educação e demandas internas. Diante disso viabilizamos que todo o grupo docente tivesse uma conta aberta de e-mail e pudesse utilizar os computadores da escola, nos horários de planejamento, incluindo assessoria para utilizar os recursos desta ferramenta. Hoje o e-mail é um meio de comunicação comum e de fácil acesso entre toda a equipe. Em 2014 foram introduzidas ferramentas Windows, como Word e Excel para a composição de documentos do cotidiano escolar (relatórios, fichas de rendimento, atas de conselho, etc). Implantar o uso autônomo destas ferramentas também foi um desafio que demandou formações e orientações sobre as várias possibilidades de manuseio. No ano seguinte novas demandas foram agregadas a esse processo para maior apropriação tecnológica. É importante ressaltar que todo este processo formativo, que está registrado em nosso PPP - Projeto Político Pedagógico, veio de encontro às necessidades escolares atreladas a vários planos formativos para melhor qualificação do trabalho. As ações foram planejadas de maneira que o professor pudesse sentir-se confortável e confiante ao manusear estes recursos. Já em 2016, o uso de recursos tecnológicos para documentação e registros já era uma ação consolidada em nossa unidade escolar e novos caminhos foram traçados. Um desses caminhos foi atrelar a formação presencial juntamente com a formação EAD - Educação à Distância, utilizando a plataforma do Projeto Trilhas do Instituto Natura. Essa plataforma dialogava com as necessidades formativas da unidade escolar e agregou novos olhares ao processo formativo a respeito do eixo leitura. Cabe destacar que nesse processo da formação EAD houve todo suporte

da unidade escolar na condução e apropriação do manuseio dessa ferramenta. Os resultados foram muito favoráveis e a qualificação do trabalho foi vista no cotidiano escolar.

Com os bons resultados do ano anterior demos sequência na formação EAD, em 2017, com a utilização de plataformas de trabalho já existentes, e a selecionada para tal finalidade foi a EDUKATU que realizou uma parceria com a Prefeitura de São Bernardo e condizia com o plano de formação contido em nosso PPP, considerando que estamos numa área inserida na Mata Atlântica e a referida plataforma trabalhava com assuntos referentes ao consumo consciente e sustentabilidade.

Diante de todo esse percurso, em 2018, continuamos nesse processo, mas agora desenvolvendo nosso próprio material de trabalho formativo, por meio da plataforma Google Sala de Aula. Desenvolvemos e implementamos propostas formativas qualificando os conteúdos tratados, de modo que estes impactam na qualificação da prática pedagógica, desenvolvendo um estudo sério e comprometido com a expansão do pensamento crítico e reflexivo, por meio de atividades e fóruns previamente elaborados de acordo com o PPP da unidade escolar. Nesse processo, o professor é inserido na cultura digital de forma mais autônoma, apropriando-se de ferramentas tecnológicas e aprimorando o uso da tecnologia de maneira que contribua para o seu sucesso profissional e pessoal

Todo esse trabalho é desenvolvido de forma colaborativa entre a coordenação e o PAPP-TEC (Professor de Apoio a Projetos Pedagógicos com ênfase em educação tecnológica) contribuindo para a autonomia dos profissionais envolvidos.

Como podemos observar, esse é um trabalho gradativo e contínuo, que teve início de forma modesta, mas que foi sendo aprimorado a cada ano, sem prazo determinado para acabar e o resultado é a formação continuada com base numa proposta pedagógica que garanta parte das aprendizagens necessárias para a atualização profissional e, conseqüentemente, a inclusão digital, sempre com suporte e orientação de um professor responsável e mais experiente na área de mídias e tecnologias. Essa atividade é desenvolvida e disponibilizada uma vez por mês, interligada aos encontros presenciais para reflexão e aprofundamento das ideias e conteúdos abordados tendo como um dos objetivos o de "...estabelecer política de valorização dos profissionais da educação em cada rede ou sistema de ensino é fundamental para que a política educacional se fortaleça. Quanto mais sustentáveis forem as carreiras e quanto mais integradas forem as decisões relativas à formação, mais ampliadas serão as perspectivas da equidade na oferta educacional." (PNE, p. 13).

Palavras-chave: Professores. Educação permanente. Inovações tecnológicas. Inovações educacionais.

APRENDIZAGEM CRIATIVA, INOVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO ATIVA DE ALUNOS E PROFESSORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Olga K. TAKINAMI
Adriana Alves de SIQUEIRA
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Rolando Ramacciotti

RESUMO:

Quem somos?

A Escola Municipal de Educação Básica Especial Rolando Ramacciotti da Rede Municipal de São Bernardo do Campo, atende 63 alunos adultos com deficiência intelectual, tem o trabalho norteado pelo Currículo Funcional, integrando a Aprendizagem Criativa nos projetos pedagógicos que acontecem na escola.

A escola também conta com o Serviço de Atendimento à Pessoa com Deficiência Visual (SAPDV) que atende: 43 alunos matriculados nas escolas da Rede Municipal e que no contraturno frequentam o Atendimento Educacional Especializado (AEE), 28 alunos com deficiência múltipla sensorial acompanhados na escola regular em parceria com os professores do AEE especialistas em Deficiência Intelectual, 26 alunos de estudos de caso (solicitação de avaliação feito pelas escolas) e 15 munícipes (alunos não matriculados na rede regular de ensino). O trabalho fundamenta-se na ação de professores especialistas que utilizam estratégias, recursos, métodos e técnicas adequadas às necessidades específicas dos alunos. Com alguns destes alunos e parceria com os professores foi possível iniciar o trabalho baseado no conceito de Aprendizagem Criativa.

A proposta da escola está pautada no Currículo Funcional numa abordagem ecológica, que tem como pressuposto a valorização da realidade total do aluno com deficiência intelectual numa visão comunitária e participativa, por meio de diversas estratégias, das várias linguagens para o desenvolvimento de projetos pedagógicos que respeitem a individualidade, as habilidades, as competências e a singularidade de cada um dos participantes deste processo.

Em 2016 retomamos o trabalho com projetos pedagógicos em que um dos objetivos era fazer com que o aluno colocasse a mão na massa, sem ainda conhecermos a proposta de Aprendizagem Criativa de Mitchel Resnick.

“Colocar a mão na massa” ou Aprendizagem Criativa é criar diferentes espaços de aprendizagem que proporcionem novas experiências ativas aos alunos.

A Aprendizagem Criativa se baseia na forma como os alunos aprendem no jardim de infância através da exploração do mundo de forma lúdica. Segundo Resnick (2013) os pilares da Aprendizagem Criativa são: Projetos (aprender a partir do interesse pessoal), Paixão (trabalhar em algo significativo), Pares (ser colaborativo e aprender/ensinar com outros) e Play (se permitir explorar e brincar).

A Aprendizagem Criativa juntamente com o uso das tecnologias são atividades que proporcionam aos alunos uma aprendizagem significativa. Também promove a necessidade de explorar, criar e inovar e melhora a experiência de aprendizagem, baseando-se na criatividade e imaginação dos alunos, pois construir coisas a partir de seus interesses desperta no aluno mais motivação para aprender. Essa proposta possibilitou ampliar o trabalho com alunos e professores.

Dentre os trabalhos desenvolvidos escolhemos apresentar um trabalho de cada atendimento. Na EMEBE Rolando Ramacciotti desenvolvemos um projeto de teatro cuja peça denominamos Na Próxima Estação foi uma adaptação do livro O Trem da Amizade de Wolfgang Slawski.

O trabalho se iniciou com um workshop envolvendo todos os funcionários da escola. Um dos aspectos de tecnologia que enfocamos foi o trem enquanto transporte. Pesquisamos sobre os diferentes tipos de trem pelo mundo e os alunos vivenciaram o movimento e o som de um trem através de jogos criados no Scratch (software que ensina linguagem de programação através de encaixe de blocos) e utilizados com a placa de Makey Makey (placa que transfere comandos do mouse e teclado para qualquer objeto que conduz energia como alumínio, água, cobre, grafite entre outros). Os alunos confeccionaram placas de papelão pintadas com grafite em pó que serviu de material condutor para transferir os comandos de som e movimento. Desta forma mesmo alunos que não conseguem utilizar o mouse e/ou teclado conseguiram interagir com o jogo.

Além dos ensaios os alunos e os professores também colocaram a mão na massa na construção do cenário da peça feito de material reciclado. A peça Na Próxima Estação foi apresentada aos pais no final do ano no auditório do Cenforpe.

Com os alunos e os professores do SAPDV participamos da Mostra Brasileira de Foguetes (MobFog) que possibilitou o acesso ao conteúdo de Astronomia e Astronáutica de maneira mais significativa considerando as especificidades do aluno com baixa visão: contraste de cores, material ampliado, diferentes texturas de materiais etc. Além da confecção do foguete para o lançamento na Mostra foram realizadas outras construções como jogo da trilha, maquete do sistema solar, edição de fotos dos alunos com Marcos Pontes entre outros que proporcionou ao aluno diversão, pesquisa, aprendizagem e descobertas que atendessem o seu interesse.

O processo vivenciado no projeto Na Próxima Estação rendeu a elaboração de novas peças de teatro feita pelos professores. Um dos fatores que podemos considerar foi o investimento inicial e processual na formação de professores em Aprendizagem Criativa que permitiu uma maior autonomia destes para concretizar essa nova etapa.

A proposta de Aprendizagem Criativa realizada no SAPDV/ AEE possibilitou que alunos com baixa visão se envolvessem em um tema de interesse de forma significativa, prazerosa e divertida.

O trabalho com Aprendizagem Criativa ainda é inicial, mas acreditamos ser este um caminho que poderá despertar a curiosidade, o interesse, a criatividade e o trabalho significativo em parceria na escola.



Palavras-chave: Educação especial. Educação inclusiva. Inclusão escolar. Teatro na educação. Adaptações para o teatro.

CIDADES PAULISTAS

César Pereira FAUSTINO
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEF Oswaldo Samuel Massei

RESUMO:

O trabalho visa a junção dos conteúdos de Taxas Demográficas, Indicadores Sociais, Potenciais Econômicos, Turísticos e possíveis Problemas Sociais aliado a percepção dos temas nas cidades do estado de São Paulo.

Previamente os alunos tem a base nos estudos de Taxas Demográficas, como Natalidade, Mortalidade, Mortalidade Infantil, Fecundidade, Expectativa de Vida, tanto no mundo e focando no Brasil. Também os alunos tem a base nos estudos de Indicadores Sociais, como Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, Produto Interno Bruto e Renda Nacional Bruta focando nos municípios brasileiros. Finalizando com os potenciais econômicos, turísticos e possíveis problemas sociais que assolam as cidades do estado paulista.

Após essas bases temos a execução de exercícios e avaliações que contemplem a aplicabilidade dos temas. Temos a etapa da explanação das matérias Taxas Demográficas, Indicadores Sociais, Problemas Sociais, Potenciais econômicos e turísticos com o apoio do Data Show e Microsoft PowerPoint. Contando a execução e correção de exercícios para revisão conteudinal. Fechando com a Mostra da execução da pesquisa por parte dos alunos.

Palavras-chave: Indicadores sociais. Cidades e vilas. São Paulo (Estado).

CONEXÕES E CONHECIMENTOS EM EXPANSÃO: A EXPERIÊNCIA DE UM INTERCÂMBIO

Aline Barbosa CASTELLANI
Giseli Aparecida LOURENÇO
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Aldino Pinotti

RESUMO:

Participar do curso de extensão pela Universidade Federal do ABC “Conceitos de Astronomia para Professores de Educação Básica” possibilitou o reencontro e a reedição de uma parceria de anos anteriores, em que atuávamos na mesma Unidade Escolar de Educação Infantil. O fascínio pela Astronomia manifestado por nossos alunos, o ideal de realizar uma iniciativa ousada, interligando grupos de alunos com idade escolar diferenciada (final da Educação Infantil e final do Ensino Fundamental I) e o interesse pela comunicação através de aplicativos e recursos de vídeo inspirou a prática de intercâmbio realizada no decorrer do segundo semestre do ano de 2017.

Objetivou-se instigar a curiosidade das crianças de conhecer novas realidades, explorar o aparentemente abstrato, buscar respostas às suas dúvidas e criar hipóteses e comparações ludicamente, assim como desenvolver o apreço pela pesquisa e investigação científica como um meio de ampliar conceitos e saberes. Focou-se também a promoção da construção compartilhada de conhecimento, estimulando o protagonismo e autonomia dos alunos, o diálogo, a parceria e a troca de experiências.

As turmas do Infantil V fizeram várias perguntas sobre dúvidas e curiosidades que gostariam de saber sobre o universo e também enviaram as hipóteses que tinham sobre as questões levantadas. As questões elaboradas pelas crianças foram dúvidas e curiosidades genuínas, manifestadas sem nenhuma intervenção pedagógica anterior, justamente para observar o nível de conhecimentos prévios e quais eram seus principais interesses. Os maiores, da turma do 5º ano, tiveram o desafio de recordar-se de como eram seus pensamentos e compreensão de mundo quando tinham cinco anos de idade. A turma já havia pesquisado e estudado conceitos sobre o tema, inclusive participaram da Olimpíada Brasileira de Astronomia. Na tentativa de responder as questões enviadas, revisitaram conteúdos e conceitos sobre Astronomia, reconhecendo que em alguns tópicos ainda precisavam aprofundar-se. Em duplas e grupos apresentaram explicações escritas, trabalhos, ilustrações, vídeos, indicações de livros, sites, jogos e outros materiais para apoiar as pesquisas e descobertas dos pequenos. O espaço da Biblioteca Interativa foi um polo de pesquisa e produção de materiais. A comunicação e interação mediaram-se por recursos tecnológicos, destacando-se o aplicativo WhatsApp como ferramenta para troca de mensagens e envio de vídeos entre as turmas.

Para avaliar o processo observou-se as atitudes, o interesse e curiosidade dos alunos diante dos conteúdos explorados. Acompanhou-se a evolução das aprendizagens de acordo com os objetivos propostos, atentando-se principalmente à elaboração de perguntas pertinentes ao



assunto e as relações estabelecidas entre os conhecimentos prévios e os conhecimentos adquiridos. Dimensionou-se também o nível de participação e envolvimento nas discussões e decisões relacionadas ao quê e ao modo de expor, revelando o ponto de vista das crianças sobre as aprendizagens que consideraram mais relevantes, com vistas ao compartilhamento no intercâmbio entre as turmas.

A princípio, refletiu-se sobre a viabilidade de mais um projeto em rotinas já repletas de demandas e sobre qual seria o nível de compreensão dos alunos diante da proposta, considerando que a tecnologia nas escolas ainda necessita de avanços em termos de acesso, exploração e otimização de recursos. Ao apresentar a proposta aos alunos já foi possível vislumbrar a potência da experiência, pois ficaram eufóricos. Ao passo que as etapas eram cumpridas havia mais envolvimento e não um declínio como é natural acontecer no desenvolvimento de outros projetos. O intercâmbio alcançou além da promoção do protagonismo dos alunos na pesquisa, produção e compartilhamento dos conhecimentos, a almejada otimização de recursos tecnológicos. No que diz respeito a nossa atuação docente mantivemo-nos compromissadas e sensíveis ao nosso papel mediador e articulador de parceiras nas pesquisas e reflexões sobre recursos e alternativas para tornar viável a explicação e vivência de determinados conteúdos. Tal processo possibilitou amplas e significativas aprendizagens, os envolvidos puderam testar e ampliar seus conhecimentos, confirmando que quem ensina também aprende. Valorizou-se o potencial construtivo e criativo dos alunos: os mais velhos encantados e sensibilizados com os saberes e curiosidades das turminhas do Infantil e os menores impressionados e fascinados com as colaborações da turma do 5º ano. Todos tiveram sua autoestima reforçada positivamente, plenamente satisfeitos com a experiência.

Palavras-chave: Educação Infantil. Ensino Fundamental. Astronomia. Aprendizagem baseada em problemas.

INTRODUÇÃO À PROGRAMAÇÃO

Patricia Furlaneti VIZONI
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Profª Janete Mally Betti Simões

RESUMO:

Vivemos num momento onde a tecnologia faz parte de nossas vidas em todas as áreas, lidamos com diversos recursos tecnológicos e, conseqüentemente, mudam nossa forma de tratar as informações se torna necessário. É imprescindível ter esse conhecimento para atuar neste mundo conectado e compreender quando, como e onde utilizar os recursos disponíveis atualmente.

Uma das formas de desenvolver a fluência tecnológica é o ensino de programação dos equipamentos. Essa aprendizagem permite ampliar as possibilidades de criação fazendo uso dos recursos disponíveis. Entretanto, mais importante do que aprender a programar é programar para aprender, tendo o desenvolvimento desta habilidade como aliada às aprendizagens dos alunos.

O ensino da programação possibilita que possamos estimular a criatividade, o raciocínio lógico, desenvolver habilidades e competências referentes às tecnologias. As novas tecnologias trazem a linguagem de programação como uma nova linguagem que precisa ser trabalhada para acompanhar os avanços desse mundo conectado.

A inserção do ensino da programação nas escolas é uma maneira de possibilitar a compreensão do que está por trás de todas as tecnologias as quais temos acesso, contextualizando o trabalho escolar desenvolvido nesta área.

Considerando o acesso às tecnologias existentes em seu meio, os alunos vivenciarão e experimentarão, por meio de jogos e programas específicos, a linguagem de programação, possibilitando o conhecimento do uso de códigos, inserindo-se na lógica desses recursos.

Tendo esse projeto a principal função de desenvolver o raciocínio lógico e a capacidade de criação, assim como, permitir que tenham noções de programação, compreendendo novas linguagens de maneira lúdica.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Compreender o sistema de programação simples sendo capaz de desenvolver programações.

OBJETIVOS GERAIS:

- Conhecer estruturas básicas do pensamento computacional, tais como loops, condicionais, funções e variáveis bem como elementos da lógica matemática aplicada à programação.
- Explorar a plataforma Code.org, LightBot, Scratch e demais jogos produzidos em flash;
- Desenvolver a criatividade,

- Estimular o raciocínio lógico;
- Desenvolver a capacidade de solucionar problemas;
- Estimular o trabalho em equipe.
- Exploração de jogos que envolvem raciocínio lógico;
- Ligthbot -
- Aulas desplugadas: Por que aprender a programar?
- Exploração da plataforma Cod.org – programando com blocos
- Introdução ao Scratch
- Aulas desafio

A avaliação deverá ser feita de forma contínua, por meio de registros visuais (escritas e imagens), das discussões do grupo de alunos, das atitudes diante do projeto, realização das propostas, etc. O professor deverá avaliar também a participação e o envolvimento de cada aluno, de forma individual, bem como avaliar o desenvolvimento de seu trabalho de forma crítica e construtiva.

Espera-se que ao término do projeto as crianças tenham adquirido noções sobre a linguagem de programação e dominem de forma autônoma os programas trabalhados, utilizando-os como ferramentas de aprendizado e construções.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Informática. Programação de computadores. Aprendizagem baseada em problemas.

METODOLOGIAS ATIVAS

Merenice Vasconcelos Sanchez MACHADO
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB André Ferreira

RESUMO:

O momento que vivemos é muito especial na história da humanidade, estes momentos estão marcados pela inovação de uma nova tecnologia que revolucionou e vem revolucionando a forma como acessamos informação, nos relacionamentos e como organizamos nossas atividades diárias. Quando pensamos em tecnologia, pensamos em computadores, como por exemplo, mas devemos nos lembrar da televisão, do avião, do livro, da lâmpada e até da Torradeira, enfim, são recursos que fazem parte do nosso dia a dia e que nos facilitam a executar nossas tarefas, tanto na vida pessoal ou profissional. Hoje, com a internet, tudo ficou mais simples, e porque não mais fáceis, principalmente no mundo das informações. A nova geração, conhecida como geração Y, nascida entre 1975 a 1995, ano da disseminação da internet, apresentam características comuns, são questionadoras, adoram desafios e necessitam ser avaliadas constantemente. Os nascidos após 1995 fazem parte da geração Z, nossos alunos! Para eles zapear é verbo, não usam mais e-mail e são capazes de interagir com diversas tecnologias ao mesmo tempo. Estudam assistindo TV, navegando na internet, ouvindo música e trocando mensagem de texto pelo celular. Brandão (2005) já dizia que “as novas tecnologias trazem novas formas de operar a leitura e escrita e novos modelos mentais.” diante desse panorama, queremos que os nossos alunos aprendam e, que o professor utilize o novo, para conquistar a atenção dos alunos. A utilização de metodologia inovadora ou Metodologias Ativas fortalece o processo de ensino aprendizagem, oferecendo aos educandos um ambiente mais prazeroso de ensino e permitindo seu pleno desenvolvimento. O espaço de aprender das salas de aula deve oferecer também a oportunidade do aluno desenvolver competências e habilidades socioemocionais para que enfrente os desafios do século com mais equilíbrio e resiliência.

A sala de aula, nesse cenário de inovação, torna-se um ótimo ambiente para a integração de novas tecnologias, já que os alunos não encontrarão dificuldades, pois, trata-se de uma conciliação do que eles já praticam quase o tempo todo.

A EMEB André Ferreira, em São Bernardo do Campo, apropriando-se das novidades do mercado da Educação, ofereceu aos alunos uma nova metodologia. Professores do 4º ano aplicaram Metodologias Ativas como: Aulas invertidas, Ensino Híbrido e Dinâmicas Aplicadas, utilizando Realidade Aumentada. Uma das atividades apresentadas no 1º Congresso Intermunicipal de Educação do Grande ABCMRR, pela professora Merenice Vasconcelos Sanchez Machado, professora do 4º ano, chamou a atenção dos participantes, pois, foi possível vivenciar, no final da apresentação. Na aula invertida, os alunos são orientados a estudarem a matéria em casa, o professor oferece materiais para que os alunos possam se organizar. Na data marcada para a execução da aula, os alunos passam por um teste conceitual, a fim de detectar o nível de conhecimento sobre o tema estudado, assim o professor pode observar quais os pontos da matéria que deverão ser mais explorados ou não. A aula invertida oferece aos alunos a experiência da autonomia, aumentando assim seu protagonismo. O teste conceitual pode ser

realizado de diversas maneiras, o professor prepara um bloco de questões e, de forma dinâmica, realiza o diagnóstico. Ele pode solicitar aos alunos que se manifestem através de gestas coordenados ou através de Apps , no caso da professora, foi apresentado o teste com o App “PLICKERS”, os alunos recebem um código com opções: A,B,C e D. Ao lerem no Power point a questão, posicional o cartão e, o professor, com o celular, faz a leitura dos códigos, detectando o resultado imediatamente, com informações personalizadas. O App oferece dados das questões com maiores ou menores acertos. Essa ferramenta é divertida e muito prática para dar devolutivas aos alunos. Para a realização dessa atividade é necessário que o celular esteja conectado na internet.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Aprendizagem baseada em problemas. Inovações tecnológicas. Inovações educacionais.

O USO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA ASTRONOMIA

Silvia Socorro HIGA
Priscila Lobregat TAKAGUISHI
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Professora Janete Mally Betti Simões

RESUMO:

Relatos de alguns professores comprovam que há uma dificuldade no trabalho com conteúdos relacionados à astronomia, pois são de difícil compreensão para os alunos, principalmente os alunos do ciclo inicial.

Sabemos que hoje a tecnologia interage com o nosso educando, faz-se necessário pensar na integração e possibilidades que a mesma pode oferecer para ampliar e desenvolver habilidades e competências. Essas possibilidades também se relacionam aos temas de astronomia. Sendo assim, podem contribuir para que os questionamentos e a necessidade constante de respostas para entender os mistérios do universo sejam melhor compreendidos.

Somos professoras da rede municipal do Município de São Bernardo do Campo e atualmente estamos na função de PAPP TEC (professoras de apoio aos programas e projetos tecnológicos) atendendo turmas de 1º ao 5º ano. Desta forma, trabalhamos em parceria com as professoras de sala de aula, propondo estratégias de inserção das diferentes mídias e tecnologias disponíveis para complementar o trabalho realizado em sala.

As propostas de atividades a seguir surgiram na necessidade de aprofundamento dos conteúdos pertinentes à astronomia, pois é prática da escola a participação na OBA (Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica) e da dificuldade que os professores relatam encontrar no trabalho com conteúdos relacionados a “universo, planetas, sistema solar”, pois são de difícil compreensão para os alunos. Sendo o laboratório de informática parceiro no trabalho de sala de aula, selecionamos diversas ferramentas capazes de facilitar a compreensão de conteúdos relacionados à astronomia e astronáutica.

OBJETIVOS:

- Complementar o trabalho realizado em sala de aula;
- Fomentar a curiosidade e interesse dos alunos pelos temas relacionados à astronomia;
- Considerar os conhecimentos e hipóteses prévias dos alunos sobre os temas relacionados à astronomia;
- Capacitar os alunos a selecionar fontes confiáveis para pesquisa;
- Ampliar conhecimentos a partir de pesquisas que confirmem o conhecimento em construção;
- Selecionar e utilizar diferentes recursos tecnológicos (vídeos, softwares, simulados, material estruturado etc.) para facilitar a compreensão dos alunos sobre universo;

- Utilização de vídeos e animações;
- Pesquisas;
- Utilização de diversos softwares e programas:
 - ☐ Stellarium;
 - ☐ Celestia;
 - ☐ Google Earth;
 - ☐ Simuladores: The sky live, Solar System Scope;
 - ☐ Tux Paint;
- Educação tecnológica - utilização de material estruturado LEGO. Construção de mecanismos simples para exemplificar e observar movimentos dos astros, eclipses;
- Simulados construídos no Google Formulários;
- Aprendizagem Criativa - construção de protótipos utilizando diversos materiais, circuitos simples e motorização;
- MOBFOG – participação dos alunos na Mostra Brasileira de Foguetes: pesquisas, construção e lançamento dos foguetes.

Através de todas as propostas que foram realizadas utilizando as tecnologias para complementar e ampliar os saberes sobre astronomia foi possível constatar que o conhecimento que antes, para alguns alunos, fazia parte apenas do imaginário e fantasia substituiu-se por apropriação de conceitos científicos, aproximando os alunos do real, desmistificando ou confirmando hipóteses iniciais e contribuindo para que houvesse uma percepção do aluno identificando-se como parte deste universo.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Astronomia. Aprendizagem baseada em problemas. Inovações tecnológicas. Inovações educacionais.

PROMOÇÃO, MARKETING E VALORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PÚBLICAS POR MEIO DE MÍDIAS SOCIAIS E CANAIS DIGITAIS

Kátia Raquel VIANA
Vinicius Salermo de LIMA
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Alfredo Scarpelli

RESUMO:

Atuando como PAPP's - Professores de Apoio a Projetos Pedagógicos na rede municipal, temos a oportunidade de acompanhar os diversos projetos desenvolvidos na unidade escolar.

Percebemos, no entanto, que na rede pública o trabalho pedagógico é pouco propagado, valorizado e conhecido pela comunidade por falta de divulgação, gerando um ciclo de desmotivação e desvalorização interna e externa.

Identificamos um ciclo onde acreditamos poder intervir com ações simples mas significativas.

Segundo Cortella (2016), a principal causa da atual desmotivação é a ausência de reconhecimento.

Percebemos que os professores planejam e desenvolvem excelentes projetos, mas em sua maioria, tais projetos permanecem escondidos apenas nos momentos vividos em sala de aula.

Podemos ver que a mesma atividade desenvolvida em escola pública e particular são apresentadas de forma diferente. Uma atividade com uso de massa de modelar na escola pública, por exemplo, chega aos pais como "atividade com massinha". Nas escolas particulares a mesma atividade é registrada como uma "atividade ludo-pedagógica, com desenvolvimento de habilidades motoras finas e estudo das cores primárias, priorizando a interação e trabalho em equipe". Trata-se do mesmo trabalho, muitas vezes com os mesmos objetivos, mas com apresentações diferentes.

As informações que a comunidade recebe frequentemente são referentes aos problemas e dificuldades enfrentadas pela falta de estrutura e verba, dificuldades de aprendizagem e convivência, convocação para reunião de pais, sucintas, e convocação para reuniões de APM e Conselho de Escola, que são momentos onde trata-se de prestação de contas e decisões conjuntas de cunho administrativo, com presença pouco representativa da comunidade.

Em parceria com a equipe gestora, buscando fortalecer bases da gestão democrática, temos pensado em veículos de ampliação da comunicação. Tendo em vista os recursos tecnológicos disponíveis e acessíveis em nossos dias, integramos o uso de plataformas, aplicativos, mídias e redes sociais que estreitassem estas relações. Elencamos e selecionamos as principais e passamos a utilizá-las: grupos de Whatsapp, Facebook, Google Plus, Youtube e blog escolar, observando as interações e buscando estabelecer como e que público atingíamos com estas ações.

O primeiro avanço significativo ocorreu em sala de aula. Os alunos sentiram-se motivados de terem suas produções apresentadas em mídias digitais e demonstraram maior engajamento.

Frequentemente os trabalhos desenvolvidos são parte de projetos e o trabalho com projetos tende a ser mais atraente, visto que desenvolvem competências, muitas delas propostas na BNCC, como:

pesquisa- seleção de informações, desenvolvendo o pensamento crítico, científico e criativo;

comunicação – utilizando diversas linguagens, inclusive tecnológica como formas de expressar o aprendizado

função social- busca de soluções que contribuam com o seu meio e com a sociedade.

compartilhamento- multiplicando o conhecimento e colocando-o em ação.

O segundo avanço, ocorreu no corpo docente, que passou a refletir sobre suas práticas de uma nova maneira e encontrou um novo canal para lidar com as constantes de queixas de que alunos são desatentos e desinteressados, criando uma conexão entre as novas linguagens e tecnologias usadas pelos estudantes e os conteúdos escolares.

O terceiro, porém não menos importante, foi a integração e participação da comunidade, seja por meios digitais, ou presencialmente nas reuniões, eventos, apresentações e dia-a-dia da escola.

Percebemos que cada um destes canais nos conectava especificamente a um público. O Youtube com os alunos, Facebook com a comunidade, blog com familiares, Whatsapp integrando o corpo docente e equipe escolar.

O que temos visto em depoimentos e relatos é uma comunidade que reconhece e se orgulha da qualidade dos trabalhos que são feitos e dos profissionais que os desenvolvem.

Esperamos que, com estas iniciativas, de fácil acesso e intervenção, a educação pública alcance não só a qualidade que vem almejando ao longo dos anos, mas a visibilidade e valorização que as escolas particulares ocupam no segmento. Além de resgatar o respeito pela escola como uma instituição e espaço que produz conhecimento e cultura e pelo professor como mediador neste processo.

Os trabalhos desenvolvidos na rede são de extrema qualidade. Cabe a todos levar informações não apenas de todas as faltas e problemas que enfrentamos, mas também, prioritariamente, de todos os avanços e conquistas. Acreditamos que “compramos o que conhecemos” e uma comunidade que conhece e tem acesso às boas práticas e projetos que são tão cuidadosamente desenvolvidos é capaz de valorizar e lutar para que a profissão e o espaço educacional sejam valorizados e tenham investimento em melhorias.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Aprendizagem baseada em problemas. Inovações tecnológicas. Inovações educacionais. Redes sociais.

ROBÓTICA (APRENDIZAGEM CRIATIVA), EM UMA ESCOLA DE PERÍODO INTEGRAL

Luciana Henrique Balzana CONSENTINO
Vilma de Souza BONFIM
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Profª Sylvia Marilena Fantacini Zanetti

RESUMO:

Esse relato não se refere à um trabalho científico, mas sim de uma prática pautada em teorias e estudos sobre aprendizagem criativa e robótica educacional e como garantir essa prática em uma escola de tempo integral do ensino fundamental I.

O trabalho foi realizado nos anos de 2017/2018 na EMEB Sylvia Marilena Fantacine Zanetti, situada no município de São Bernardo do Campo. A escola atende crianças de 1º ao 5º ano do ensino fundamental e está localizada no bairro Jordanópolis, divisa com município de Diadema.

No ano de 2017 a escola que até então atendia turmas em meio período, passou a trabalhar com as crianças em período integral (das 8h às 17h).

O trabalho com a aprendizagem criativa e robótica já é uma prática da rede de ensino de São Bernardo do Campo e acontecia na escola nos anos anteriores, porém na escola de tempo integral apresentou algumas características diferenciadas: perda de espaço físico, cansaço das crianças, falta de monitores... Mas, como se sabe, a Aprendizagem criativa/Robótica Educacional definida por Seymour Papert, do MIT Media Lab (Laboratório de Mídias do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos EUA) há mais de 50 anos, vai muito além da utilização do espaço físico com computadores e programação na escola, ela fomenta a autoria, a curiosidade, a experimentação e a criatividade. E esse era e é o desafio.

O objetivo é apresentar como as aulas de Robótica foram estruturadas, atendendo não somente as necessidades das turmas de uma escola de período integral, a consolidação do projeto envolvendo a aprendizagem de Linguagem de Programação, bem como as atividades práticas relacionadas ao uso das novas tecnologias disponíveis no ambiente escolar de forma a envolver as competências para o Sec XXI segundo o documento Education for life and work: developing transferable knowledge and skills in the 21st Century (Educação para a Vida e para o Trabalho: Desenvolvendo Transferência de Conhecimento e Habilidades do Século 21), realizado pela National Research Council.

Competências essas, divididas em três domínios: Cognitivo, Intrapessoal e Interpessoal.

Esse trabalho foi realizado com alunos do 1º ao 5º ano, envolvendo todos os alunos das classes e abordando aspectos como componentes eletrônicos, montagens simples, desenvolvimento de protótipos, até programação.

Os alunos são encorajados a pôr a mão na massa e buscar o conhecimento, o grupo conhece os desafios elaborados para a atividade, a sala é organizada em grupos favorecendo o trabalho em



equipe, o raciocínio lógico, a criatividade, etc. E nessas oficinas de robótica a dinâmica define-se em como propor estratégias e criar hipóteses. Nessa organização, tanto professores quanto escola precisam reinventar seus papéis.

O professor, além do rotineiro ato de planejar atividades, se torna parceiro de trabalho de seus alunos. Fica mais próximo para ouvir e contribuir com as atividades executadas, colaborando para a autonomia do aluno onde ele é estimulado a tomar decisões que partam do trabalho em equipe e não de um único detentor do saber. Se mostra, assim, mediador de situações. A relação deixa de ser vertical e torna-se horizontal, como mostra Freire (1972):

O professor não é mais meramente o-que-ensina, mas também alguém a quem se ensina no diálogo com os estudantes, os quais, por sua vez, enquanto estão ensinando, também aprendem. Eles se tornam conjuntamente responsáveis por um processo no qual todos crescem. (FREIRE, 1972, p53)

As aulas tiveram como norte desafios e propostas que fossem de encontro com os conteúdos e competências referentes a cada ciclo. Os planejamentos ocorriam com, nos HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), durante as aulas na biblioteca e no laboratório.

Como foi possível observar a aprendizagem no meio “Maker” não acontece espontaneamente. Ela requer planejamento e a parceria entre professores de modo a viabilizar projetos que atendam não somente a um pequeno grupo (clube de robótica) e sim a um maior número de alunos ou até mesmo a toda uma escola como descrito aqui.

E mesmo sendo um projeto que está em seu início é possível destacar como este valoriza o papel ativo do aluno onde tecem conjecturas, questionam, pesquisam, testam, enfim, constroem seu conhecimento. E como favorece a interdisciplinaridade e a transdisciplinariedade.

Em concordância com estas ideias, Jesus e Fini (2005) colocam as vantagens do uso de materiais manipuláveis, como algo que desperta o aluno para o aprendizado, favorece a retenção na memória, atraindo a atenção e ampliando a capacidade de aprender algo novo.

Os recursos ou materiais de manipulação de todo tipo, destinados a atrair o aluno para o aprendizado matemático, podem e fazem com que ele focalize com atenção e concentração o conteúdo a ser aprendido. Estes recursos poderão atuar como catalisadores do processo natural de aprendizagem, aumentando a motivação e estimulando o aluno, de modo a aumentar a quantidade e a qualidade de seus estudos. (JESUS & FINI, 2005, p. 144).

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Robótica. Aprendizagem baseada em problemas. Inovações tecnológicas. Inovações educacionais.

EIXO TEMÁTICO 8: INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E BOAS PRÁTICAS DE GESTÃO

A FORMAÇÃO E A GESTÃO DA EQUIPE ESCOLAR: PRÁTICAS QUE PROMOVEM O RESPEITO, A IGUALDADE E O ENGAJAMENTO DE TODOS NO PROJETO DA ESCOLA

Patrícia dos Santos Vieira de OLIVEIRA

Leonilda Aparecida Cabrera PAGOTO

EDUCAÇÃO – AÇÕES COMPLEMENTARES NO CONTRATURNO ESCOLAR

Roberta José da SILVA

Marcio Fernando RIBEIRO

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO: DESAFIOS DOS GESTORES DA REDE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL

Géssica Natália CAMPOS

Xirlaine dos Anjos SOUSA

EDUCAÇÃO INTEGRAL E QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO: ESTRATÉGIAS COLABORATIVAS DE GESTÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Maria Isabel PADOVAN

William Santos NASCIMENTO

ENTRE O FIM E A CONTINUIDADE DO FUNDEB: NOVAS PERSPECTIVAS PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS IMPACTOS NA GESTÃO MUNICIPAL

Adriana Zanini da SILVA

GESTÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA AÇÃO NECESSÁRIA

Muriele Salazar MASSUCATO

INCLUSÃO PROFISSIONAL NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Djanira Alves Biserra ARAUJO

Edson Henrique Santos de OLIVEIRA

O PAPEL DAS ASSEMBLEIAS E DO CONSELHO MIRIM NA CONSTRUÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Maria Helena Negreiros de OLIVEIRA

Rosimar Patricia Duarte REIS

O TRABALHO DO PROFESSOR AUXILIAR DE DIREÇÃO (PROAUDI) NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL

Renata Maria SOBRAL

PROJETO UMA ESCOLA PARA TODOS E PARA CADA UM

Gisleine Cristina Felix Rodrigues SANTANA

Patricia Cristina FRUTUOSO

RESGATANDO VALORES DE UMA COMUNIDADE NUMA PROPOSTA DE GESTÃO COMPARTILHADA”

Maria Aparecida Neves de CARVALHO

Renata Santos Evangelista SOUZA

A FORMAÇÃO E A GESTÃO DA EQUIPE ESCOLAR: PRÁTICAS QUE PROMOVEM O RESPEITO, A IGUALDADE E O ENGAJAMENTO DE TODOS NO PROJETO DA ESCOLA

Patrícia dos Santos Vieira de OLIVEIRA
Leonilda Aparecida Cabrera PAGOTO
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Cândido Portinari

RESUMO:

Trata-se da experiência de formação da equipe escolar desenvolvida pela diretora e coordenadora pedagógica, da equipe de gestão de uma escola municipal de educação infantil que atende 14 turmas de crianças de 3 a 5 anos. O presente trabalho visa apresentar o processo e os resultados de um plano de formação e gestão da equipe escolar que vem se desenvolvendo há seis anos e que demonstra resultados muito favoráveis traduzidos na observação cotidiana do atendimento às necessidades das crianças e das relações entre os adultos e entre os adultos e as crianças. Os aspectos positivos vêm sendo apontados também nas avaliações das famílias, nas avaliações dos próprios funcionários e no clima escolar percebido principalmente pelos novos integrantes que chegam à equipe e pelas novas famílias quando matriculam seus filhos. O propósito de constituir uma escola acolhedora foi partilhado por todos desde o primeiro ano dessa gestão. Acolher adultos e crianças, familiares, alunos, novos funcionários e visitantes, tornando-os parte da nossa escola é muito mais que bem receber. É dar voz e vez a todos, desenvolvendo em cada um o sentimento de pertencimento e de autoria. A gestão democrática é o princípio que se persegue na elaboração de todas as ações e os planejamentos são realizados e executados sempre pautados em avaliações, promovendo o engajamento da equipe. Procura-se envolver todos os funcionários nas discussões e reflexões acerca dos princípios que fundamentam o Projeto Político Pedagógico. Queremos relatar um pouco dessa história, das dificuldades e principalmente dos êxitos deste percurso. E elegemos para isso uma das práticas que consideramos de grande valor: a realização da “tertúlia dialógica literária” com todos os membros da equipe escolar, da guarda à orientadora pedagógica. Essa ação foi inspirada no programa Comunidade de Aprendizagem, promovido pelo Instituto Natura, que indica a tertúlia dialógica como uma prática de êxito realizada com estudantes no contexto escolar. Fizemos a adaptação aplicando os mesmos conceitos só que direcionados à equipe escolar, realizando a tertúlia na reunião pedagógica como uma das etapas do plano de formação. Essa prática, além de aproximar os participantes da leitura literária de boa qualidade, promove relações igualitárias, de solidariedade e de respeito, pois se trata de um encontro no qual os participantes dialogam sobre um trecho literário trazendo suas impressões e interpretações pessoais sem sobreposição de papéis, cargos ou funções. Na roda da tertúlia, considera-se a inteligência cultural de todas as pessoas e promove-se o diálogo igualitário, construindo-se coletivamente novos sentidos. Nossa tertúlia fortaleceu ainda mais a relação de confiança e de parceria da equipe e emocionou a todos.

Palavras-chave: Equipes de ensino. Incentivo à leitura. Livros e leitura. Educação permanente. Ações educativas.

EDUCAÇÃO – AÇÕES COMPLEMENTARES NO CONTRATURNO ESCOLAR

Roberta José da SILVA
Marcio Fernando RIBEIRO
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
Gerência de CESA

RESUMO:

As ações complementares são destinadas prioritariamente aos alunos da Rede Municipal de Ensino de Santo André. Atualmente contamos com 12 equipamentos onde são desenvolvidas atividades artísticas e esportivas, visando garantir atendimento de qualidade às crianças de 4 a 11 anos em contra turno escolar oferecendo espaço educativo, formativo, lúdico e saudável, minimizando a exposição dessas crianças a vulnerabilidade social.

As atividades desenvolvidas nas Ações Complementares contribuem com o desenvolvimento global dos alunos em seus aspectos físicos, motor, cognitivo, social e afetivo.

Os principais objetivos das Ações Complementares são:

- Assegurar aos alunos uma possibilidade de desenvolvimento global, através de atividades recreativas, esportivas, culturais e artísticas;
- Complementar o trabalho desenvolvido no ensino regular das Unidades Escolares Municipais de Santo André;
- Manter Trabalho compartilhado com a Secretaria de Educação para cumprir a meta 6 do Plano Municipal de Ensino que visa oferecer atividades em tempo integral;

A oferta das atividades leva em consideração as características físicas de cada unidade, assim sendo, as aulas ocorrem em diversos espaços disponíveis, tais como: salas, áreas livres, quadras, dentre outros. A metodologia aplicada nas atividades busca estabelecer em conjunto com a secretaria de educação possibilidades de um trabalho compartilhado e interdisciplinar possibilitando melhorar o desempenho do aluno em aula, a sua relação com os outros, o trabalho individual e o coletivo, percepção e conhecimento sobre si e também sobre os outros, respeito, além da vivência de expressões artísticas e de esportes disponíveis. Todas as atividades possuem um acompanhamento pedagógico realizado pelos coordenadores, pelos arte-educadores e pelos monitores de jogos pré desportivos. Estes profissionais possuem em sua rotina encontros mensais numa perspectiva de formação continuada.

O programa EducAÇÃO vem ampliando consideravelmente seus atendimentos e os investimentos para que isso ocorra são constantes por parte da Secretaria de Educação do Município de Santo André.

Palavras-chave: Contraturno escolar. Ações educativas. Atividades criativas na sala de aula

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO: DESAFIOS DOS GESTORES DA REDE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL

Géssica Natália CAMPOS
Xirlaine dos Anjos SOUSA
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEF 28 de Julho

RESUMO:

1. Introdução

Este trabalho apresenta resultados de uma dissertação de mestrado profissional em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, realizada em uma escola de ensino fundamental desse município. A pesquisa visou ampliar as contribuições aos estudos em Educação em Direitos Humanos (EDH), relacionados com a qualidade social da educação. A relevância do tema se vincula às contradições e dilemas persistentes na sociedade brasileira, como a exclusão social, econômica, política e cultural, que acabam por reproduzir a pobreza, as desigualdades, as discriminações e autoritarismos que representam graves violações de direitos, presentes também dentro do espaço escolar.

Segundo Haddad e Graciano (2006, p. 112) a “educação de qualidade é um direito de todos” e um dos direitos universais mais importantes, pois o sujeito ao passar pela escola com práticas de ensino em direitos humanos, tende a ter mais condições de lutar, defender e exigir o cumprimento de outros direitos, como saúde, habitação e dos demais direitos econômicos, sociais e culturais.

Silva (2009) traz diferentes conceitos de qualidade, como a qualidade da educação para fins econômicos e como uma qualidade social da educação. O segundo termo surge de uma “reflexão daqueles que compreendem a educação como uma prática social e um ato político” (SILVA, 2009, p. 217).

A EDH busca a qualidade social da educação à medida que pode se concretizar por meio de práticas pedagógicas e curriculares voltadas para a formação de sujeitos, envolvendo o respeito, reconhecimento e valorização da diversidade.

2. Objetivo

Este trabalho se propôs ampliar as discussões de recente pesquisa de mestrado profissional em Educação em Direitos Humanos para relacionar com a qualidade social da educação buscando contribuir para as práticas pedagógicas e curriculares na formação consciente do sujeito.

3. Contexto da pesquisa e metodologia

O município do qual a pesquisa foi realizada pertence à região do Grande ABC paulista, polo industrial automobilístico. São Caetano do Sul, tornou-se referência por seu IDHM (Índice de

Desenvolvimento Humano Municipal), que em 2010, apresentou 1º lugar no ranking nacional (IDHM de 0,862, numa escala que varia de 0 a 1), enquanto o IDHM médio da região era de aproximadamente 0,792, conforme estudo de Garcia et al. (2015, p. 47).

Com relação à educação de São Caetano, os índices também mostram bons resultados e uma qualidade “econômica” elevada de educação, como apontam os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 7,2 no ano de 2015 para o Ensino Fundamental I, índice que é alto se comparado com a média nacional que está em 5,3, ainda no ano de 2015.

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação-colaborativa que, por meio de sessões reflexivas, proporcionou o debate de professores e da equipe gestora da escola sobre a EDH e a qualidade social da educação.

Foram realizadas sete sessões reflexivas com a equipe gestora e com a equipe docente. De acordo com a Ibiapina (2008), as sessões têm o objetivo de aproximar a academia do ponto de vista do professor para transformar a escola em uma comunidade crítica, na qual professores e gestores problematizem e reformulem suas práticas.

4. Resultados

Os resultados apontam para os grandes desafios ainda existentes para a incorporação da EDH na rede municipal de São Caetano do Sul, cuja agenda tem se voltado prioritariamente ao atendimento às demandas externas por desempenho. Essa realidade, que afeta a maioria dos sistemas públicos de ensino brasileiros, compromete os esforços da escola com um currículo preocupado com a justiça social e com a garantia de direitos da pessoa humana.

Algumas falas demonstram o entendimento dos participantes da pesquisa sobre as possibilidades de incorporação da EDH e revelam os desafios encontrados no cotidiano da escola.

“A escola parece que tem um muro, que ela vive em um mundo à parte” (30/10/2017 F11)

“Estamos em uma ditadura do tempo e do currículo” (30/10/2017 H1)

Vemos que a escola em questão, centraliza todos os esforços para os resultados, sejam eles resultados numéricos, como os obtidos pelo IDEB ou resultados que mostrem a eficiência da escola, isso também reflete na cobrança sofrida pelo professor na realização do seu trabalho.

Ai, então eu não posso fazer aquilo? Não, você não pode fazer aquilo, tem que fazer assim. Então aí você desanima um pouco, porque você se sente engessado. (F2)

Com base no entendimento desses profissionais, vemos grandes desafios acerca das possibilidades de incorporação da EDH na escola com o foco em uma qualidade social da educação, assim os desafios apontam uma necessidade de os gestores repensarem as práticas formativas e o currículo da escola.

5. Fundamentação

A fundamentação teórica baseou-se nos estudos de Comparato (2015), Haddad e Graciano (2006), Lúcio (2013), Santos (2013), Silva (2012) Ibiapina (2008).

6. Conclusões

Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de aprofundar o entendimento dos profissionais de educação sobre a EDH, ainda fortemente marcado por equívocos e inibições quanto às formas de abordagem dessa temática no dia a dia escolar. Enfrentar esse desafio é parte do compromisso conjunto de gestores e professores com a construção de um ambiente transformador, por meio de práticas pedagógicas e curriculares que visem uma educação de qualidade social, entendida como direito fundamental tanto dos alunos como de todos os profissionais de ensino.

Palavras-chave: Educação em Direitos Humanos. Qualidade Social da Educação. Gestão Escolar. São Caetano do Sul.

EDUCAÇÃO INTEGRAL E QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO: ESTRATÉGIAS COLABORATIVAS DE GESTÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Maria Isabel PADOVAN
William Santos NASCIMENTO
Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
EMEF Bartolomeu Bueno da Silva

RESUMO:

O trabalho rela uma pesquisa colaborativa realizada nos anos de 2016-2017, em uma escola da rede municipal de São Caetano do Sul. A busca pela melhoria da qualidade dos processos de gestão e a educação integral dos alunos motivou a realização deste estudo que envolveu a coordenadora pedagógica e quatro professoras coordenadoras de área. A questão-chave da pesquisa foi: como a equipe de coordenação pedagógica pode contribuir para a promoção da educação integral dos alunos?

Nessa perspectiva, trabalhamos com a categoria “qualidade social da educação” em contrapartida àquela associada a resultados e indicadores de desempenho nas avaliações de larga escala. Por gestão democrática, assumimos a concepção de Almeida e Placco (2013) no que se refere ao trabalho colaborativo inerente ao papel do coordenador pedagógico.

1. EDUCAÇÃO INTEGRAL E QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO

No Brasil, a proposta de educação integral tem suas raízes no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, escrito na década de 1930, particularmente nas ideias de Anísio Teixeira (1984, p. 411). Esse documento marcou o primeiro movimento de se pensar a educação não só para atender às demandas de trabalho, mas para formar pessoas atuantes, frente às necessidades sociais

A educação nova que, certamente pragmática, se propõe ao fim de servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, e que se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social, tem o seu ideal condicionado pela vida social actual, mas profundamente humano, de solidariedade, de serviço social e cooperação (TEIXEIRA, 1984, p.411).

Contemporaneamente, referindo-se à concepção de educação integral do Programa Mais Educação do governo federal, Jaqueline Moll (2012, p.129) enfatiza que as possibilidades formativas da educação em tempo estendido referem-se aos “campos cognitivo, estético, ético, lúdico, físico-motor, espiritual, entre outros”. Fica claro que educar de forma integral vai além da ampliação da carga horária da escola, pois tem em vista a formação do aluno como pessoa humana e como cidadão.

Com base nesses pressupostos, procuramos refletir e aprofundar o conceito de educação de educação integral com a equipe pedagógica da escola com o objetivo de propor práticas colaborativas de trabalho na perspectiva de uma qualidade social da educação. Esse conceito de qualidade “não se restringe a fórmulas matemáticas, tampouco a resultados estabelecidos a

priori e a medidas lineares descontextualizadas” (SILVA, 2009), mas, visa a socialização dos alunos e o desenvolvimento de todas as dimensões humanas: a cognitiva (conhecimento); a ética (valores); a estética (sensibilidade); e a política (formação para o convívio com outros, mesmo em uma escola de período regular.

2. METODOLOGIA

A opção pela metodologia da pesquisa-ação colaborativa, partiu da premissa de que os profissionais de ensino não são meros usuários de conhecimentos acadêmicos e científicos, mas, antes, seus coprodutores; e, também, que cabe ao coordenador pedagógico a responsabilidade de envolver e engajar a sua equipe de trabalho em processos reflexivos sobre os problemas e desafios vividos no cotidiano escolar (ALMEIDA; PLACCO; 2013).

Para tanto, foi imprescindível a organização de espaços e tempos formativos que possibilitassem uma reflexão mais aprofundada e consistente sobre o tema da educação integral com os coordenadores de área de Língua Portuguesa e Inglês; História e Geografia; Matemática e Ciências; Educação Física e Arte.

Seguindo os passos metodológicos propostos por Ibiapina (2008), foram realizadas quatro sessões reflexivas em torno dos seguintes eixos temáticos relacionados à educação integral: a) qualidade social da educação; b) formação de valores; c) dimensões das competências do educador; d) vivências pedagógicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização dos registros das sessões reflexivas permitiu que o trabalho de análise resultasse no agrupamento de três grandes núcleos de significação.

NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO: ENTRE A NECESSIDADE DE DIÁLOGO E A DIFICULDADE DE ESCUTA

Núcleo 1 Mudar depende dos professores, mas “eles” não olham o todo.

Núcleo 2 Ouvir para dialogar: “A gente é um grupo!”

Núcleo 3 Trabalho colaborativo: “É difícil, mas é preciso tentar.”

Fonte: elaborado pelos autores

O primeiro núcleo indica que os CA tendem a atribuir aos professores as dificuldades de mudança, o que não deixa de ser uma visão ainda pouco crítica sobre os condicionantes políticos e externos à escola que se interpõem como obstáculos à educação integral. O segundo núcleo expressa a necessidade de ampliação dos espaços de escuta e diálogo na escola. Por fim, o terceiro e último núcleo aponta a disposição da equipe de enfrentar os obstáculos e criar as condições indispensáveis às práticas de uma educação integral. Em síntese, a pesquisa indica a necessidade de refinar, com os profissionais da escola, o conceito de educação integral e ampliar os espaços e tempos de diálogo para consolidar o exercício da gestão democrática. Esses são os

elementos constitutivos de uma educação comprometida com a plena formação humana e com a qualidade social do trabalho realizado pela escola.

Palavras-chave: Educação Integral. Qualidade Social da Educação. Pesquisa-Ação Colaborativa. Coordenador Pedagógico.

ENTRE O FIM E A CONTINUIDADE DO FUNDEB: NOVAS PERSPECTIVAS PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS IMPACTOS NA GESTÃO MUNICIPAL

Adriana Zanini da SILVA
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
EMEIF Homero Thon

RESUMO:

O financiamento da Educação Básica brasileira é um tema relevante para a progressividade do alcance e da qualidade da educação. Este trabalho analisará os fundamentos do financiamento da Educação Básica e seus desdobramentos na educação pública municipal. Tem como objetivo compreender as bases do financiamento da educação e as políticas de fundos.

Com a proximidade de 2020, último ano do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), também apresentará as perspectivas do financiamento da Educação Básica para propor reflexões sobre o melhor caminho à gestão municipal.

Há uma falsa ideia de que o financiamento da educação é um assunto que não se relaciona com o trabalho pedagógico e, conseqüentemente, não precisa ser priorizado pelos profissionais da educação, no entanto, estudos nos chamam a atenção de que diferentes grupos têm disputado o debate sobre o tema.

Incentivados pela lógica das organizações multilaterais e nos princípios da Nova Gestão Pública, diferentes grupos influenciam as agendas e as decisões sobre o financiamento da educação brasileira em atendimento às novas demandas do mercado e disseminam um processo ideológico de convencimento da incompetência do Estado e de seus funcionários. Uma crise fabricada e potencializada para desqualificar o papel das escolas públicas e transferir o dinheiro da educação pública para o setor privado, por meio de concessões, parcerias, vouchers, estreitamento curricular, precarização da formação, reformas minimalistas, dentre outras.

Harvey (2008, p.104) antecipa essa preocupação quando destaca que o Estado “[...] forma um segundo princípio organizador por meio do qual a classe dominante pode tentar impor sua vontade não somente aos seus oponentes, mas também ao fluxo [...]”. Neste contexto, diferentes grupos defendem a diminuição da presença do Estado no financiamento da educação pública, colocando-a em risco.

Paralelamente, o atual financiamento da educação brasileira traz em seu ordenamento jurídico questões fundamentais: a vinculação constitucional dos recursos, a definição das despesas com manutenção e desenvolvimento do ensino, a ação supletiva e redistributiva da União, o padrão de qualidade, a fiscalização da aplicação dos recursos e as políticas de fundos: o Fundeb.

O Fundeb tem, dentre outras, induzido melhoria na ação redistributiva e supletiva da União no financiamento da educação básica, mas é insuficiente para atender a demanda e a qualidade

necessária. Com o seu término, em 2020, uma possibilidade defendida é a aprovação de um novo regime jurídico para o seu financiamento, pois os fatores de ponderação utilizados no Fundeb não representam os reais custos de cada etapa e modalidade, especialmente para as creches. Soma-se a essa situação o fato de que a União não aprovou os parâmetros do padrão mínimo de qualidade.

Esse contexto ensejou a formulação de uma proposta de regulamentação do padrão mínimo de qualidade, conhecida como Custo Aluno Qualidade Inicial (CAQi) e Custo Aluno Qualidade (CAQ), apoiada por organizações sociais, pelo Conselho Nacional de Educação e incorporada ao Plano Nacional de Educação 2014-2024.

O CAQ desenvolveu “[...] uma matriz que buscou relacionar a qualidade oferecida em cada uma das etapas e modalidades de ensino com insumos necessários.” (ARAÚJO, 2016, p.161). Para o cálculo foram definidas quatro categorias: insumos relacionados à estrutura e funcionamento, aos trabalhadores e trabalhadoras da educação, à gestão democrática e ao acesso e permanência dos estudantes.

Araújo (2016) apresenta quatro simulações de financiamento da educação básica com base no CAQi e nos fatores de ponderação: Fundeb CAQi Pleno, Fundeb CAQ 1% do PIB, Fundo Único CAQ Pleno, Fundo Único CAQ 1% do PIB. Pinto (2018), no seminário da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, apresenta simulações atualizadas do CAQi e do CAQ e destaca que hoje a complementação da União no Fundeb é de 0,2% do PIB e se o CAQi tivesse sido implantado a complementação da União seria de 1,1% do PIB.

Em 2016, a Emenda Constitucional nº 95 congelou por vinte anos os gastos da educação, porém, não prevê limitação de gastos para complementação da União ao Fundeb, o que reforça a importância da defesa do CAQi e do CAQ, como uma das saídas para o aumento dos recursos à educação, por meio de uma complementação mais robusta da União ao fundo.

Garantir a qualidade da educação pública municipal significa enfrentar os desafios do financiamento em defesa da escola pública e em detrimento aos interesses hegemônicos.

O Fundeb contribui para a melhoria da educação, no entanto, tal melhoria está condicionada à complementação mais robusta da União. Nesse contexto, o CAQi e o CAQ representam a possibilidade de um novo ordenamento jurídico que inverte a lógica de financiamento: parte das necessidades reais das escolas para estabelecer o valor que o Brasil precisa investir, o que regulamentará maior complementação da União ao fundo e, conseqüentemente, aos municípios.

Defendemos a urgência da avaliação participativa dos Planos Municipais de Educação, das necessidades e de critérios de investimentos que levem em consideração a capacidade financeira de cada município, para que possamos nos posicionar, propositivamente, frente à nova proposta do Fundeb em tramitação no Congresso Nacional, a fim de garantirmos a progressividade do alcance, da qualidade e a proibição de retrocessos na educação pública municipal.



Palavras-chave: Financiamento da educação básica. Políticas de fundos. Custo aluno-qualidade.

GESTÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA AÇÃO NECESSÁRIA

Muriele Salazar MASSUCATO
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Vereador José Avilez

RESUMO:

O trabalho de monitoramento e gestão do processo de ensino-aprendizagem socializado no 1º Congresso intermunicipal de Educação do Grande ABCDMRR teve início em 2015 em uma escola da rede municipal de São Bernardo do Campo e, considerando o sucesso de implementação na ocasião, na qual constatou-se o aprimoramento dos instrumentos de acompanhamento da aprendizagem dos alunos, com impacto positivo nas práticas de salas de aula; o mesmo foi agora iniciado na EMEB Vereador José Avilez, sob a supervisão da Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental.

A EMEB Vereador José Avilez, localizada ao bairro Demarchi, em São Bernardo do Campo, conta com cerca de 450 alunos, sendo um complexo educacional que atende crianças desde a Pré-Escola ao Ensino Fundamental.

A coordenação do Ensino Fundamental da escola supracitada, reconhecendo a importância do monitoramento do processo de aprendizagem, para qualificação dos instrumentos e meios de acompanhamento pedagógico, lançou ações formativas neste sentido, abordando aspectos da avaliação processual e formativa, bem como incorporando a Planilha de Monitoramento da Aprendizagem (PMA), utilizada em ações de pré-conselho, conselho e pós-conselho com os seguintes objetivos:

- Coletar dados quantitativos acerca da assiduidade e da aprendizagem dos alunos;
- Documentar e aprimorar o acompanhamento referente ao trabalho pedagógico desenvolvido, oportunizando maior clareza acerca do processo de ensino-aprendizagem;
- Ampliar possibilidades de ação formativa, promovendo reflexões e autoavaliações docentes mais assertivas, bem como organizando orientações e efetivando formações que vão ao encontro das dificuldades constatadas;
- Qualificar os registros de avaliação, mantendo em um único arquivo digital o percurso anual de cada turma, oportunizando objetividade e transparência na leitura e divulgação dos dados;
- Promover o efetivo monitoramento das faltas, documentando e efetivando ações cabíveis, sempre que necessário, no sentido da garantia dos direitos das crianças quanto ao acesso, sucesso e permanência escolar.

A Planilha de Monitoramento da Aprendizagem (PMA) é alimentada com os dados nas reuniões de pré-conselho, onde fazemos o acompanhamento do percurso de aprendizagem dos alunos através da análise de seus portfólios, verificando saberes e dificuldades acerca de cada critério



elencado para o trimestre letivo, com vistas às metas anuais imprescindíveis. Desta forma, acompanhamos não somente as crianças com dificuldades, mas todos os alunos da escola. As Planilhas MA são posteriormente utilizadas em reuniões de conselho de classe nas quais a coordenadora registra sinteticamente as principais discussões e os encaminhamentos pedagógicos realizados. Por fim, os dados são compilados e apresentados aos docentes em gráficos para análise qualitativa, autoavaliação e replanejamento das práticas pedagógicas.

Os dados servem ainda como norteadores ao acompanhamento da coordenadora pedagógica, efetivando formações mais assertivas junto à equipe docente.

Ao final do ano letivo de 2018, esperamos avançar quanto às aprendizagens de todas as crianças, zelando pelos direitos de cada uma delas. Também acreditamos que a documentação dos avanços se faz necessária à valorização do trabalho da equipe escolar na perspectiva da manutenção dos acertos e constante aprimoramento nos serviços que prestamos. Os dados são ainda importantes na perspectiva de transparência na comunicação escola/família, cientificando os responsáveis quanto aos objetivos e resultados do trabalho desenvolvido.

Cabe, por fim, ressaltar que o mapeamento e o gerenciamento dos dados não fogem à perspectiva de avaliação processual e formativa, sem objetivar de forma alguma “ranqueamento” de alunos e turmas ou outras ações que ilustram práticas tradicionais e já superadas de avaliação.

Palavras-chave: Ensino fundamental. Avaliação de potencial de aprendizagem.

INCLUSÃO PROFISSIONAL NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Djanira Alves Biserra ARAUJO
Edson Henrique Santos de OLIVEIRA
Secretaria Municipal de Educação de Santo André
Creche Maria Delphina de Carvalho Neves

RESUMO:

Compreendendo o papel do educador como agente de transformação e para além da sala de aula, tenho despertado na equipe de trabalho a qual desenvolvo minha função de Assistente Pedagógica, olhar sensível para os dias de trabalho de Henrique, nosso auxiliar administrativo com deficiência visual total desde o nascimento, afim de que seja contribuinte com o atendimento de qualidade a que nos propomos, de maneira a ser, verdadeiramente incluído por direito ao exercício de sua função.

Desse modo, busco diariamente em parceria com a equipe, maneiras possíveis para que nosso parceiro possa desenvolver suas atividades essenciais e indispensáveis no dia a dia da creche. Sendo assim, constantemente nos colocamos a pensar formas diferenciadas para que a execução de seu trabalho seja possível.

Nesse sentido, criamos e repensamos alguns movimentos como: confecção de uma caixa organizadora com divisões e escrita em Braille para os materiais de uso diário dos funcionários dos vários segmentos da creche; transcrição dos livros paradidáticos em Braille; espaço de “contação” de história para as crianças e em momento de formação como deleite para os profissionais da unidade; mudança de seu mobiliário de trabalho de forma mais acessível ao atendimento ao público e de acesso aos meios de comunicação; campanha ao público a ser acionada sempre que precisarem de seu atendimento; exploração e reconhecimento dos espaços da creche; reconhecimento dos pares a partir do som da voz e do toque; estratégias para execução de trabalhos como carimbos nos livros; elaboração de bloco de levantamento de número de crianças por adulto, em atendimento a legislação; computador inserido na rede, além de muitas outras ações pontuais que já domina com tranquilidade e segurança.

Temos como objetivo, ampliar os horizontes de seu trabalho, abrir espaços para que tenha oportunidade de conviver também com as crianças da unidade, iniciar com as crianças processo de compreensão de inclusão, a partir do respeito, cooperação e colaboração com as diferenças existentes em cada um de nós, além de garantir o direito de desenvolver suas ações diárias com prazer e alegria.

Sabemos que a caminhada é longa e que muito ainda temos a avançar no quesito inclusão no trabalho, dado a dificuldade de equipamentos e acessibilidade, porém, nosso compromisso é de propiciar ao Henrique simplesmente o que lhe é de direito para que possa ter acesso ao que lhe motiva a estar todos os dias em seu local de trabalho como qualquer um dos outros funcionários que se predispõe a contribuir com o atendimento de qualidade que nossas crianças e familiares merecem. Desse modo, temos lutado diariamente com olhar sensível e consciente de que todos somos diferentes e com habilidades variadas, na certeza de que “juntos somos mais fortes!”

Palavras-chave: Integração social. Projeto de acessibilidade para cegos. Equipes de ensino.

O PAPEL DAS ASSEMBLEIAS E DO CONSELHO MIRIM NA CONSTRUÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Maria Helena Negreiros de OLIVEIRA
Rosimar Patricia Duarte REIS
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Prof^o Ramiro Gonçalves Fernandes

RESUMO:

A Gestão Democrática, diretriz nacional da Educação, implica a adoção de práticas previstas no Projeto Político Pedagógico, que devem ser capazes de envolver estudantes, docentes, funcionários e comunidade em geral, nas discussões e tomadas de decisão sobre as necessidades e projetos da Unidade, no seu acompanhamento, bem como outras questões definidas pelos coletivos da escola.

As assembleias escolares são o momento institucional da palavra, do diálogo, em que o coletivo se reúne para refletir, tomar consciência de si mesmo e tentar transformar tudo aquilo que os membros consideram oportuno. A assembleia é uma importante estratégia de mediação de conflitos na escola e adotadas pelos professores e alunos no cotidiano escolar, inclusive, em caráter extraordinário.

O Conselho Mirim, composto por representantes de sala e seus suplentes, participam de encontros mensais com a Equipe Gestora, apresentam suas demandas, registram as decisões, partilham o desenvolvimento dos projetos indicados pelos anos/ciclos e fazem a devolutiva de todos esses conteúdos para os seus grupos, gerando progressivamente um ciclo virtuoso de comunicação e participação.

O trabalho com as Assembleias e com o Conselho Mirim, implicam em ampliar o seu campo de atuação no cotidiano escolar, na relação com os demais colegiados, comunidade e nas campanhas promovidas na escola. Faz-se necessário ainda, expandir a tomada de decisão dos alunos e alunas, representantes e suplentes, quanto aos projetos indicados e eleitos por eles em suas turmas. O trabalho desenvolvido pretende também, fortalecer o lugar das assembleias como espaço de discussão, reflexão e tomada de decisão, co-responsabilizando a todos pelos encaminhamentos.

O processo de participação é um importante exercício democrático construído progressivamente no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Conselho Mirim. Espaço escolar. Tomada de decisões.

O TRABALHO DO PROFESSOR AUXILIAR DE DIREÇÃO (PROAUDI) NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL

Renata Maria SOBRAL

Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul
Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação (CECAPE)

RESUMO:

A formação continuada de docentes da Educação Infantil do município de São Caetano do Sul vem sendo realizada desde a década de 1980, com ações voltadas especificamente para os profissionais que atuam com as crianças que iniciam a vida escolar. Desde então, diferentes formatos de atendimento e acompanhamento da prática pedagógica têm sido propostos, sempre com o objetivo de ampliar as possibilidades do exercício profissional destes educadores, atendendo às especificidades da faixa etária que constitui o público alvo da Educação Infantil.

Por muitos anos, o diretor das unidades de Educação Infantil atuou de maneira solitária frente à gestão das escolas. Nesta configuração, este profissional respondia pelas questões administrativas e pedagógicas que permeavam o cotidiano das unidades escolares, acumulando várias atribuições, em um processo que dificultava uma ação mais específica junto aos professores e um acompanhamento mais pontual da dinâmica da sala de aula e da aprendizagem das crianças.

Atendendo a diversas solicitações dos diretores, no ano de 2011 a Secretaria de Educação de São Caetano do Sul selecionou, de um grupo de inscritos, 41 professoras que estavam atuando em salas de aula da Educação Infantil para trabalharem como Professoras Auxiliares de Direção (Proaudis), com o objetivo de colaborar com as diretoras nas escolas. Àquela época, a orientação era que os Proaudis deveriam ajudar em tudo o que fosse necessário. A regulamentação da função e o estabelecimento das funções a serem desempenhadas pelos profissionais não ocorreram naquele momento. Neste contexto, a prática do Proaudi passou a ser constituída no desenvolvimento de suas ações diárias. Não havia clareza do que exatamente cabia ao Proaudi no âmbito da gestão escolar. A dinâmica das urgências ditava o ritmo e os rumos do trabalho deste profissional no início de sua atuação nas escolas de Educação Infantil.

Com o passar do tempo, os diretores, os Proaudis e as professoras das unidades escolares foram construindo um vínculo entre si. A confiança, o respeito aos conhecimentos prévios de cada profissional e a formação de uma relação baseada no respeito e na parceria entre os atores escolares permitiram o fortalecimento do papel do Proaudi enquanto formador de professores, na maioria das unidades de Educação Infantil de São Caetano do Sul.

Os Proaudis, contudo, têm em seu âmbito de atuação, momentos em que respondem pela escola na ausência do diretor. Cabe a eles também o acompanhamento de algumas demandas administrativas específicas que, de alguma maneira, dizem respeito às crianças e à estrutura que os atende.

Na pesquisa realizada por Sobral (2018) são apresentadas, em linhas gerais, as experiências vividas por alguns municípios brasileiros em relação ao trabalho de coordenação pedagógica na

Educação Infantil. Por similaridade, observa-se que o Proaudi em São Caetano do Sul, também tem uma prática próxima àquela desenvolvida por um coordenador pedagógico, o que justifica os rumos da pesquisa. A ausência de regulamentação específica, no caso do município de São Caetano do Sul, trouxe, no início, certa dificuldade na aceitação do papel formativo do profissional junto ao grupo de professores. A falta de clareza em relação ao âmbito de atuação do Proaudi por vezes exigiu deste profissional um tempo maior na construção do vínculo de parceria com a equipe escolar.

Entre acertos e erros, a figura do Proaudi vem se consolidando como um elemento importante na equipe gestora. As ações de acompanhamento da prática do professor têm como pilares o conhecimento específico a respeito do desenvolvimento infantil, a habilidade do Proaudi na construção de relações sociais respeitadas e que valorizam fortemente os conhecimentos prévios de cada docente, além de um movimento permanente de atualização quanto à fundamentação teórica que embasa a prática profissional.

Neste contexto, as ideias de Placco e Silva (2015) estão presentes na atuação do Proaudi no que diz respeito às dimensões do formar: a dimensão técnico-científica, que abrange os conhecimentos referentes às teorias da educação e às inovações que surgem diariamente; a dimensão da formação continuada, que abrange o movimento constante de atualização desenvolvido por cada Proaudi e por ele mesmo em suas ações junto aos professores. As ações formativas em relação ao todo da escola caracterizam a dimensão do trabalho coletivo desenvolvido pelo Proaudi. Os professores necessitam, também, desenvolver conhecimentos específicos quanto à aprendizagem das crianças e as estratégias necessárias para que este processo se desenvolva. A dimensão dos saberes para ensinar abrange este aspecto do trabalho a ser desenvolvido com o professor, para que as relações entre a intencionalidade do professor e a aprendizagem das crianças se estabelecem cada vez mais e melhor.

Pela característica dinâmica da aprendizagem, Placco e Silva (2015) citam ainda a dimensão crítico-reflexiva do formar como um importante elemento no trabalho do formador de professores. A ideia é desenvolver no docente a habilidade de refletir sobre sua prática, para aprimorar o seu trabalho e ampliar os horizontes. Aliada à dimensão avaliativa, ambas buscam instigar o potencial reflexivo, avaliativo e de reestruturação do fazer pedagógico sempre que necessário.

Apesar de todo este cenário favorável ao trabalho efetivo do Proaudi nas escolas de Educação Infantil de São Caetano do Sul, a regulamentação da função ainda não ocorreu. Se considerarmos que o Proaudi foi profissional selecionado para este trabalho e que a qualidade de sua atuação como docente o destacou da maioria, pode-se compreender que a valorização do seu fazer é medida necessária de maneira imediata. O trabalho de formação de professores que ele realiza vem se consolidando como importante configuração do acompanhamento da prática pedagógica em São Caetano do Sul e, portanto, merece valorização e destaque para, inclusive, incentivar a continuidade de seu processo de autoformação. Nesta perspectiva, até mesmo a relação entre o diretor da unidade escolar e o Proaudi se fortaleceria, pois haveria maior clareza das atribuições do profissional enquanto membro da equipe gestora. Tal medida, também poderia contribuir para o fortalecimento do papel do Proaudi junto aos docentes,

entendendo a relação de parceria entre ambos como fonte de crescimento, de desenvolvimento profissional e de fortalecimento da aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Educação infantil. Professores de educação infantil. Educação permanente.

PROJETO UMA ESCOLA PARA TODOS E PARA CADA UM

Gisleine Cristina Felix Rodrigues SANTANA
Patricia Cristina FRUTUOSO
Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo
EMEB Cecília Meireles

RESUMO:

Fortalecer as concepções de criança enquanto ser em desenvolvimento e enquanto ser de direitos foi o pontapé inicial para propormos este projeto. Como educadores de escola pública, entendemos que nossa escola precisa garantir o acolhimento de todas as crianças, reconhecendo e respeitando as peculiaridades da infância, sem perder de vista a subjetividade de cada uma delas, garantindo a equidade no atendimento.

Por isso nosso projeto tem esse nome.

Conscientes sobre nossa responsabilidade na garantia dos direitos das crianças, articulamos diversas ações formativas com cada segmento (equipe docente, equipe de limpeza e cozinheiras, auxiliares em educação, estagiárias de pedagogia, órgãos colegiados e famílias) em um estudo apoiado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que define seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil que devem ser assegurados a todas as crianças: conviver, brincar, explorar, participar, expressar e conhecer-se.

Nesse contexto, discutir os direitos de aprendizagem das crianças com toda a comunidade escolar foi uma oportunidade de construir coletivamente um projeto pedagógico que considere um modo de a criança ser, conviver, aprender e se desenvolver assegurando condições para o seu pleno desenvolvimento.

Entendendo que as concepções afetam as ações desenvolvidas na escola, envolvemos toda a comunidade escolar nos planos formativos, uma vez que um dos princípios adotados nesta escola é que cada integrante da equipe tem um papel no processo de aprendizagem das crianças e a tarefa de cuidar e educar é partilhada por todos os adultos, que a assume como parte de sua responsabilidade profissional.

Com objetivo de integrar os diversos atores aos objetivos definidos no projeto, as gestoras criaram condições institucionais para o estudo dos documentos oficiais (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Base Nacional Comum Curricular, Estatuto da Criança e do Adolescente, Indicadores de Qualidade na Educação Infantil e Projeto Político Pedagógico da escola), subsidiando o planejamento de boas propostas para as crianças. Também investiram em boas estratégias formativas para contribuir com as reflexões do grupo e na construção de uma prática de ensino sob o enfoque da concepção de criança como ser de direito.

O plano de formação com as professoras contou com estudos sobre a organização de currículo em campos de experiência, discutindo as implicações pedagógicas nesta proposta. A partir dos estudos, realizamos planejamentos de atividades pedagógicas, buscando garantir às crianças o exercício de seus direitos de aprendizagem (BNCC), considerando as especificidades de seu desenvolvimento.

As ações formativas com os funcionários tiveram como foco o reconhecimento dos direitos definidos na BNCC, conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, nas diversas atividades que acontecem na rotina escolar. E, ainda, valorizar a participação da equipe na organização de espaços e desenvolvimento de propostas com as crianças e familiares na unidade escolar.

Com as crianças, cuidamos para que cada uma delas se perceba no exercício de seus direitos com sua participação no planejamento, na organização de propostas, nas tomadas de decisão, com ações mediadas pelo adulto que reconhece a cultura infantil.

Durante o projeto, inserimos também as famílias nesta reflexão, promovendo atividades que destacaram o protagonismo infantil e apresentaram os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Buscamos comunicar a importância e divulgar como são contemplados o exercício dos direitos das crianças nas diversas ações e trabalhos realizados na escola. Neste sentido, estreitamos os vínculos com os familiares das crianças, incentivando-os a participar da “vida escolar”, de forma a fortalecer as ações de proteção aos direitos da criança.

Esse trabalho permitiu refletir sobre o projeto político pedagógico da escola e, assim, qualificar a ação pedagógica em conformidade com as políticas da infância e educacionais (Estatuto da Criança e do Adolescente, Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular).

Foram propostos momentos de discussão sobre as especificidades da criança em desenvolvimento, o que colaborou na construção de referências que aprimoraram as relações e intervenções com as crianças. Conforme as discussões ocorriam e as tarefas eram realizadas, observávamos o quanto as pessoas observavam e refletiam sobre o seu fazer e sobre as ações da escola, sempre com o intuito de atender aos alunos da forma mais respeitosa e cuidadosa, reconhecendo a importância da produção de saberes construídas diariamente pelas crianças.

O projeto gerou mudanças ao promover maior compreensão da comunidade escolar sobre a criança como ser de direitos que precisam ser garantidos. Por meio dele, foram desenvolvidas diversas ações que deram visibilidade e reconhecem os direitos das crianças dando a elas a possibilidade de exercê-los de fato.

O resultado deste trabalho nos deixou satisfeitos com o grau de comprometimento, envolvimento e responsabilidade profissional da equipe. Essa importante iniciativa fortaleceu a interlocução entre os segmentos e a coerência nas ações com as crianças.

Com isso, qualificamos o ato de educar e cuidar na escola e envolvemos toda a comunidade no compromisso de construir uma escola que seja para todos e para cada um.

Palavras-chave: Educação infantil. Professores de educação infantil. Educação permanente. Equipes de ensino. Ações educativas.

RESGATANDO VALORES DE UMA COMUNIDADE NUMA PROPOSTA DE GESTÃO COMPARTILHADA”

Maria Aparecida Neves de CARVALHO
Renata Santos Evangelista SOUZA
Secretaria Municipal de Educação de Mauá
E.M. Perseu Abramo

RESUMO:

Falar em Gestão para muitos a palavra remete a uma estrutura hierárquica, em que há indivíduos submetidos à condição de mando de alguém.

Nossa proposta visa mostrar uma gestão horizontal na qual todos fazem parte do processo de construção educacional e social, envolvendo a todos os profissionais, alunos e comunidade escolar como um todo.

Envolver a comunidade interna e externa da Unidade Escolar de forma a criar e fortalecer dia a dia o sentimento de pertença desses pela U.E. possibilitando assim a realização de um trabalho de qualidade.

O trabalho desenvolvido a partir do cuidar de sementes, ações na unidade, customização de um retalho pelas famílias e funcionários, resultou em um “painel de valores da comunidade” utilizado nos diversos eventos, expressão pura da construção coletiva e que não se encerra, visto que a escola é um organismo vivo, em constante construção.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Espaço escolar. Tomada de decisões.

RESPONSÁVEIS PELA REALIZAÇÃO DO I CONGRESSO INTERMUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO GRANDE ABCMRR

Consórcio Intermunicipal Grande ABC

Grupo de Trabalho Educação

Santo André: Dinah Kojuck Zekcer; Sidnei de Oliveira;
São Bernardo do Campo: Silvia de Araújo Donnini; Marcelo Gama dos Reis; Nueli Olinda Quirino de Souza Vinturini;
São Caetano do Sul: Janice Paulino Cesar; Paulo Sergio Garcia;
Mauá: Denise Aparecida Debartolo;
Ribeirão Pires: Flávia Banwart; Silmara Vieira Del Dono; Dinah Navarro Rodrigues;
Rio Grande da Serra: Helenice Aparecida Arruda; Greyce Sueli de Miranda Lima Paula.

Comissão Organizadora e/ou Científica

Andréia Ribeiro da S. Panigalli; Célia do Carmo Leandro; Ana Sílvia Moço Aparício; Cristiano Pereira da Silva; Eliana Rodriguez Moreno; Fábio Gerab; Gilzane Machi; Greyce Sueli de Miranda Lima Paula; Iêda Ferreira do N. Garcia; João Wagner Martins; Juliana Cavasini da Silva; Karen K. L. C. Martins; Lucivânia Antônia da Silva Perico; Marcelo Furlin; Maria de Fátima B. D. Henriques; Nanci Marciano Vicente do Nascimento; Neide M. Torelli Marques; Nueli O. Quirino de S. Vinturini; Paulo Sergio Garcia; Regina M. Mazzari Viegas; Renata Hioni; Rita de Cássia dos Santos Chimenes; Roberto Henrique de Oliveira; Rosemeire Choveri Branco; Sabrina Rodero Ferreira Gomes; Sandramara Morando Gerbelli; Wagner Ciprino Araújo.